MANUEL DE BOAVENTURA

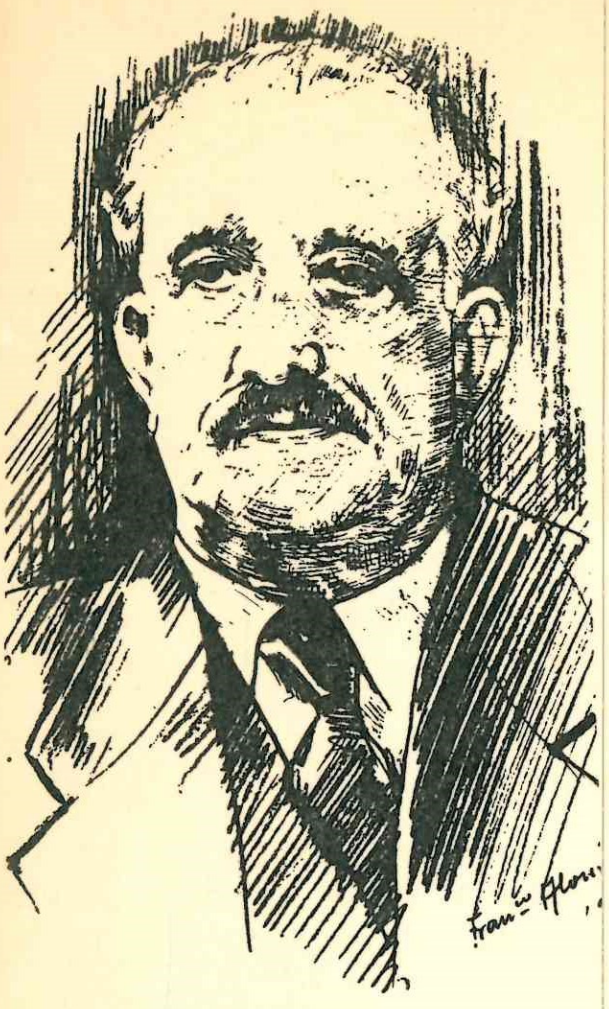


O SOLAR DOS VERMELHOS

2.ª Edição

II MILHAR

3Boavent



OBRAS DO AUTOR:

O SOLAR DOS VERMELHOS
Romance — 1.a Edição 1909

CRIMES DE UM USURÁRIO
Romance — 1911 (esgotado)

NO PRESÍDIO
Memórias dum conspirador — 1913 (esgotado)

VOCABULÁRIO MINHOTO
I volume — 1916 (esgotado)

TIMÓTEO O PENITENTE
Novela — 1921 (esgotado)

VOCABULÁRIO MINHOTO
II vol. — 1922 (esgotado)

CONTOS DO MINHO
Contos — 1927 (esgotado)

ÂNSIA DE PERFEIÇÃO
Contos Imperfeitos — 1947

CAPA DE
GONÇALVES TORRES

O SOLAR DOS VERMELHOS

Composto e impresso na Tip. «GIL VICENTE» — Barcelos

MANUEL DE BOAVENTURA

O Solar dos Vermelhos

(ROMANCE TRADICIONAL)

«...Foi uma dessas meditações artísticas que gerou o pensamento deste livro, o transmitir aos vindouros alguns fragmentos do passado...»

A. Herculano—Monge de Cister

2.ª EDIÇÃO

Edição da Livraria «LIZ»
BARCELOS

1960

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 15079

Peru.

Barcelinos

Razão de ser desta 2.ª Edição

O «Solar dos Vermelhos» foi publicado em Setembro ou Outubro, de 1909 — pelo editor Silva Vieira. Um ano volvido poucos exemplares restavam.

Silva Vieira pensou na segunda edição, alguns anos depois; mas a ausência do autor, por terras transmontanas e extremenhas, obstaram a efectivação desse seu desejo. A morte veio surpreendê-lo, precisamente quando tratava já da escolha do papel e de adquirir tipo novo, para a impressão.

Os anos foram correndo... E como de várias livrarias requisitavam o livro, pensou-se, de novo, na segunda edição, projectada por Vieira.

Entretanto alguns «brasileiros» regressados de Terras de Santa Cruz asseveraram, terem visto nos escaparates das livrarias do Rio e de S. Paulo, muitos exemplares do *Solar dos Vermelhos,* à venda.

Ora pela escrita do editor Silva Vieira, teriam ido parar ao Brasil uma centena de volumes, ou

pouco mais, que foram também ràpidamente vendidos entre 1909 e 1911.

Veio então ao meu conhecimento que, certa livraria do Rio, para atender pedidos de minhotos, mandara fazer uma edição fraudulenta, da qual não consegui ver um só exemplar. Mas Silva Vieira teve um desses volumes na sua mão, que lhe foi mostrado por um amigo de Fão, recém-chegado do Brasil. Haviam feito uma reprodução da capa, da autoria de Manuel Viana; e o papel e a impressão eram ordinários. Mas o que é certo, é que não foi possível conseguir-se qualquer exemplar, por se ter esgotado a edição-burla. Era a informação que vinha de lá.

Um ou outro exemplar que aparecia pelos alfarrabistas, adquiria preços astronómicos.

* * *

Neste comenos o diário bracarense «Correio do Minho» solicitou autorização, para o publicar em rodapé.

Dado o consentimento, era devida uma explicação preambular, e enviar o original devidamente actualizado.

Mas os maus fados vieram ao encontro, e a publicação não se fez.

Em Agosto de 1956, e talvez por falha de matéria prima — o «Correio do Minho» publicou o que segue, que um dos redactores encontrara no fundo da gaveta, onde jazia, ia por nove anos!

«Pretende o «Correio do Minho» publicar, em folhetins, um original português, que possa interessar à região, com o possível ressaibo lugareiro, — e garra minhota, se adregar...

Difícil coisa!

Os do «Correio» souberam, em Esposende, dum romancezinho, — «O Solar dos Vermelhos», que em 1909 foi editado, pela Livraria Esposendense, que teve alguns leitores; e que havia ainda curiosos que o procuravam pelos alfarrabistas, por se ter esgotado a edição, — há que tempos isso vai!

— E se fosse publicado em rodapé? — disseram.

Foram honestamente prevenidos da insignificância da obra e da nulidade e volume de valores, quer artísticos, quer emocionais.

Teimaram, e o Autor cedeu. Depois, foi-lhes entregue o único exemplar, existente na sua posse, que vale só por ser raridade bibliográfica. Mais nada.

Vai, pois, a velha novela, — que abarca uma nebulosa lenda tradicional, do terrunho nativo, — saír em folhetins do «Correio», para, de seguida, passar a volume, em 2.ª edição, após necessária e indispensável remodelação e restauro da linguagem.

Um pouco de história.

O «Solar» foi pensado e escrito em verdes anos, mal o Autor entrava os umbrais da mocidade, dos dezoito aos vinte, ou pouco mais. Foi um atrevimento!

Da boca de seu Avô, um velhinho octogenário, que tinha dentro de si, um armazém de lendas e tradições, de contarelos e de romancilhos, ouviu, deliciado o bastante para engendrar e compor, ao sabor da fantasia, a «história» de duas nobres famílias que, pela leve tessitura da lenda antiga, — deviam ter sido coevas dos primórdios da nacionalidade, ou mais além.

Tão longe isso ia, que o velhinho narrava assim:

— «Contava meu avô que já o tinha ouvido a outros avós, que na Mata e em Barbeitos, viveram, na era dos afonsinhos umas gentes tão antigas e remotas, que os próprios homens vestiam,

como as mulheres, trajes berrantes e coloridos, que ficaram conhecidos, pelos séculos adiante, por «fidalgos Vermelhins»...»

Daqui nasceu o título do pequeno romance.

No ano já afastado de 1903 ou 1904, a «história» foi moldada: e, de 1906 para 1907, escrita em definitivo, talvez sem intuito de publicidade, pois o Autor, — naquela época, — não alimentava a veleidade de supor dignas da «letra de forma» as suas congeminências e fantasias de menino.

Ou alimentaria? Na verdade, — a não ser a bem intencionada teimosia de preservar do esquecimento, velha lenda que se obliterava e perdia entre espessas neblinas do Passado, — de tudo carecia o Autor, e até a prática da vida lhe faltava.

* * *

Por esse tempo um homem, que foi um benemérito editor, de quantas obras folclóricas se publicaram no país, — o velho Silva Vieira, proprietário duma tipografia e director do hebdomadário, «Povo Esposendense», — pediu ao Autor que lhe lesse alguns capítulos do manuscrito. Não era homem de cultura o Silva Vieira, mas era inteligente e muito afeiçoado aos intelectuais, cujos trabalhos

publicava, com o maior desinteresse e, bastas vezes com prejuízos materiais.

O Autor leu-lhe o primeiro capítulo e um que outro excerto, Silva Vieira, no seu afã de estimular energias novas e dar ousio aos aprendizes, — (como isso falta hoje!) — entusiasmou-se:

— Meu rapaz! Isso vai-se dar a conhecer ao público! Deixa cá ficar.

E ficou! Ficou, para, durante mais de um ano, sair no rodapé do «Povo Esposendense», com o título de «Velharias duma Aldeia».

Silva Vieira que viu a tiragem do semanário aumentada, pensou logo na composição do livro.

Nado o pimpolho, que nome dar ao neófito?

O estimulador Silva Vieira foi o padrinho:

— Como se há-de chamar?

— ?

— Solar dos Vermelhos? Que te parece?

Pronto! E «Solar dos Vermelhos» ficou com a aprovação do Prof. e Director duma Escola Industrial de Lisboa, — Manuel Viana esposendense bairrista, que se encarregou do desenho da capa.

Concordo que seja disparatado o título, mas nasceu assim... dum conselho de três...

* * *

Pretende o «Correio do Minho» publicar isto em folhetins. «Publique, e faça correr...»

Não se sabe por quê, talvez por Silva Vieira grandemente o reclamar, a pequena edição, feita em 1909 — (1.000 ou 1.200 ex.) esgotou-se em menos de um ano e certo número de exemplares foi parar ao Brasil, onde o activo editor tinha correspondentes dedicados.

O romancezinho teve admiradores, deu no goto, como os folhetos de cordel; e o público-leitor digeriu a prosa menos mal, — porventura com mais apetência do que fastio. Enfileirou nas estantes, lobrigou-se por prateleiras modestas; e houve, até, quem, por ele, aprendesse a soletrar, destronando o «Método Repentino» e a «Arte do Monteverde»...

Para o inesperado êxito, grandemente devem ter influído os amores infelizes e contrariados dos dois personagens centrais: — Maria de Barbeitos e Gabriel — o degredado.

Verdade, verdade: o tema seria esplêndido, explorado por um escritor da craveira de Camilo.

Silva Vieira morreu, vai por uma dezena de anos, mas o seu sonho era ainda, nos anteparos da morte, reeditar o modesto livrinho, a que queria tanto, como se o tivesse congeminado. Mas era o seu «padrinho», perdoem-lhe a ingenuidade.

O folhetim não foi publicado, por virtude de um novo chefe de redacção ter horror aos rodapés, ou gana aos «escrevedores» de novelas...

Por minha vez não preparei o texto, por efeito de um crítico de responsabilidade e competência, ter dado parecer de esta 2.ª edição se manter integral, — padrão a marcar um ponto de partida.

Pretende, porém, o dinâmico editor senhor José Luís Correia, reeditar — da minha pequena bibliografia — o que estiver esgotado. E dá-lhe princípio, pelo... princípio, que é este livro de primícias...

Queira Deus se não venha a arrepender!

O SOLAR DOS VERMELHOS

PRIMEIRA PARTE

Uma Trindade de Brasões

I

O Solar da Mata e a residência de Barbeitos

> «É que por entre o arvoredo, lá em baixo, na rechã, descobrira o solar dos seus passados, cujas ruínas se erguiam denegridas e cobertas de hera, como a ossada de um gigante.»
>
> A. GAMA — O Sargento-mor de Vilar.

Não são só os grandes povoados que têm história. Nos pequenos lugarejos, em minúsculas aldeias, encontram-se muitas vezes factos mais dignos de menção que nas grandes cidades.

Vila-Chã é uma pequena aldeia do concelho de Esposende. Não tem, é certo, grande importância

política ou comercial que a torne digna de grande nomeada, mas teve, em compensação, um passado sofrìvelmente notável, que a tradição no decorrer de muitos anos conservou, para nos transmitir.

Não tem os vetustos conventos da Idade média que se vêem espalhados por muitas aldeias, mas teve os grandes solares, em séculos pretéritos.

Não tem, enfim, muitos atractivos que têm outras povoações, mas tem, para ressarcir, belas paisagens que recreiam a vista e dilatam o espírito.

Os sinceirais e os amiais que ornam os pequenos arroios, os anosos sobros e carcomidas carvalheiras que se encontram à orla dos caminhos, tornam a paisagem umbrática e majestosa.

Na primavera é soberbo e magnífico o panorama que se observa de diversos pontos, especializando o do alto de S. Giba e da Cerca. As cerejeiras e os abrunheiros, as macieiras e as pereiras, os limoeiros e as laranjeiras, que circundam os pequenos eirados, cobrem-se de flores, que exalam um aroma finíssimo e embriagam o olfacto.

Escondida na ramaria dos pomares, a passarada, forma como que, uma grande orquestra de centenares de músicos.

A abelha madrugadora procura, entre a corola subtil da flor, o sustento quotidiano.

A natureza inteira regorjita de vida!

. . . . . .

Luz e poesia, aroma e música — eis em quatro palavras a primavera na aldeia.

* * *

Leitor:

A história que vai ler-se nestas páginas não teve seu desenrolamento na época actual.

Queira, pois, por um momento, abandonar comigo este XX século em que vegetamos, e entremos na necrópole do velho Crónos. Abramos o mausoléu onde descansa o século XVIII; e do ataúde que encerra o seu quadragésimo filho, extraiamos essas cinzas mortuárias, apliquemos-lhe uma mezinha ressuscitadora e, depois de assim vivificado, comecemos nele a narrativa que este livro encerra.

Era, pois, em 1740.

* * *

Num dos locais mais pitorescos da aldeia em ponto solitário mas campeiro, erguia-se, então, o feudal solar da Tapada da Mata.

Um conjunto agradável de diversas arquitecturas formava o vetusto palácio, que assistiu impassível às lutas de cristãos e muçulmanos. Recebeu cutiladas dos crentes do Alcorão; mas recebeu-as como valente, porque as recebeu sem cair...

E quando entre-Douro-e-Minho foi dado em dote ao conde Henrique os solarengos moradores da Mata foram dos primeiros a apresentarem-se a seu lado.

Os ricos-senhores da Tapada — os *Vilares de Vermelhim* — foram sempre temidos como experientes guerreiros; por isso o conde Henrique se soube aproveitar dos seus méritos, para conjuntamente ampararem a pátria nascente.

O primitivo senhor da casa da Tapada foi, porventura, um nobre godo que nesse retiro julgou achar segurança para si e para os seus, depois de muitos anos de trabalhos e canseiras, naqueles brumosos tempos de sangrentas guerras.

Esse nobre godo, tronco e aborígene da casa Vermelhim, começou a edificar nesta apetecível rechã do Faro o seu palácio, poucos anos depois da reacção cristã das Astúrias. E, enquanto esse heróico Pelágio, velho companheiro de lutas e fadigas fazia germinar a semente da independência, o velho Vermelhim, já gasto e alquebrado, veio aqui procurar abrigo entre as espessas florestas, que então encobriam este rincão de terreno.

Desde então até aos dias do conde Henrique tudo se envolve em arcanos insondáveis. Mas, apesar dos *crònicons* da época não fazerem menção de seus feitos, os Vermelhins, como bons patriotas que eram, deveriam ter andado envolvidos na guerra, e lutado como leões.

O conde, informado disso, pagou-lhes generosamente a sua dedicação, consentindo-lhes o feudo da aldeia, que gozavam há muitos anos e o direito do imposto que estas terras pagavam ao condado.

Opulentado por esta forma não tardou muito que o solar da Mata se tornasse um dos mais ricos de toda a província.

* * *

Da aldeia tributária à Casa da Tapada não restam hoje mais que míseras relíquias em torno dos penhascos de S. Lourenço — duzentos metros ao poente da Mata.

Não restam hoje e é natural que há muitos séculos — nos princípios da monarquia — estivesse já, talqualmente em ruínas, o aldeamento castrejo.

As contínuas lutas entre os crentes da Cruz e do Alcorão haviam, porventura, destruído não só este como muitos outros povoados, assinalando assim a sua passagem.

Ouçamos a tradição.

Batidos os muçulmanos nos plainos de S. Lourenço — onde então tinha seu assento o povoado — ficou o campo juncado de cadáveres e muitas das cabanas reduzidas a cinzas. Os velhos, as mulheres e as crianças que se haviam refugiado nos bosques, quando tempos depois procuraram o abrigo das suas habitações e as viram servindo de cemitério a insepultos cadáveres, foram procurar abrigo nas selvas duma chã situada a norte, começando ali um pequeno *vilar*, isto é: um acoutamento de vilões, sujeitos ainda à soberania dos Vermelhins.

Daí a origem da moderna Vila-Chã, — a Vilar-Plano medieval. E o local onde outrora havia fechadas florestas e espessos matagais está, há muitos séculos, convertido em agras produtivas, e eirados feracíssimos.

* * *

Senhores — como já disse — de valiosas propriedades tinham, em diversas aldeias circunvizinhas, o direito de fogal e jugados, o direito de moradio e de coutadas. Tudo isto rendia avultadíssima soma, com que no S. Miguel os celeiros e cofres ficavam a abarrotar.

Mas a caridade é a rainha das virtudes, e os senhores Vilares de Vermelhim sabiam-no. Dois terços dessas somas eram durante o inverno divididas pelos vizinhos mais necessitados. O solar era, por assim dizer, o celeiro onde se guardavam os *são-miguéis* do lugar e onde mais tarde os iam novamente buscar, para sua subsistência.

Os Vermelhins — a quem o povo mais tarde chamou «Os Vermelhos», talvez por corrupção ou imitação do seu nome, ou ainda como diz a tradição pelo facto do seu vestido predilecto ser o encarnado — acudiam pressurosos a estes ataques da pobreza com a arma do Evangelho — a caridade. E então durante o inverno uma aluvião de aldeões subiam à pequena rechã, entravam o vetusto portal do palácio e lá iam ante o mordomo, quase exigir o que para ali, meses antes, haviam levado por obrigação — o pão para a fornada... Mas os seus pedidos eram sempre satisfeitos. Estas generosidades traziam aos fidalgos da Mata uma popularidade bem difícil de encontrar naqueles negregados tempos, em que imperava o feudalismo.

Séculos depois, os descendentes dos primeiros Ver-

melhins, — coevos de D. Dinis — acrescentaram e modificaram o solar de seus avós.

Foi daí que resultou essa promiscuidade de gostos arquitectónicos que há alguns séculos fazia realçar o extravagante mas pitoresco aspecto do venerando palácio.

As janelas em ogiva, os dois torreões quadrangulares que se elevam acima da flecha geral algumas varas, as colunas de duro granito que sustentavam as varandas, os átrios e os vestíbulos exteriores davam ao local um aspecto nobre, cheio de grandeza e fausto. E para complemento da paisagem sobressaiam ainda os amplos terraços, o odorífero jardim, o florido pomar, o olival, o souto de castanheiros e a mata de carvalhos seculares.

O solar, de que hoje apenas restam resquícios, era, como fàcilmente se depreenderá, uma casa majestosa. A frontaria principal era a do nascente. Ao norte abria-se o amplo portão em ogiva, no cimo do qual se viam — como já o deveriam ter visto os coetâneos de D. Dinis ou de D. Pedro — o brasão de armas dos Vermelhins.

Após ele, um terraço e a seguir o jardim. Destes, davam ingresso à casa dois lanços de escadaria: uma do lado norte (descendo para o terraço) outra do lado sul (para o jardim).

O pórtico era formado por seis colunas, cujos capitéis sustentavam um alpendre de rija madeira de carvalho. No patim deste alpendre havia uma porta arqueada — a porta de entrada para o salão nobre.

O interior eram salões, corredores, quartos, alcovas e não sei que mais,... tudo mobilado com luxo e decência, bom gosto e arte.

Durante a primavera o paço da Tapada era uma verdadeira casa de hospedagem onde os fidalgos de Braga e Trás-os-Montes vinham procurar as diversões, que não usufruiam nas suas terras.

E então eram essas tradicionais caçadas, onde «trezentos e sessenta cães» serviam de guarda avançada a vinte ou trinta caçadores, e onde se matavam diàriamente dezenas de perdizes e centenares de coelhos e lebres. Di-lo a tradição popular.

E como se tudo isto não bastasse — é ainda a tradição que o afirma — matava-se no solar, em todas as sextas-feiras de cada semana, uma vaca ou vitelo!...

Tanto fausto e grandeza havia por certo baquear; e baqueou.

* * *

Em 1740 Afonso Dinis da Intela e Vilar de Vermelhim era o legítimo representante dos Vermelhins coevos do conde Henrique e dos faustosos fidalgos dos dias de D. Dinis.

Era ele ainda o legítimo descendente desses godos seus longínquos avoengos que construíram numa rechã do Faro, em Vilar-Plano, o solar em que vivia.

O senhor Vilar de Vermelhim não tinha já na sua casa o luxuoso fausto dos seus ascendentes.

Não o tinha porque o não queria e também por não desejar ver novamente o que era seu, nas mãos de avarentos credores.

Seu avô legara ao pai a casa em más circunstâncias para empenhar; mas seu pai, para o livrar de embaraços, tivera o cuidado de lha legar sem circunstância alguma: — cada palmo de terra era mister para pagamento duma dívida!

Mas as coisas melhoraram.

Afonso Dinis poucos dias depois do falecimento de seu pai casou com D. Margarida Helena de Pedralves Pereira, filha segunda dum rico fidalgo transmontano — D. Diogo de Pedralves.

Este casamento trouxe a Afonso de Vermelhim um dote superior a oitenta mil cruzados, com que ele conseguiu pagar, senão todas, quase todas as suas dívidas.

Oitenta mil cruzados! Não seria muito, mas chegou.

Deste vantajoso consórcio, houve Afonso de Vermelhim dois filhos e uma filha: Germano, Helena e Gabriel. Germano era o primogénito e Gabriel o mais novo.

É este último o principal herói desta «história», que anda, ainda, na boca do povo.

* * *

Gabriel de Vermelhim, ao tempo que principia esta história, teria dezasseis anos.

Era um mancebo esbelto e simpático, inteligente e bondoso.

É raro que nesta idade o íman do amor — o coração, não haja dado já sinais das suas propriedades magnéticas.

É raro; mas o nosso jovem apresentado, até aquela época, não tinha tido ainda conhecimento prático do que seja esse, umas vezes suave sentimento que nos guinda ao empíreo da felicidade, e que outras vezes — e estas são as mais frequentes — nos arrasta ao cairel do abismo — o amor.

Se o homem tivesse o dom de adivinhar, Gabriel, por certo, seria um dos que por coisa alguma desta vida procuraria o amor. Mas... Até esta data, porém, o seu entretenimento favorito era a caça.

Nos terrenos da coutada, na mata da quinta, ou nos montes do Faro passava ele horas e horas, umas vezes acompanhado de seu pai e irmão, outras só.

Como então era feliz!

* * *

Afonso Dinis entregara a educação de seus filhos a um velho frade beneditino, homem sapiente, e pedagogo eminente — frei Mendo de S. Romão.

Aos cuidados deste sábio varão entregou o senhor de Vermelhim a educação intelectual e moral de seus três filhos. E, diga-se de passagem, difìcilmente encontraria melhor preceptor.

O monge ensinou o latim e a história, a geografia e as matemáticas, tudo, enfim, que sabia. E, como era

também um hábil cultor da medicina, inoculou nos seus discípulos o gosto por esta ciência.

Afonso de Vermelhim rejubilava com os progressos dos filhos e pensava fazer de Germano um médico e de Gabriel um padre.

Errava.

Gabriel fazia mais progressos na medicina que nos latins. Germano cultivava mais os cânones que seu irmão.

Desta desigualdade de aptidões resultou não terem efeito algum os desejos do velho fidalgo.

Velho é modo de dizer. O senhor da Intela e Vermelhim não tinha ainda sessenta anos; e apesar das suas níveas barbas denotarem senectude, os seus músculos eram ainda rijos como o deviam ter sido também, em igualdade de circunstâncias, os férreos tendões dos seus dezoito ou vinte avós...

II

Continuação do Solar da Mata e a residência de Barbeitos

> «...a formosa cabeça desta menina, que teria então dezoito anos, era um busto de Pigmalião não aviventado pelo amor ardente do seu autor, mas por influxo radioso da vida dos querubins.»
>
> CAMILO — A Sereia

José Lopes de Faria Barbosa e Ponce Barreto era, desde há muitos anos, o abade da paróquia de Vilar-Chã.

Descendente de uma nobre família dos arredores de Barcelos, o velho Ponce Barreto vivia fidalgamente na sua solarenga residência de Barbeitos — um lugar desabitado, quase a nascente da aldeia, mas lavado de ares duma apetecível paisagem que faria inveja aos quadros mais pitorescos do mais célebre artista coevo.

As terras de Barbeitos, junto com o grande passal, ocupavam quase meio terço da freguesia. De forma que,

C. M. B.
BIBLIOTECA

dilatando-se os territórios da Tapada por dois terços, ficavam os moradores possuindo apenas pouco mais de meio terço. E com isso se julgavam felizes os nossos avoengos.

O senhor abade Ponce era já idoso.

Tinha uns bons setenta anos, pelo menos, mas era ainda um homem forte, gordo e de boas cores, como todos os abades.

Um nada fanático e supersticioso mas muito praenteiro e palrador.

Era bem-querido dos seus paroquianos; e, a despeito da sua jerarquia, era encontrado frequentes vezes palestrando com eles nos campos e agras, onde andavam labutando.

. . . . . .

Barbeitos era, depois da Mata, o mais belo recinto de muitas léguas em volta.

Tinha um magnífico jardim, um grande pomar, produtivas vinhas, viçoso laranjal, muitos campos e olivais. E juntando a tudo isto o amplo passal, temos uma ideia, ainda que incompleta, dos territórios que os abades Ponces Barreto gozavam, havia já três gerações.

Três gerações de abades!... Sim. O nosso apresentado herdou a abadia de um seu tio materno, que por sua vez a tinha já herdado do, ainda hoje, lendário *Abade Velho de Basto*, seu muito próximo parente.

Pelo visto a rendosa abadia estava sendo um património hereditário dos senhores da Casa de Barbeitos.

* * *

Em 1740 — se os cálculos não falham — a páscoa foi em Abril.

E se a páscoa nos traz regozijo e contentamento por festejar e comemorar a Ressurreição de Cristo, a ninguém, como ao abade das nossas aldeias minhotas, pode alegrar mais.

É o tempo dos folares.

A páscoa no Minho é uma festa poética, como todas as festas regionais.

No *domingo do compasso* o páraco faz a mais larga das colheitas.

Os ovos, que às vezes se contam por milhares; as roscas de pão de ló e de pão podre; os ovos *tingidos* e desenhados a capricho; os biscoitos de fresco molete; e outras muitas prendas de folar enchem a dispensa e põem os armários a esbordar, quase de um ano ao outro.

Mas vamos ao que mais importa.

Naquele ano da graça, no presbitério de Barbeitos, havia duas semanas que ia um movimento desusado. Criados e criadas, moços e moças da lavoura andavam numa azáfama sacudida e alegre.

Todas as salas e quartos eram lavados a preceito; os móveis limpos do pó que, quiçá ali estivesse depositado desde o ano transacto; as paredes caiadas de novo; os tectos pintados; e os pátios livres das ervas que nasciam pelas fendas das lágeas.

E porque tanto trabalho?

E que a *Morgadinha* — segunda sobrinha do senhor abade — vinha, pela vez primeira visitá-lo, e passar uma temporada em sua companhia.

A morgadinha, aquela *dona Morgadinha* que o povo divinizou, era filha única duma sobrinha do abade, que tendo casado em Barcelos enviuvara dois ou três anos depois do seu consórcio.

Por expressa e última vontade de seu marido, a viúva logo que a filhinha atingiu a idade necessária para principiar os estudos, recolheu-a a um convento de Braga, aos cuidados duma freira, tia do seu defunto marido.

Custou-lhes a separação, mas cumpriu-se a última vontade dum moribundo.

Meses depois a viúva morria também, deixando a filhinha duplamente órfão, tendo ùnicamente como parentes o tio abade, uma velha tia que com este vivia, e a freira sua preceptora.

Tinha então doze ou treze anos e era uma criança encantadora.

O abade visitava-a frequentes vezes e havia prometido tirá-la do convento logo que concluisse seus estudos.

Em vésperas da páscoa de 1740 o abade resolveu ir buscar a sobrinha para vir passar com eles a festa do Senhor, e talvez, para preparar uma união que de há muito planeava...

*
* *

Na quinta feira de Endoenças, ao pôr do sol, parou ao portal da residência uma liteira conduzindo dois passageiros: o abade e a sobrinha.

Maria — ela tinha este nome... o nome sagrado da mãe do Nazareno, — era uma jovem e sedutora moça de quinze para dezasseis anos.

Dezasseis anos! o desabrochar para a vida!...

. . . . . .

A criadagem, quando ela apeou, julgou ver diante de si, não uma criatura do mesmo barro que Adão, mas um anjo da mansão celestial, tal era a sua beleza!

A jovem sorriu-lhes com um sorriso de infantil candura e subiu a abraçar a tia Teresa, que ela não via há muitos anos. E depois de muitos abraços e beijos se terem trocado mùtuamente, foi pela tia guiada aos seus aposentos, — os melhores da casa, aqueles que a boa velha julgou mais cómodos, asseando-os com a *limpeza* mais rica e luxuosa que possuia, nos arcazes de castanho.

Maria sentou-se no leito, de fatigada que estava, e começou por contemplar cada um dos objectos, que a cercavam.

. . . . . .

Nesta abstracção se deixou ficar, até que a tia, chinelando ao longo da varanda, a veio arrancar desta modorra, chamando-a para a ceia, que fumegava já na mesa.

* * *

A sala de jantar na solarenga residência era um amplo salão de paredes muito alvas, mas de tecto denegrido e baixo como o de quase todas as casas antigas.

As paredes eram de estuque colmado e estavam adornadas com estampas, tendo a um lado uma tela grosseira representando a Ceia. Do lado oposto estava um grande crucifixo, onde um Cristo de marfim pendia pregado.

Do tecto descia um candeeiro de latão, com os seus três bicos acesos.

A sala tinha duas janelas e igual número de portas, uma das quais dava para a cozinha, onde os criados e moças da lavoura, conversando, discutiam os encantos e atractivos da nova patroa.

Maria, que ficara em frente dessa porta, pôde colher algumas frases desse rústico diálogo.

— Sabe ti'André, é a menina mais linda que tenho visto!

— E rica?... Vós não sabeis nada-ó!... Eu é que sei a fortuna que a espera. Nem ela sabe...

— Àgora! — disse da lareira o ti'João de Norelho — o abegão e encarregado da lavoura. — O senhor abade tem duas razas de cruzados novos, qu'eu vi co'estes que a terra há-de comer. Sabes mestre André?

— Lá isso não duvido eu, ti'João.

— Boa maré prò fidalgo casar o morgadinho.

— Canté! E a amizade? Cadula...

— Homem, às vezes podiam ficar amigos...

— Lá isso não creio eu. Bom negócio é ele... Mas não sei, não sei...

— Mesmo o senhor Germaninho... — disse do lado uma rosada moça — não quer casar; acho que quer ir para padre.

— Mas ainda há o Gabriel. Quisessem eles...

— Sim lá o Gabrielzinho...

— Servia bem-ó!...

— Meus rapazes: eu tenho os cabelos brancos e sei o que é mundo. Não bota muitos meses que o nosso abade não case a fidalguinha com o senhor morgado dos Filipes.

— Bateu no vinte ti'João... É o que vai acontecer.

— Co'os diabos mas ele é muito mais velho. A fidalguinha quer lá o velhorro!...

— Assim será...

. . . . . .

A conversa continuava e Maria de tudo isto foi depreendendo que havia, talvez muito perto dali, uns fidalgos solarengos. E, vá lá, diga-se tudo: à Maria não desagradou nada a conversa que os rudes serviçais de seus tios alimentavam na cozinha.

Dezasseis anos! Oh! o desabrochar para a vida...

Mas... onde está a felicidade?

. . . . . .

* * *

Terminada a refeição, os tios julgando-a fatigada aconselharam-na que retirasse à sua alcova, a fim de descansar um pouco das fadigas da viagem.

Maria, porém, não quis dar parte de fraca. E só depois de muito conversar com seus bons tios é que se recolheu.

Da cozinha vinha ainda um som confuso de vozes. Era a criadagem que rezava *graças a Deus*.

Maria, ouvindo a voz forte de seu tio que oferecia padre-nossos por todos os santos da corte celestial, lembrou-se daquelas estopadas similares a que se viu sujeita no recolhimento.

Lembrou-se, mas já sem receio de as tornar a sofrer.

E apesar de muito acostumada àquela toada plangente, aprazia-lhe escutar o ofertório.

— Um padre-nosso à Senhora do Lago e ao Senhor de Fão que nos livre do inferno.

E um misto de vozes entoavam melancòlicamente o padre-nosso.

— Um padre-nosso a Santo Ovídio que nos livre da surdez.

E o coro entoava outro padre-nosso.

— Um padre-nosso a Santo António para que nos guarde os nossos animais; a Santa Luzia que nos dê vista e claridade na alma e no corpo; à Senhora da Guia que nos guie por bom caminho; ao santo dos nossos nomes; ao bom anjo Custódio, a S. João, nosso padroeiro, que nos abra as portas do céu; a S. Pedro que nos agasalhe bem... E... caro leitor: para lhe dar a lista completa necessitava algumas páginas; por isso desisto de continuar a nomenclatura de santos, que o bom abade, da sua cadeira de braços, puxava do céu à terra, para protegerem a humanidade.

III

Um dia de Páscoa na aldeia

«O Natal é a festa da noite, a Páscoa a festa do dia.
Pelos caminhos da aldeia o pároco revestido de sobrepeliz e estola...
Os vizinhos invadem uns as casas dos outros...
. . . . . .
O padre chega. Enche-se a casa. Aleluia, boas festas.....»

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA – Minho Pitoresco.

Chegou alfim o domingo de Páscoa.

A missa nesse dia foi, na pequena paróquia, mais cedo que do costume, por causa da visita pascal.

O povo, envergando os seus fatos domingueiros, assistia à missa num regosijo de crente, que aguarda a visita de Deus.

A um lado do altar-mor, sobre o supedâneo, estava a cruz pascal, totalmente coberta de flores naturais e artificiais, de vistosos e coloridos penachos, que a escondiam por completo como se não fosse da melhor prata!

A cruz da igreja! Essa preciosidade arqueológica que para escapar aos franceses, 68 anos mais tarde, haviam de esconder dez vezes mais! — tanto que ainda até hoje foi possível descobrir-se? Sim.

Pois essa cruz de prata, naquele domingo de páscoa de 1740, desaparecia completamente sob uma enorme profusão de flores, deixando apenas a descoberto o Cristo de ouro que exímio artista burilara muitos anos antes. E o povo, aquele povo crente, quase fanático, não sei, mas talvez julgasse ver, naquela imagem, o próprio Deus vivo!

* * *

Ao fim da missa o cruciferário, os eleitos, os moços dos folares, o campanulário e ainda outros personagens, reuniram-se na sacristia rodeando o abade.

O austero pastor enquanto preparava a sua sobrepeliz e o barrete de três bicos — objecto este que não sentia o calor do sol senão de ano a ano, no dia do *compasso pascal* — ia palrando com os do seu séquito, criticando, a um os seus novos tamancos de Viana; a outro os enormes colarinhos de fino linho que lhe encobriam a lapela da véstia. A este elogiava a boa qualidade dos seus calções de lã, que a despeito de haverem servido na mocidade do avô, passaram à do pai, e do pai ao filho e,... ó felicidade dos nossos avoengos — sempre novos e bem cuidados!... Aquele mostrava ainda as vantagens de usar cara

rapada em vez das *barbas pescoceiras* à laia de coleira de pregos... etc., etc.

Os homens, longe de se melindrarem, riam a bom rir, com esse rir descuidado e jovial dos nossos aldeões.

E o abade, depois de entregar o hissope a um rapaz que o havia de conduzir a seu lado durante a visita, preparava-se para sair.

— Mas senhor abade — disse um dos moços de folar — não vai mais uma cesta pròs folares? Vossoria este ano sempre recebe mais prendas. Tem mais uma pessoa em casa...

— Ah! ah! ah!... Qual? Que dizes Luís Pires? É o costume.

— Mas... a senhora morgadinha?

— Este ano!... sei lá!

— Vossoria há-de ver como caem mais uns batezinhos... Sempre é pessoa de casa.

— Senhor abade vossa mercê faça como entender, mas olhe que vossoria não perdia nada, indo mais um moço — disse dum canto o velho João Norelho.

O abade meditando um pouco disse então:

— Pois venha mais um. Vai a casa, João, e diz ao meu afilhado que traga uma cesta, e saia para o Outeiro.

O afilhado era um filho do próprio Norelho.

E as ordens do abade foram cumpridas.

* * *

O leitor que tivesse prestado atenção à conversa dos criados do abade, no dia em que Maria chegara à

residência, concerteza se lembraria ainda de os ouvir dizer que entre os Vermelhins e os Ponce Barretos não reinava a concórdia.

Pois se eles o disseram, temos restrita obrigação de os acreditar. Eram homens da época e falavam verdade.

Havia muitos anos que as duas famílias, por uma questão de delimitações, se odiavam mùtuamente. E era tal essa aversão que os ricos senhores da Tapada raras vezes ouviam missa na igreja da paróquia. E verdade que para isso concorria muito a circunstância de eles a poderem ouvir na capela da casa, celebrada pelo frade beneditino, Mendo S. Romão.

Como, porém, o monge enfermara, tanto no domingo de Ramos como no de Páscoa, foram ouvir missa à paróquia.

* * *

Entre os diversos personagens que no domingo de Páscoa se encontravam no adro da pequena igreja, após os preparativos para a saída da Cruz, figuravam em primeira linha os dois irmãos Germano e Gabriel.

Num grupo muito próximo, um moço aldeão, jornaleiro do abade, encarecia, aos seus numerosos ouvintes, a formosura, encantos e virtudes da *dona morgadinha*. Os do grupo faziam-lhe perguntas e entre elas qual seria o fim com que o senhor abade trouxera a sobrinha para casa.

— Disse lá, a moça da cozinha, que o nosso abade a vai casar com o fidalgo da Quinta velha.

— Bom negócio, lá isso...

Não acabou, porém, a frase.

E que à porta da igreja acabava de assomar, descendo para o adro o objecto, que era assunto da conversa do grupo.

— Lá vem a morgadinha — murmuraram muitas vozes

— Vê-lá-i bem! — disse o jornaleiro.

E todos se quedaram boquiabertos.

* * *

Era efectivamente Maria que, acompanhada por sua velha tia seguia por entre a multidão e se dirigia a casa.

Foi uma aparição radiosa. O povo, como poucos dias antes a criadagem do abade julgou-a uma divindade.

Todos se descobriram respeitosamente à sua passagem. Todos. Até os próprios irmãos Vermelhins — Germano e Gabriel!

Até os altivos fidalgos que talvez jamais cumprimentassem a família Ponce Barreto!

E Maria, no entretanto, ia passando sorridente. E quando ultrapassou o fojo, onde os dois irmãos se quedavam, fitou-os num relance.

Deviam ser aqueles personagens os que ela ouviu nomear em quinta-feira de Endoenças. Deviam ser

eles. O seu porte nobre e altivo, e os seus trajes luxuosos e garridos acusavam fidalguia.

Eram, concerteza, os fidalgos.

E ficou impressionada.

Oh! os dezasseis anos!...

* * *

Mas a jovem passou o fojo e os mancebos ficaram auscultando ainda a plebe que se apinhava no adro, fazendo comentários.

Passou. Para Germano passou uma criatura encantadora, mas... mas filha duma família que odiava a sua. Para Gabriel. . . . . .

. . . . . .?

* * *

Estava um esplêndido dia de Abril aquele domingo de Páscoa de 1740.

O sol, que se elevava no espaço, dourava as iriadas gotinhas de orvalho pendentes das sebes floridas, termocauterizava o ambiente e punha em toda a natureza a nota viva dos grandes regozijos.

Na aldeia ia um movimento espalhafatoso.

De lugar em lugar, de eirado em eirado, de casa em casa andava o povo seguindo a cruz, que o som argentino da campainha, vinte ou trinta passos à frente, vinha anunciando.

A mocidade jovial, numa inocente promiscuidade

de sexos, permutava entre si os folares, ria, namorava e folgava.

Era um dia de ressurreição e por consequência de regozijo universal.

São raros os dias festivos; é pois mister aproveitá-los.

Eia pois: gozar, gozar... que o prazer é passageiro!

* * *

Chega a cruz.

— Lá vai para casa dos da Aldeia! — disse um — corramos lá.

— Vinde a nossa casa! — dizia uma formosa aldeã, convidando um grupo de mocidade — Vinde lá beijar a cruz, senão não vou à vossa casa...

— Vamos lá a vossa casa... Vamos a casa do ti'Zé Valente...

E uma multidão de homens e mulheres, mocidade e crianças, entrava de roldão o portal-fronho, subia à varanda, toda juncada de ervas cheirosas e precipitava-se na velha, mas bem arranjada sala, e lá ia ajoelhar sobre um tapete de flores campestres, dum odor e matiz frescainhos para, conjuntamente com os donos da casa, beijar a cruz do Senhor...

Que ingénuo e adorável povo!

* * *

José Valente era o mais abastado lavrador da aldeia.

Era um septuagenário conservado, rijo e tão valente como o indicava o seu nome. Trabalhador infa-

tigável cuidava com mestria as suas leiras e amanhava com esmero as suas vinhas, donde tirava óptima pinga.

A casa do ti'Zé Valente era ponto obrigatório de descanso, no dia de páscoa, para os do *compasso*.

Por isso o senhor abade era íntimo da Casa de Aldeia. E José Valente era homem amigo do seu amigo.

* * *

Quando os agudos e festivos sons da campainha se ouviram na eira do velho lavrador, já ele vinha da adega com um bojudo pichel de vinho na mão. E, quando a cruz chegou, lá estava já, coberto por alva toalha de linho, sobre a carcomida mesa de castanho o pichel do vinho, o copo de vidro por onde havia de beber o senhor abade, e o de louça por onde bebiam os outros, a travessa dos doces, o bate de pão-de-ló e os biscoutos de molete... com que o abade e sua comitiva haviam de refocilar as forças para continuar a visita do Senhor.

Entra o campanulário e, após ele, o cruciferário de opa vermelha e lenço enrolado na cabeça à laia de turbante mourisco, — prevenção contra o ardor do sol.

Começa o beija-cruz pelos donos da casa. E ao mesmo tempo que dá a cruz a beijar o mordomo vai dizendo a meia voz:

— *Aqui entra...*

E segue-se uma pequena pausa motivada pela demora de passagem da cruz da boca dum, para a boca doutro.

— *Nosso Senhor...*

Segue-se igual pausa.

— *Crucificado... ressuscitado... que vem dar... as boas festas... à gente... desta casa, aleluia... aleluia... aleluia!...*

E repetia-se esta melopeia invariàvelmente, enquanto houvesse quem beijasse a cruz.

Mas eis que chega o senhor abade com o seu roquete de alvas rendas, sobre o qual brilhava dourada estola. Traz na cabeça o seu barrete de três bicos: parece S. Lourenço...

— Boas festas! Boas festas!... Aleluia... Aleluia... Aleluia. Boas festas José Valente; para ti e para os teus. Praza a Deus que de hoje a um ano...

— Vossoria me torne a dizer o mesmo! — atalhou risonho o lavrador.

— Tu estás mais rijo que eu; e nós somos do mesmo ano.

— Mal pecado, senhor abade: vossa mercê é ainda um menino; velho... eu. Vossa senhoria parece ter metade da minha idade... Olhe que eu já conto para riba de setenta janeiros.

— E sempre *valente*... rijo e fero como o diz o teu nome. Não é assim José Valente?

O lavrador respondeu-lhe com uma gargalhada jovial.

— Senhor abade: essa gordura há-de pesar. É mister descansar um isco. Vossoria sente-se aqui. Báh...

E José Valente apresentou-lhe uma cadeira de espaldar que já seu visavô havia conhecido na casa; velha sim, mas de arqueológico merecimento também.

O abade sempre gracioso sentou-se; e os da comitiva fizeram outro tanto, enquanto o visitado descobria os pichéis do verdasco e esfatiava uma fresca rosca de pão-de-ló das de seis arráteis.

—Que óptima pinga, ó José! É isso que te faz essas cores...

—Ah! ah! ah!... Cores? Graças do senhor abade. Cores da velhice... Vossoria sim. Essas ainda são cores da mocidade. Vossemecê parece uma maçã do S. João. Rosado como um menino. E gordo que...

—Vais comparar-me talvez com o Frei Ferros, de Palme?

—Ó senhor abade que gordura de homem!... Ele até lhe chamam o *frei Tonel* ah!... ah... Ó senhor padre José! se eu fosse assim?...

—Canté... Mas... nada, nada... Já tinhas morrido Não podias contigo homem... Vamos a outra malgada do teu vinhão. Deixemo-nos disso. É verdade: por falarmos do convento: —Como vai o rapaz? Dá-se por lá bem?

—O nosso Nicolau? Credo! Então não se há-de dar bem? Quem é que se não dá bem no Convento de Palme?!

—Sim, sim! Dizes bem. Nas casas do Senhor está-se sempre bem. E ele professa ou não?

—Isso é que ele não diz. Mas deçerto... —Ó senhor abade: vossoria ainda não bebeu.

—Tens razão. E por pouco que me esquecia, sabes?

O lavrador queria ver todo o mundo a comer e beber:

— Ó Luís bota vinho a essa gente. Báh! Esse molete é para se comer. Ouvistes, ó vós?

— Não se incomode ti'Zé.

— Ó Zé Lourenço! ó Luís Pires! Tendes vergonha? Comei rapazes. Bebei...

— Ah ti'Zé! Não trabalharemos nós; mas comer... come-se.

O abade meteu também a sua colherada:

— A minha gente, José, é toda *biqueira*. Não é assim rapazes?

— Eu cá pelo menos... — principiou um.

— É verdade — chasqueou o padre — aqui o João de Lagoinhas pouco tem bebido. Meio almude pouco mais ou menos...

Risada geral.

— O Luís Pires, outro *biqueiro*. Esse nem meio almude bebeu. E a respeito de molete e ovos tingidos?!

— Já lhe perdi a conta senhor abade — respondeu o interpelado.

A palestra continuava assim cortada de ditos picarescos, onde, de quando em quando, o padre José Ponce intercalava uma sentença latina, um adágio popular, ou uma frase clássica.

Meia hora depois os *eleitos*, o cruciferário e os restantes *maiorais*, precedidos do abade saíam o portal da moradia de José Valente, e seguiam o itinerário do costume, repetindo-se sempre idêntica cena, desde a

casa do mais abastado lavrador até à última choupana da aldeia.

E por toda a parte, de envolta com os aromas inebriantes das flores e o aspecto suavemente poético da festa, campeia a alegria e a fraternidade — as duas características mais proeminentes da vida simples dos nossos aldeões.

Oh! o dia de páscoa na aldeia!...

IV

Segredos duma carvalheira

«...amor nos olhos que a fitam, e amor nas palavras que a convencem de que há um coração para cada homem, e uma só mocidade para cada mulher.»

CAMILO — Amor de Perdição

Quando o *compasso* chegou à solarenga residência viam-se já luzir na concha incomensurável do infinito algumas estrelas mais madrugadoras. Era noite cerrada.

A residência presbiterial, sendo, em geral, nas proximidades da igreja é a última que recebe a visita pascal. Assim o manda o *Livro dos usos*; — é do estilo e assim se cumpre.

A vasta sala de Barbeitos estava, naquele ano, adornada com um luxo, que contrastava bem com a simplicidade dos anos pretéritos.

Tudo eram luzes e aromas.

Os pavimentos estavam tapetados de flores e plantas cheirosas, sobressaindo as cores campesinas dos pampilhos, e os cachos oirados das mimosas.

A meio da sala um candelabro de reluzente metal espargia das suas dozes velas ondas de vivificante luz.

Pelas paredes, formando artísticos troféus, vistosas colgaduras de seda faziam campo a graciosos escudos de flores. Do tecto pendiam cordas de verduras, enfeitadas de rosas de Alexandria.

O precioso oratório de pau-preto quase desaparecia no meio da profusão de flores, com que mãos patrícias o ornamentara.

Era um verdadeiro *céu aberto*, segundo a classificação e conceito dos homens do *compasso*.

* * *

O beija-cruz na casa de Barbeitos foi como em todas as outras casas. Começou pelos donos da casa e seguiu indistintamente pelos criados e amigos, que naquele ano — não sei porquê — eram mais numerosos que o costume.

Entre estes estava também um personagem estranho à paróquia.

Era Nuno Diogo de Alvre e Gragido senhor do morgadio de S. Plágio e um dos mais dilectos amigos do abade Ponce.

Deveria ter de trinta e cinco a quarenta anos e era solteiro. Orgulhoso e altivo gozava de gerais antipatias entre o populacho, ainda que os da sua estirpe e categoria o considerassem sofrìvelmente.

Dispunha duma fortuna enorme, produto de muitas heranças recebidas, pois que Nuno Diogo era o último

representante da família Gragido. Os seus progenitores tinham-lhe morrido, na infância. Nuno, aos sete anos, já não tinha pai nem mãe.

O abade de Vilar-chã, por pedido de D. Diogo de Cerquedo Mosela Alvre e Gragido, progenitor de Nuno e seu velho amigo, ficou tutor do órfão até à sua maioridade.

Foi este facto — creio — que mais estreitou as relações entre as duas famílias.

* * *

O morgado, que no domingo de páscoa se encontrava na residência, tinha, para esse fim, recebido um convite do abade, que terminava por estas palavras:

«...venha sem falta beijar a cruz à minha residência, pois que o espera uma agradável *surpresa*. Estou, pelo menos, certo disso. — Seu «amigo — *Abade Ponce.*»

Que *surpresa* seria esta?

Vamos vê-la dentro em pouco.

* * *

O leitor deve talvez recordar-se de, algumas páginas atrás se ter dito, que o abade ao trazer para casa a sobrinha, planeava uma vantajosa união de famílias.

Essa união — deixemo-nos de rodeios — consistia no consórcio de Maria com o morgado Nuno. Há muitos anos que essa ideia lhe refervilhava no cérebro. E o

facto é que, logo que a julgou mulher, a trouxe para sua casa, depois de combinado isso com sua irmã e o morgado.

Este, bom é saber-se, há muito que desejava ver em realidade o que por enquanto era simplesmente quimérico. Fácil, pois, será de presumir qual não foi o seu contentamento ao receber o lacónico convite do seu ex-tutor.

* * *

À hora marcada — pouco antes do pôr do sol — apeava-se no quinteiro de Barbeitos um cavaleiro luxuosamente trajado.

Era o morgado.

João Norelho — o abegão — apressou-se a agasalhar o magnífico animal que ele montava. No entretanto, Nuno subia as escadas e penetrava na varanda da residência onde os últimos raios de sol entravam já desfalecidos.

O fidalgo bateu as palmas.

Súbito a porta da sala abriu-se e a ela assomou o vulto esbelto de uma mulher encantadora.

Trajava sedas; e... sendo para ele personalidade desconhecida, conheceu-a...

Era Maria.

Ao morgado bastaram apenas alguns segundos para, num relancear perscrutador, contemplar a estética plástica dessa escultura primorosa, saída das mãos do Supremo Artífice.

Nuno, — como nesse mesmo dia o povo da freguesia, como dias antes os servos de Barbeitos, — extasiou-se ante a fascinadora beleza da sobrinha do seu ex-tutor. Na realidade a *surpresa* ultrapassou toda a espectativa por ele imaginada. Mas era forçoso sair daquela mudez momentânea; e o morgado, que na realidade possuia o dom da palavra, viu-se sèriamente embaraçado para — como desejava — se apresentar palacianamente.

Por fim arriscou com voz trémula:

— Minha senhora... V. Ex.ª é por certo pessoa de família do meu Reverendo amigo...

Mas neste momento acudiu — salvadora aparição! — a irmã do abade que se apressou a dizer:

— Senhor morgado: a nossa sobrinha. Vê-a?... Cá a temos.

— Tinha-o adivinhado — respondeu o morgado fitando a jovem, que baixava os olhos pudicamente.

— Menina — disse a velha beijando-a — este é o Snr. Morgado de S. Plágio, um dos maiores amigos do padrinho-padre e que vem hoje beijar a cruz a nossa casa, a convite nosso.

Maria cumprimentou-o e Nuno, redobrando de gentilezas, disse:

— Honro-me muito em conhecer V. Ex.ª.

A jovem retribuiu-lhe este galanteio com outro, porventura, mais acanhado mas que ele achou de mais elevado conceito.

. . . . . .

O certo é que quando o padre chegou à residência com a sua comitiva e os maiorais da terra, o morgado estava tão perdidamente apaixonado, que o abade notou-o, logo que se avistou com ele.

E regozijou-se com isso. A sua profecia cumprira-se à letra, porque, para o morgado, a surpresa havia sido agradabilíssima. Não duvidara nunca do contrário.

* * *

Chegou alfim o momento da refeição.

Então, a tal hora, era a ceia.

Hoje chamamos-lhe jantar, de moda!

Nesse tempo a cozinha francesa era desconhecida, ou quase desconhecida, dos nossos antepassados.

Não existia o galiciparlismo do *menu*, com o seu cortejo de ignaros acepipes, que se comem sem o conviva, a maior parte das vezes, saber o que introduz no seu estômago.

Fossem lá falar-lhes em *poitrine de veau*, no *poisson garni* ou em *didon róti*: era o bastante para eles perderem o apetite...

Nessa época não se comia *francês* em Portugal.

Mas saboreava-se a cabidela de galinha, de olha dourada; a vitela no espeto; o anho do forno a saber ao louro;... e, a atestar, o arroz doce perfumado a casca de limão, as rabanadas albardadas de ovos, as filhós levedadas branquejadas de açúcar... E tudo isto—à portuguesa e à minhota!

A cozinha de então era a genuína, a suculenta cozinha portuguesa, hoje quase só conhecida por tradição.

E o abade, que era bom gastrónomo, como quase todos os abades, primava em apresentar aos seus amigos, nos dias festivos, (e lucrativos como era este!) opíparos banquetes, regados sempre com os mais saborosos vinhos da sua adega.

Não dou ao leitor o elenco do jantar de páscoa, em Barbeitos, porque, com toda a franqueza, não sei também do que constou.

Sei apenas que quando o fidalgo de Alvre e Gragido recolheu aos seus solares, ia perdido de amores pela pupila do seu ex-tutor.

Teria ela percebido isso?

* * *

Dias depois, o padre Ponce resolveu ir a Palme, onde uns negócios importantes o chamavam e também para fazer uma visita ao seu velho amigo frei João de Arga, então dom abade dos beneditinos acoutados no convento de Palme.

Depois da missa o clérigo almoçou abacialmente — porque nesse dia jejuava! — e desceu ao quinteiro, onde o Norelho o esperava com a égua aparelhada.

Estava uma esplêndida manhã de Abril, repleta de luz e poesia. Das agras evolavam-se odoríferas imanações, que enchiam a atmosfera e enebriavam suavemente.

O padre não era poeta, mas era comodista; por isso não pôde deixar de agradecer à natureza o belo dia que lhe preparou para a viagem. Montou a cavalo e tomou o caminho do convento.

Maria assomou à janela para o ver cavalgar. Quando ia a recolher-se olhou, por acaso, para uma colina que ficava a um deslado da residência, onde um caçador açulava uma considerável matilha de cães.

Curiosa como todas as mulheres, entreteve-se a presenciar as manobras do matinal caçador. A pouco e pouco foi-se ele aproximando da residência.

Maria conheceu nele um dos *mirones* que no domingo de páscoa se encontravam no adro à sua passagem. Recordou-se então de um olhar perscrutador que aquele mesmo mancebo lhe endereçara nessa ocasião; e não se esqueceu também do diálogo ouvido aos criados no dia da sua chegada.

Gravara-se-lhe na alma aquele olhar, e fixara-se-lhe no cérebro o colóquio dos aldeões.

Era realmente Gabriel.

E Maria sentiu-se enamorada, ante a beleza máscula do jovem caçador. Uma alma sensível e gentil como era a sua, não podia deixar de impressionar-se.

Lembrou-se então de Nuno Gragido!

Era um confronto.

Sintetizou em leves e momentâneas reflexões «o que queria ele dizer» com certas frases ambíguas e monossílabos insignificativos; e chegou à conclusão de que era objecto de uma paixão ardente — ainda que algum tanto interesseira. Contudo na sua vaidade de mulher

formosa regozijava-se com isso. Era um passatempo como qualquer outro. Poderia vir a ser mais alguma coisa se não existisse Gabriel... Sim: porque, em suma, as mulheres adivinham.

No entanto o mancebo passou e cumprimentou-a com um olhar e com um sorriso que gentilmente lhe foram retribuídos.

Foi pouco para uma entrevista, mas foi muito para amorosos que souberam unificar os seus pensamentos, num tão curto espaço de tempo.

. . . . . .

* * *

Dias depois, duma loca, no tronco esburacado duma velha carvalheira, no terraço de Barbeitos, — ponto prèviamente designado — tirava Maria um papel lacrado que mãos amorosas ali haviam deposto.

No dia seguinte, ao pôr do sol, colocava ela no mesmo sítio uma carta atada em cruz com uma fitinha de seda verde. O verde! a cor da esperança!?...

. . . . . .

Nuno, tinha esquecido de todo, apesar do mulherio afirmar, por toda a parte, que «a dona Morgadinha» tinha o casamento assente, para breves dias, com o rico fidalgo de S. Plágio.

* * *

Corria aprazível e sereno Setembro, o mês das colheitas.

O abade, depois das rezas do dia, sobraçava o *Velho Testamento* e ia para o passal ter conta nas uvas.

Uma vez andava ele meditando na histórica bebedeira de Noé, quando lhe apareceu num deslado de S. Giba, o seu velho amigo José Valente, que, de enxada ao ombro, mangas arregaçadas e chapéu de palha na cabeça, vinha em cata dele a fim de lhe comunicar um recado qualquer de que frei João de Arga o encarregara.

Concluída a sua missão o lavrador começou a gracejar com o abade acerca do consórcio da sobrinha.

— Olha José — respondeu o clérigo — o morgado é um bom rapaz e minha sobrinha deve ser uma digna esposa dele.

— De acordo senhor abade. Não há quem não diga bem dela. E... ó senhor padre Zé: a menina é linda como uma estrela! Agora lá o senhor morgado...

— Vós por aí não gostais dele. Bem sei. Mas não te parece que ambos eles fazem negócio?

— Senhor abade: olhe que os casamentos de negócio... Enfim, não sei. Vossa senhoria lá o lê, lá o entende... Mas eu cá...

E o velhote pareceu hesitar.

— Tu quê? Desembuxa homem.

— Eu cá não obrigaria os meus filhos a casar contra vontade.

— Porque dizes isso, ó José? Senta-te aqui homem! Diz cá: tu porque dizes isso? Dialho...

— É cá uma coisa.

— Uma coisa?

— Vossoria...

— Homem: conta lá, conta lá isso.

— É uma história muito comprida e eu tenho muita pressa. O Snr. Padre Zé desculpe.

— Nada! hás-de contar.

— Mas...

— Hás-de contar.

— Então amanhã na missa...

— Hoje aqui.

— Ó Sr. abade...

— Ó José — exclamou o abade franzindo o sobrecenho e alterando a voz — então tu és o homem que dizes ser meu amigo?

— Valha-me Deus. Meti-me numa meada... Olhe Snr. abade, quer saber?

— E já não é sem tempo!

— O fidalguinho da Mata, o Gabrielzinho, o mais novo...

— Sim homem; e depois.

— Consta por aí que é o namorado da *dona Morgadinha*...

O abade pareceu tomado de súbita apoplexia. Fitou num olhar vago o seu interlocutor e permaneceu silencioso durante alguns segundos.

José Valente sem compreender nada e compreendendo tudo, arrependeu-se da sua estulta revelação.

Para de algum modo atenuar o efeito dessas palavras, o bom homem acrescentou:

— Mas... acho eu que é mentira. Quem diz isso são essas mulheres do soalheiro. O Sr. abade...

O clérigo ergueu-se.

— Que dizes tu homem! Que é que tu dizes? Não queiras mentir-me.

E punha o dedo indicador sobre o nariz.

— Valha-me Deus.

O abade pensou um momento:

— E é então por isso que entendes que não devo forçar minha sobrinha a casar com o morgado? Queres tu que eu consinta que ela case com um moiro! Porque tu bem sabes que essa gente da Mata, esses Vermelhos são uriundos da moirama. Nem à missa vêm!...

— Valha-me Deus. Para que o disse eu...

— Fizeste bem. Cumpriste o teu dever de amigo. Avisaste-me a tempo: ainda bem. Vou casá-los já, já. É só ir a Braga. São oito dias. Adeus José.

O lavrador coçava na cabeça:

— Valha-me o Senhor da Cruz.

Adeus, adeus. Vou-me daqui.

E o padre já a caminho foi inquirindo:

— José? Quando vais ao mosteiro?

— Lá para de amanhã a quinze dias.

— E o rapaz? como vai ele? Gosta ou não gosta do noviciado?... Aquilo é que é vida... Adeus José. Quando fores dá parte.

* * *

A julgar pela irritada catadura do abade, seria de presumir que ao chegar a casa desfizesse tudo com pancadaria ou que, pelo menos, ensurdecesse a família com ralhos e prédicas congéneres.

Era de esperar mas nada disso aconteceu. O padre, pensando no caso, chegou a convencer-se de que embora Gabriel tentasse captar o amor da sobrinha, esta não lhe corresponderia condignamente, em atenção às rivalidades de família. E de tal forma se quis convencer disto que a irritabilidade que o acometera na presença do velho, transformou-se ao chegar à residência, em tão bom humor, que se permitiu até gracejar com os moços que andavam labutando na limpeza do vasilhame, — coisa rara nele, em verdade.

* * *

Meia hora depois estava o abade sentado à sua escrivaninha preparando-se para redigir uma carta, quando lhe vieram anunciar que Nuno Diogo se achava no jardim e lhe desejava falar.

— Que entre, que entre — respondeu o abade erguendo-se e caminhando ao seu encontro. Para ele, nesta casa, não há portas fechadas.

Padre Ponce conduziu o futuro sobrinho para o seu escritório, mandou-o sentar numa cadeira e fez outro tanto para si.

Depois de o ter ouvido sobre o motivo da visita, o abade — como estas mulheres do soalheiro — não teve mão em si, que lhe não contasse a palestra que tinha tido com José Valente:

O morgado empalideceu e limitou-se a responder:

— Tinha-o previsto. V. Reverência dá-lhe tanta liberdade...

— Quê?... Mas será verdade?

— Não sei.

— Minha sobrinha!?... Sei lá-ó...

— São crianças, sr. abade. São crianças.

— Você... Mas sabe alguma coisa?

— Absolutamente nada;

— Bem. Outra coisa: Está disposto a casar?

— Vossa senhoria sabe-o perfeitamente.

— E já?

— Já.

— Bem: mãos à obra. Ia escrever a D. João, de Palme, mas vou primeiro escrever ao prelado.

— Mas... senhor abade: é bom combinar primeiro isso com a dona Mariazinha.

— Isso é consigo.

— Mas é que...

— Que quê?

— Desconfio...

— Que desconfia?

— Que ela não quer casar.

O clérigo pensando alguns momentos, respondeu com energia:

— Obrigá-la-ei a isso. Há-de casar. Não sou da opinião de José Valente. Há-de casar com quem eu quiser...

* * *

Na tarde do dia seguinte, Luís Norelho — o afilhado do abade, que nós já conhecemos — andava a esgalhar rama de pinheiro numa tomadia que o clérigo possuia

junto a Barbeitos, quando apareceu diante dele Nuno da Cunha. Vinha cercado de cães e de carabina a tiracolo.

Trocadas as saudações do estilo, o fidalgo aproximou-se mais do rapaz e disse:

— Luís: quero que me respondas a umas perguntazinhas que vou fazer-te:

— Ao que vossa mercê quiser.

— Dize cá então...

— Eu bem sei o que vossoria quer saber!... atalhou o rapaz com ar de velhacaria.

— Então?

— Vossa mercê o que quer, é saber se a morgadinha fala ao senhor Gabrielzinho!...

— Adivinhaste meu rapaz. E tu que sabes? Pega lá.

E meteu-lhe dois pintos na mão.

O rapaz pulou de contente e começou a falar pelos cotovelos:

— Ainda ontem,... ainda ontem eles estiveram ambos!... Vi-os eu. E olhe que desconfio que eles já falam há muito. Eu é que desconfio isto. Para aí há um mês, foi pela festa da Senhora de Agosto,— ó senhor morgado que susto... que grande susto eu agarrei...

Nuno ouvia-o com uma curiosiodade verdadeiramente feminil.

— Então?

— Eu vinha do serão de casa do ti'Luís Pires. Era meia noite. E vai — como em redor do jardim aquele arvoredo faz muito escuro — eu ia a entrar e vejo aquele vulto parado, parecia uma avantesma...

— E era ele?

— Era ele.

— O Gabriel?

— Sim, senhor.

— Tens a certeza disso?

— Juro até.

Nuno de Alvre, perplexo com tais revelações e ciumento como era, começou a fantasiar um plano de vingança, que lhe fosse vantajoso, se é que, como parece, o não trazia já estudado...

Um momento depois, disse:

— Estou entendido. Queres tu prestar-me um serviço?

— Sendo coisa que eu faça...

— É. E ganhas dinheiro, hein!

— Então que é? Lá o dinheiro... isso...

— Ganhas dez pintos — Nuno continuou — e se te saíres bem, tens outros dez de alvíçaras. Portanto... e o serviço é leve.

— Faço tudo que vossoria quiser — exclamou o rapaz hipnotizado pelos pintos do fidalgo.

O morgado expôs-lhe então o que quer que fosse. A conversa durou talvez meia hora. Mais tarde teremos conhecimento dela. Depois Nuno tomou em retirada a direcção da residência onde se fez anunciar.

O rapaz, a sós na bouça, pulava de contentamento:

— Ganhar eu vinte pintos! e num instante! Caramba que bom negócio!!

V

A avantesma de Barbeitos

« Vagueia errante como se procurasse o que quer que fosse.
Não creio nos deuses... mas nos espectros acredito. »

H. SIENKIEWICZ — Quo Vadis

Corria na aldeia que em Barbeitos aparecia a horas mortas coisa má ou alma perdida.

Alguém tinha visto já sair dos lados da igreja um vulto branco, colossal, extranho na sua corpulência, e dirigir seus passos cavernosos, para os lados do presbitério. Voltava em seguida para as proximidades do marco, dava duas voltas no terreiro e desaparecia outra vez para os lados da igreja.

Tal era a lenda que contada sempre, entre esconjuros e benzedelas, na linguagem religiosa do tempo, enchia de susto os mais ouzados.

Uns diziam que era a alma perdida do *André da Póvoa,* outros que era a alma negra do *Abade Velho.*

Um que era o diabo tentador; outro que era o guia das feiticeiras para as conduzir à Figueiró...

A história da «Alma perdida» corria de boca em boca; nas freguesias circunvizinhas que tinham trânsito por Barbeitos, estavam avisos para que depois de escurecer ninguém por lá passasse.

O abade, pouco depois do pôr do sol, mandava fechar todas as portas e janelas.

O temor era geral. O próprio Gabriel e destemido, desde que esse boato começou a circular, nunca mais lá voltou de noite.

O misterioso é geralmente respeitado; tudo que seja desconhecido e fantasmagórico atemoriza os espíritos menos supersticiosos. Gabriel estava nesta conta; conquanto não desse grande crédito ao dito, julgou mais seguro deixar de frequentar de noite, a janela da residência.

* * *

Assim passaram alguns tempos. Como de dia não podia frequentar aquelas paragens, desde então, a não ser na missa aos domingos, nunca mais pôde ver a bela do figadal inimigo da sua família.

Contudo, de vez em quando, sempre conseguiam permutar uma carta.

Era pouco. Gabriel esperava com impaciência uma entrevista.

. . . . . .

Num domingo ao fim da missa. Gabriel chamou de parte um jornaleiro da casa, um tal Afonso Tricalho,

moço dos seus vinte e tantos anos, muito brigão e que andava quase sempre pelas romarias das redondezas promovendo desordens, donde resultava muita força de pancadaria.

Era um dos tais que, como Gabriel, não dava grande crédito à *alma perdida* de Barbeitos.

Gabriel convidou-o para naquele dia, à noite, o acompanhar numa seroada, que projectava fazer.

— Às ordens de vossa mercê senhor fidalgo — respondeu logo o brigão. — E olhe que o diabo não quer nada com o marmeleiro cá do Afonso.

— Bem: ao toque das almas achega-te ao coberto do caseiro: eu prestes te procurarei. E bico calado!

— Conte comigo.

* * *

O leitor pensará, talvez, que o Gabriel era um medroso. Engana-se; era até um temerário: e nas páginas subsequentes verá isso confirmado. Mas é que o nosso herói era também — e primeiro que tudo — um homem do seu tempo. Sentindo pulsar nas suas veias o sangue de seus maiores, era capaz de todas as loucuras. E, contudo, era ainda uma criança. Mas a educação da época e sobretudo a superstição, que empecia mesmo os espíritos mais ilustrados e livres, não lhe permitiria que se enfrentasse com um fantasma, que poderia muito bem ser o próprio diabo... à pesca de almas...

E, claro está que, com inimigos de tal jaez, só o «*Homem do Moca*», daquele conto infantil, poderia lutar

com proveito. Naquele tempo já se vê. Hoje há muito quem não creia na existência do Diabo. E outros, que se dizem espíritos fortes, nem em Deus acreditam. São gostos.

Eu, porém, começo por ver Deus no mais insignificante grão de areia e vejo-o ainda nos milhões de mundos que povoam o infinito.

Os ateus rir-se-ão de mim. Eu sinto a sua descrença. Hão-de mostrar-me o Transformismo, dir-me-ão que existe o Monismo e que a geração espontânea é um facto. Eu limitar-me-ei a responder: A Geração Espontânea é o Princípio — e o Princípio é Deus.

Poderei ainda um dia mudar de crenças; mas enquanto a minha razão admitir o princípio dualista — Deus e a matéria, — que julgo será sempre, — não mudarei.

Não sei já a que propósito veio esta minha profissão de fé. E o caso é que nos íamos afastando da nossa história com os meus filosóficos arrazoados.

* * *

Como já o leitor devia ter compreendido, a seroada do fidalgo era em Barbeitos. Quando Gabriel se dirigia para a missa encontrou na *carvalheira dos segredos* uma carta convidando-o a uma entrevista nessa noite. O padre Ponce sairia após a missa e só voltaria na segunda ou terça-feira. A tia, que era muito dorminhoca, cairia fàcilmente no sono. Em tais circunstâncias os dois aman-

tes poderiam gozar algumas horas em doce colóquio. Gabriel esperou, com impaciência, a noite; mas quando ela chegou — oh! decepção — desencadeou-se uma tempestade furibunda. As árvores gemiam vergastadas pelo noroeste; a chuva caía em grossas cordas. A espaços parava, mas a espaços continuava com mais impetuosidade. Um frio polar — era em Dezembro — enregelava os músculos.

Quando deram oito horas Gabriel correu ao coberto. Lá estava já, de *caroça* de palha, às costas, o Afonso Tricalho.

— Sr. fidalguinho! Cá estou!

— Obrigado. Mas o tempo!... Dialho!...

— Isto passa.

— Não sei: é tempo do tempo. Vem daí até ao meu quarto, para combinarmos...

E ambos se dirigiram à escadaria.

O quarto de Gabriel era o último da fachada norte, junto à varanda do solar. Para lá se encaminharam até ver se o tempo melhorava. Chovia, se Deus a dava. De vez em quando sarriscava o relâmpago e ribombava o trovão. Preparava-se uma noite de pavores.

O fidalgo foi esquentando a mente do Afonso com alguns copos de vinho rascante e saltarelo.

Depois abriu uma das janelas e contemplou a noite; as nuvens carregadas iam deslizando para sul, corridas por um vento gélido. Por um momento parou a tempestade, ou fingiu parar.

— Temos tempo fino, disse Gabriel.

— Vamos à seroada?

Gabriel pareceu indeciso. Depois, lançando para os ombros uma grossa capa de burel, disse.

— Vamos lá. Não temos um momento a perder.

Minutos depois, os dois seguiam embuçados nas suas capas, chapinhando nas rodeiras esburacadas do caminho, do presbitério.

O Tricalho, que era um gabarola — aliás valente — todo o caminho falou. Contava proezas que lhe tinham acontecido, lutas que havia travado com as feiticeiras da Figueiró, jogos de pau com o diabo, etc.

Gabriel prestava a tudo isso medíocre atenção.

O caceteiro continuava:

— Não tenha receio, senhor fidalgo; isto de almas perdidas, é uma treta como outra qualquer.

— Bem sei que sim; mas em todo o caso isto não pegava sem mais nem menos.

— Eu garanto a vossa mercê, que o maldito diabo que me aparecer em frente, o abrirei de alto a baixo com este marmeleiro.

— Não faças juras Afonso...

— Verá senhor Gabrielzinho.

— Quê? pois tu lutas, sem conheceres o teu adversário?

— Qual *versário*, nem qual diabo. O que é, é marmeleiro, muito marmeleiro no corpo.

— És parvo. Uma avantesma não tem corpo.

— Dá-se-lhe na alma...

Gabriel não pôde deixar de rir:

— Na alma?!... Ah!... ah!...

— Na alma, pois, que duvida! Aqui não há medo. Sabe vossoria?

A noite estava um pouco melhor. Já não chovia. Mas de vez em quando ziguezagueava um relâmpago e ouvia-se ao longe, lá para os lados do mar, um rugido cavernoso, como se fora arrancado às entranhas de mil leões: — era o trovão.

Gabriel ria ainda da calinada do seu companheiro:

— Então, Afonso: arrebentas-lhe a alma?

— Vossoria ri-se?

— Homem: não faças isso!

— Não faço, não!... deixe-me lá chegar... Olhe: as feiticeiras, essas já não querem nada comigo. Sei o credo às avessas... — E mesmo este...

E batia com o pau ferrado no chão.

— ...este já tem apalpado o costado a algumas. Pergunte vossemecê à Cachula, velha...

— Também é feiticeira, essa, ó Afonso?

— Vossoria ainda não sabia?

— Eu não.

— Oh! E da tia Bitreca! E aquela velha excomungada da Charela? Raios a partam. Essa... Oh! que raio de estardulha do inferno... Vinha eu de levar um carreto a Guimarães. Era já fora de horas; prà'i meia noite! Vai, acolá aos sobreiros da Figueiró, vossoria sabe onde é, — catrapus — lá vai o carro, com seiscentos diabos. Foi a excomungada da Charela que mo emborcou. Ah! raio!... disse eu logo...

— E como soubeste que foi ela?

— Ora como soube! Vi-a no meio das outras feiticeiras. Ouvi-as rir por trás do carro; e uma disse assim:

— «Ó Fonso, queres que te endireite o carro?

— «Quero.

— «E tu que nos dás?

— «E vós que raio quereis?

— E vai uma — foi a Charela, eu conheci-a muito bem — disse assim:

— «Tua mãe está a cozer e já botou os bolos. Endireitamos-te o carro, mas em tu chegando a casa hás-de pôr à janela, da banda do caminho, um bolo e um pichel de vinho pra nós. Queres?

— «Quero» — Pois eu que havia de dizer...

— E elas endireitaram-te o carro?

— Endireitaram, pois então!

— E deste-lhes o bolo?

— Dei.

— E o vinho?

— Também.

— E elas levaram-no?

— Pela manhã já lá não estava nada.

— Parvo. Então tu não tinhas lá o marmeleiro?

— Eu tinha mas era uma vara de salgueiro, e o salgueiro ainda enfeitiça mais; se eu tenho lá esta?!... Mas elas depois pagaram-mas todas juntas?

— Então rachaste-lhes a alma?

— Desanquei-as.

— Schiu...

Tinham chegado a esquina do muro.

— Nem pio, ouviste? — tornou a avisar — A noite está medonha. A trovoada não tarda sobre nós. Decerto a fidalga não aparece. Eu, apesar de tudo, vou até ao jardim ou talvez até à varanda. Toma lá esta cabacinha, bebe e até logo.

A cabaça, uma pequena cabaça, das de caça, continha aguardente.

O Afonso ofereceu-se ainda, ao mesmo tempo que ia destapando a cabaça para, dizia ele, lavar a garganta»:

— Será preciso ir lá? Querendo trepo à gateira e chamo pela morgada.

— Não, não...

— Se vir que tal... um assobio.

E ficou só.

Começou a choviscar. O céu estava cada vez mais carregado. De quando em quando um relâmpago, e logo umas trevas caliginosas. Um relâmpago esverdeado, muito prolongado, alumiou a fachada escura da residência. Um trovão medonho fez tremer o céu e a terra. Dir-se-ia que casas e muros, árvores e lateiros, tudo tombara por terra.

O Afonso, apesar de toda a sua basófia e ares de valentia, não pôde deixar de murmurar:

— S. Jerónimo! Santa Bárbara Virgem!... Acaba-se o mundo! Santa Bárbara... S. Jerónimo te espalhe

«Para onde não ande cristão
nem haja palha nem grão.»

Mas dali a momento luzia outro relâmpago, depois outro, outro mais e a tempestade, como dizia o Tri-

calho, era uma medonha amostra do fim do mundo.

A ferocidade dos elementos transtornara por completo os sonhos do jovem Gabriel. Não. Não podia esperar que Maria lhe aparecesse. O tempo não o permitiria. E como não viu sinais nenhuns à janela, como era costume, retirou-se.

Quando chegou ao caminho ouviu um som cavo, como o de socos ferrados. Julgou que fosse o Tricalho e continuou um pouco apressado dirigindo-se para o ponto onde o havia deixado.

Luziu mais um relâmpago e Gabriel ouviu:

— Santa Bárbara...

Era o Afonso a poucos passos dele, mas na sua frente. Como? E o som que ele ouvira há pouco, junto à residência, no pátio?

Parou. Brilhou um relâmpago.

O jornaleiro lá estava muito conchegado ao muro, a uns cinquenta passos, no sítio onde o havia deixado, e murmurando sempre:

— Santa Bárbara... Santa Bárbara...

Gabriel riu.

Súbito o Afonso olhou para a residência e viu, à luz azulada que o céu despejava, a flux, sobre a terra, movimentar-se um vulto colossal duma disformidade assustadora. Sentiu um estremeção. Os cabelos começaram a arrepiar-se-lhe; e a coragem fugiu-lhe para os calcanhares!...

— Alminhas benditas... eu vos prometo uma missa rezada! Senhora do Livramento, livrai-me...

E, olhando para os lados da residência, bradou, tentando aparentar coragem:

— Fuja fidalgo... prà'qui...

Gabriel, que não tinha visto nada — apesar de ter ouvido o tal som cavernoso de passos — não se apressou.

O Tricalho continuava de lá, numa aflição:

— Fuja... fuja!...

— Eh! homem! que berreiro é esse?

— Mas é o diabo, um... gran... de... di... á... bo — gaguejava o valentão.

— Então o marmeleiro, ó Afonso!...

— ...Mas eu,... mas... eu... rá... rá... rach...

Queria dizer que o rachava, mas como ia a fugir diante do amo, não teve tempo de operar... Além disso tinha já perdido um tamanco.

Gabriel, notando o atrapalhamento do homem, correu até ele:

— Ó Afonso?...

— Ó... olhe o diabo... Mas se vem... pra cá... eu...

O mancebo voltou-se para a residência. Foi então que, à luz fugidia dum relâmpago, enxergou a monstruosa disformidade daquele fantasma, cuja cabeça ultrapassava o peitoril das janelas.

. . . . . .

O que é certo, é que um quarto de hora depois, já eles estavam no coberto da Tapada, crentes de que havia avantesmas e almas perdidas!...

Pois se eles tinham visto...

VI

Noite de amor

«Foi ante a luz da irisante Lua
A vaguear no céu,
Que ouvi dizer louco de amor:—Sou tua!
E, tremente a voz, balbuciei:—Sou teu!

ÁLVARO PINHEIRO—Amores Perfeitos

Decorreram pesarosos os últimos meses de inverno.

Na aldeia o sol primaveral, fazia desabrochar os gomos entorpecidos dos vegetais. As flores bravias dos matos e os matizes variados dos prados rescendiam, em hálitos saudáveis, vigor e força.

Estava Abril no fim.

Gabriel, já restabelecido da febre que o tivera quase vitimado, passeava um dia com sua mãe e a jovem Helena, sua irmã, nas veredas do bosque de umbríferas e carcomidas carvalheiras, que circundavam o pombal. O sol ia pouco a pouco, dardejando seus raios aquecedores por entre os ramos tenros do arvoredo; as duas donas, menos costumadas a ele que

Gabriel, retiraram para o solar, deixando-o entregue às suas meditações, sentado numa pedra tosca, junto ao pombal, onde dezenas de pombas esvoaçavam.

Vinham até ali os perfumes selvagens dos bosques e os aromas suaves dos campos, que Gabriel hauria numa sofreguidão gulosa. Faziam-lhe bem esses hálitos confortativos.

Estava ele, num gesto poético, admirando as riquezas luxuriantes da natureza, quando reparou que no atalho, que do solar conduzia ali, caminhava um homem. Era o tio André, um dos mais velhos trabalhadores da Mata.

O camponês chegou-se até ele, muito risonho; e depois de se informar da sua saúde, desapertou a véstia de varas e do bolso tirou uma carta, que entregou a Gabriel, dizendo ao mesmo tempo:

—Olhe que foi a nossa Rita que a trouxe de casa do senhor abade... À certa confita que há-de ser da morgadinha...

Gabriel ergueu-se jubiloso e pegou na carta. Brilhava-lhe nos olhos a alegria. Havia já três ou quatro meses que — mercê da sua doença — não tinha tido notícias de Maria. E isso era também um dos seus males.

—Obrigado ti'André—disse ele num extremeção de alegria, metendo-lhe na mão, um pinto de prata do reino.

Depois descolou a obreia e começou a ler:

«Meu tio parte hoje para Braga; enquanto for dia a madrinha velará por mim, mas a noite tenho-a livre. Estou ansiosa por ver-te e falar-te. Já vejo que Deus se lembrou de nós, poupando-te a vida. A jornaleira

que esta conduz, assim me informou hoje. Há já quatro meses que nos não vemos: para mim são quatro séculos... Tenho muito que contar-te; não te esqueças de aparecer. Adeus até à noite.»

Um clarão de alegria aureolou-lhe o rosto empalidecido de convalescente.

Sentia-se feliz.

Ergueu-se e principiou a passear novamente. Tornou a ler. Sentia a vida naquele gozo de leitura. Comeu com mais apetite nesse dia. Esperou que chegasse a noite. A tarde pareceu-lhe interminável.

Não obstante, o sol foi declinando até apagar o brilho chamejante da sua face, no abismo imenso do mar, ali à beira.

Do lado oposto, por entre a clareira da serra de S. Gonçalo, subia majestosa a lua.

Gabriel estava impaciente; nunca os minutos lhe pareceram tão longos. Depois de ceia recolheu à sua alcova, acendeu o seu candeeiro de três bicos e releu ainda uma última vez — talvez a centésima, tantas eram elas já — a carta de Maria: «...Tenho muito que contar-te; não te esqueças de aparecer.»

* * *

Na concavidade imensa do céu rolava a lua, entre estrelas diamantinas.

A natureza, completamente adormecida, jazia imersa num pálido lençol de luz!

As folhas dos arbustos, prateadas pelo luar, pareciam sorrir!... As seivas eflúvias dos belos vegetais, que ornavam o jardim e floresciam no pomar, embriagavam o olfacto... Na areia branca do jardim, como numa grande tela, negrejavam as sombras trémulas das mimosas e dos ciprestes...

Maria, sentada num banco de pedra, contemplava o rosto pálido de Gabriel, onde o luar batia em cheio. Este, por sua vez, qual poeta ante a sua musa, realmente um Romeu ante a sua Julieta, admirava, num êxtase de amor, aquela fada branca como a cecém e bela como as santas da corte celestial.

E, como se departasse dum sonho de volúpia, resfolegou, abriu os braços e ajoelhou aos pés dessa que, para ele, era uma deidade, era a vida e a felicidade...

Felicidade!...

Os fados permitir-lhe-iam que a gozasse um dia?

Quem mediu já a maldade dos homens? Não são eles carrascos dos seus próprios semelhantes?

Egoístas! quando pressentis a ventura à porta do vizinho, afugentais-la para longe. Nem a podeis sentir próximo de vós! Não quereis dar a felicidade a quem a merece... Maldito egoísmo! Calcai aos pés essa paixão vil e deixai entrar na vossa alma uns resquícios de bondade: fazei-vos altruístas — dai o bem-estar ao próximo, se o merece. Assim o fez o divino Nazareno.

Imitai-o. Tentai ao menos imitá-lo.

* * *

O quadro de amor, que a luz poética do luar iluminava, no jardim de Barbeitos, nessa noite de primavera, era um dos mais comoventes que os olhos humanos poderiam presenciar. Não só pela edificância da sua sinceridade, mas também porque os protagonistas das cenas que se vão desenrolando não poderiam contar para si senão com a protecção do seu imenso amor. De tudo o mais só tinham a esperar guerra.

Não obstante eles julgavam-se felizes. E é vê-los: — Gabriel, sentado agora ao lado dela, enlaçando-a pela cintura, e com a cabeça levemente encostada ao seu seio arquejante, murmura-lhe nuns inebriamentos de volúpia:

— Amo-te! amo-te muito...

E ela como um eco:

— Amo-te! amo-te muito...

Depois quedavam ambos numa mudez eloquente. Dir-se-ia que não sabiam dizer mais nada. E todavia tinham muito que dizer.

Maria desejava contar-lhe tudo. As maquinações do tio, que a queria casar à viva força com o morgado; a insistência deste em querer obrigá-la a amá-lo; as ameaças, tudo, tudo.

— Olha: sou muito infeliz. Tenho sofrido e hei-de sofrer muito. Adivinho-o.

— Oh! mas tens o meu amor... E havemos de vencer...

— Vencer?... — disse a gentil enamorada.

— Duvidas? O amor, o verdadeiro amor vence sempre. Demais, o amor, também é um tónico, — e admirável tónico que ele é. Olha-me! — Hoje, depois que recebi a tua carta, achei-me melhor. E se ela tivesse vindo há um mês, eu teria melhorado há um mês. O amor dá-me saúde...

— Visionário!... eu vejo o futuro envolto em trevas; e a felicidade... a felicidade nem me conhece. Foje-me desde a infância... Encontrar-me-á agora?...

— Não o duvides minha querida...

Neste momento, ao fim do jardim, a uns cinquenta passos deles, uma revoada de pássaros levantou voo numa chilreada desassossegada.

Estremeceram.

— Estamos perdidos — disse Maria, assustada.

E tentou esconder-se.

— Espera. É cobra que anda à caça. Não tenhas medo. Quem há-de ser? Tua tia dorme... Os caseiros ressonam... É cobra ou gato; tranquiliza-te.

E sossegaram ambos. Realmente quem havia de ser?

No entanto tudo passou ao silêncio. Silêncio, não. Lá baixo, nos prados de S. Giba, os rouxinóis numa melodia celestial, trilavam as mais belas e harmoniosas óperas do maestro — Natureza. E era ao som dessa música divina, e desse misterioso hino de amor, que a aragem cantava no arvoredo, e ainda sob a protecção magnética da lua, que os dois amantes juravam um ao outro infindável amor.

. . . . . .

* * *

Era muito tarde já. Os minutos e as horas tinham-se afogado no Nada, com tão vertiginosa impetuosidade, como durante o dia lhes tinham parecido extensos e vagarosos.

Não tardaria que rompesse a madrugada. Forçoso era separarem-se. Por quanto tempo? Quando tornariam a ter outros momentos de felicidade?

—!?...

Mais meia dúzia de palavras para despedida — e um beijo, um casto beijo de amor, foi o epílogo desse suavíssimo idílio, passado no jardim de Barbeitos, entre perfumes inebriantes e a complacente protecção da lua, que, na amplidão sidéria, parecia sorrir...

* * *

Gabriel abriu cautelosamente a portinha que dava para o pomar e saiu jubiloso pelo atalho da quinta, na direcção da Tapada.

Maria subiu à varanda, escutou um momento as passadas de Gabriel no solo enrijecido pelos calores diurnos, e lançando um último adeus à lua, entrou no seu quarto cautelosamente.

Estava já a despir-se quando, de repente, soou uma detonação. Um grito abafado voou pelo espaço, até às janelas da residência.

Maria ouviu-o e teve um pressentimento:—Gabriel tivera uma espera: fora concerteza o morgado, o mal-

dito seguidor de seus passos. Compreendeu então o ruído que tinha posto no jardim a passarada em desassossego.

Mas aquele tiro alvejara alguém. Expliquemos.

Quando Gabriel saltou o carreiro da quinta, viu sumir-se por entre o mato um vulto qualquer que não pôde distinguir nem conhecer, apesar da claridade da noite.

Julgou um espia. Era-o com efeito.

Desesperado por se ver descoberto, ia já para inquirir do desconhecido a causa da sua estada ali, quando um tiro de clavina lhe passou no ombro, levando-lhe parte da jaqueta.

Foi neste momento que Gabriel soltou um grito, mais de raiva que de dor — porque realmente tinha recebido apenas uma arranhadela.

Sentindo-se com forças de correr sobre o adversário, empunhou o seu punhal, de mão de prata, e rugindo uma imprecação, cresceu sobre ele, ameaçador.

O outro, na fuga, tropeçou e caiu. Gabriel precipitou-se sobre ele e enterrou-lhe o punhal nas costas.

Neste momento, dois vultos, do lado do coberto da quinta, correram para aquele lado. O mancebo desceu ao caminho e pôs-se em fuga.

* * *

Os dois vultos eram os Norelhos, pai e filho. Ao estampido de tiro e aos gritos abafados de Gabriel e do morgado, levantaram-se em camisa, amarraram,

um no forcado e outro na fouce roçadoura e correram para aqueles lados. No chão jazia inanimado um corpo. Era o morgado. João Norelho compreendeu tudo com uma simples vista de olhos, mas fez, — como se costuma dizer — vista grossa. Levantaram o corpo e levaram-no para casa.

A ferida era profunda, mas não mortal.

Nuno abriu os olhos e medindo com a vista os circunstantes, bradou colérico, mas a custo:

— Maldito... assassino!...

— Não se incomode, senhor morgado, — atalhou, a encorajar, o Norelho.

Depois deitou-o na cama e aiando-se, assim permaneceu até romper o dia.

* * *

Maria, ao ouvir a detonação, deu-lhe o coração um baque e caiu contra a cama, atordoada. Era já dia quando despertou dessa modorra.

Foi então que começou a recordar-se do que acontecera na véspera.

Lembrou-lhe a entrevista, no jardim, à luz da lua; recordou-se da harmonia dos rouxinóis; pensou na volúpia daquela noite.

Mas de repente ocorreu-lhe à memória — o tiro... Houvera ali concerteza uma tentativa de assassinato. Quem fora o assassino? — Nuno? Quem teria sido a vítima? — Gabriel?

Eram perguntas de difícil resposta naquela altura. Estaria ele ferido? Estaria... morto?!

Que horrível pensamento este.

—Morto?... Santo Deus!...

Maria estava aflitíssima. Tudo a impressionava, tudo lhe torturava a alma.

Como uma ébria, levantou-se a cambalear e abriu a janela, que tinha vista para os lados do pomar. Nessa altura o feitor dizia:

—Graças a Deus, tem vida o senhor morgado.

—Valha-me o Senhor!... valha-me a Virgem, — exclamou choramingona a senhora dona Teresa.

—Isto não é nada; é coisa de alguns dias.

—Mas como foi isto?

—Decerto o fidalgo encontrou-se com alguém de más barbas que...

—Mas aqui?... aqui dentro?

—Podia bem ser, que viesse de viagem, entrar aqui e, ao sair o carreiro, ser assaltado... Quem faça mal... Anda por aí tudo cheio de ladrões... Quem faça mal não falta.

—Ladrões?... Mas não lhe falta nada... acho eu!...—tornou dona Teresa.

—Pois não...

—Aqui há mistério... E... queira Deus que eu me engane... Mas...

—O Luís afirma ter visto fugir um homem, mas não que eu o visse; e mais estava um luar como dia!... Decerto enganou-se.

— Meu Deus! parece que estou a adivinhar! Que maldição! Eu deveria sabê-lo!... Ah! maldito!...

E a velha dona praguejava iracunda:

— Foi o maldito Vermelho, dessa raça de mouros que para aí há, quem o feriu. Não resta dúvida. Espiava a casa; presentiu-o e quis matá-lo. Não faz mal; ele paga-as... Cães!...

* * *

Maria ouviu: encontrou enfim, resposta à sua curiosidade. O morgado tentara matar Gabriel a zagalotes. Este, provàvelmente, não fora ferido e precipitando-se contra o adversário apunhalara-o. Fizera justiça... Não havia que ver: Gabriel vivia... Era esse o seu único desejo.

Pensava nisto, quando ouviu pelo corredor as chinelas da tia arrastarem-se para aqueles lados, ao mesmo tempo que proferia atabalhoadas palavras.

Maria amarfanhou a roupa da cama, esfregou a cara com as mãos para dissipar um pouco de palidez, e, aparentando a mais ingénua tranquilidade, aguardou-a.

Abriu-se a porta e apareceu a velha tia, assanhada como cobra sem peçonha, bradando:

— Menina! dispensa-se a guarda nas cercanias da nossa casa!... Aqui não se carece de espiões, — ouviu?

— Não sei, na verdade, ao que se refere.

— Não!?

— Não, minha madrinha.

— Então quem foi que quis matar o senhor morgado? Quem? Fui eu?... Vê lá se fui eu?...

— Mas... minha madrinha... fui então eu?

— Tu? não digo tu... Credo, menina!... Nossa Senhora... Mas...

Dona Teresa mudou de catadura: passou de cobra assanhada a manso cordeiro.

— Sim: tu tens razão. E nunca nos destes um desgosto. Mas...

— Minha madrinhinha...

— ...diz-se por aí tanta coisa!... Olha menina: nem te quero dizer nada, porque, deve de ser mentira. Uma menina rica e linda como tu... mas nem digo... nem digo...

— Diga, diga...

— Antes morte, que tal sorte... Abrenúncio!... Nossa Senhora do Livramento nos livre de tal...

Maria ardia em curiosidade: que lhe quereria dizer a tia?

— Ó filha: pois tu não sabes que se diz, que o da Tapada... Nossa Senhora! Até tenho nojo de dizer o nome! — esse mais novo, que se gaba que há-de casar contigo!... Abrenúncio! Um moiro!... Gente que nem vem à missa! Dantes nunca vinha. Agora ainda vem alguma vez... Será para te enganar, filha...

— A mim, minha madrinha, não me engana...

— É então mentira, não é, filha?

— ...É...

— E a velha dona beijou-a, como mãe que a criou...

* * *

Os leitores devem recordar-se ainda de terem visto, num dos capítulos antecedentes, o morgado de S. Plágio conversar com Luís Norelho, quando este esgalhava rama nas tomadias de S. Giba.

Parte do assunto dessa conversa já o leitor conhece. Mas o mais importante é aquilo que nós reservamos para contar mais tarde, o que vamos fazer.

Se nós conseguíssemos colocarmo-nos por trás dos pinheiros, ou ainda por trás do valado, ouviríamos, em tom confidencial, o morgado dizer ao moço:

— Ganhas cinco pintos com a condição de me fazeres um serviço, do qual te hás-de sair bem. Eu desejo que tu me auxilies a desembaraçar-me do filho fidalgo. Nota bem: cinco de ganho, e cinco de alvíssaras... hein!

— Ainda que seja a bacamarte... Olhe que eu...

— Credo! deixa-te disso rapaz. Nada de mortes, por agora...

— Então como, senhor morgado?

— Tu só tens a pregar-lhe um susto.

— Ora... vossa senhoria está a mangar. Um susto?!

— Tu fazes o que eu te mandar e mais nada... Queres ou não queres?

— Já disse a vossa mercê.

— Não me interrompas então. Deixa expor-te o meu plano: — falei-te num susto, e vais ver... Para evitar barulhos de noite e rondas que pouco resultado dão, proponho que se meta um susto ao aldeagante

da forma seguinte: entrajas-te num lençol de estopa, fazes umas andas, como tinhas quando eras garoto pequeno, e por horas mortas da noite, dás duas voltas no largo fronteiro à residência. Isto numa ocasião em que o pesques por lá, sabes? Basta duas ou três vezes. Como vês é a coisa mais simples deste mundo. Não tens de matar ninguém!... E mais tarde hás-de rir-te das tuas aventuras. O Luís fantasma! hein! Que te parece?

O afilhado do abade era corajoso e capaz de tudo. Era um rapaz robusto e forte, capaz de matar um homem, lá isso era. Mas não sei que espécie de terror o invadiu quando o morgado lhe expôs o *plano da avantesma*. É que ele tinha ouvido dizer muita vez à lareira, que quem neste mundo se fingisse fantasma, para meter medo aos viventes, seria castigado por Deus quando morresse. E o castigo seria igual ao do *André da Póvoa*: a alma andaria perdida pela terra. Uma vez em casa do ti'Luís Pires, no serão, tinha ele ouvido dizer que o *André da Póvoa* e o *Abade Velho* andavam, em espírito já se vê, por esse mundo de Cristo a penar, porque quando vivos, tinham-se fingido defuntos. «Do abade sei que foi verdade, — dizia o narrador — quis meter medo a uns que vinham duma espadelada, e o que lhe aconteceu, é o que se vê: — da igreja ao calvário da Cerca sempre aos *ais*, lá vai aquela alma perdida — uma avantesma negra que mete pavor... Eu só a vi uma vez...»

Ora o Luís lembrando-se de isto tudo sentia-se invadido por um terror supersticioso. Se lhe acontecia o mesmo a ele?

O morgado notando a indecisão do seu cúmplice disse-lhe:

Que dizes a isto, ó Luís? Olha que são dez pintinhos, em prata de lei...

— Ah! senhor fidalgo, o negócio é bom é, mas é muito arriscado também.

— Porquê?

— Ora... a gente fingir-se defunto... Nada... Deus pode castigar!...

És parvo!... Ganhas dinheiro!... e para mais ainda à porta de casa! Olha que são dez, ouves? Estão aqui.

— Tem razão vossa mercê — bradou o rapaz aparentando coragem. — Quando há-de ser isso? Vá lá... dê por onde der. Ora...

— Logo que te seja possível.

— Então esta noite?

— Sim; esta noite observas e tomas ponto e amanhã pregas a peta. Mas isto... nem pio...

— Ora essa!... Vossa mercê pensa que eu sou da confraria de S. Linguão?

* * *

— Consegui um cúmplice capaz de tudo — dizia, consigo mesmo, o morgado quando se dirigia para o presbitério — Luís há-de despicar-se bem, estou certo disso. Ninguém chegará nunca a saber desta tramóia. O rastilho pega e a explosão deve ser rápida. Calculo eu.

Efectivamente o morgado urdira-a bem. Nada há que atemorize tanto o povo, como o fantasma — misterioso e incompreensível.

Um homem do povo pode não ser supersticioso; desde o momento, porém, que passe num sítio de má nome, a horas mortas, sente um certo receio que o amedronta e calafrios na espinha.

Quando isto sucede hoje, que diríamos naqueles tempos!

O povo inculto e crédulo, mais inclinado à superstição do que ao próprio sentimento religioso, dava crédito a tudo aquilo que a sua rude fantasia criasse.

Daí as almas perdidas que não tinham cabimento no céu nem no inferno; o diabo disfarçado em cão ou as feiticeiras bailando na Figueiró, em redor de fogueiras fantásticas, fazendo magustos de castanhas, para depois irem em bandos beber o vinho às adegas dos lavradores. Às vezes também eram almas justas — duma justiça um pouco duvidosa, vamos! — que vinham aos campos mudar os marcos, que buliram em vida, a engrandar a leira...

Mas vamos nós ao resto.

O moço Luís esfregou, como já vimos, as mãos de contentamento ao sentir tilintar na bolsa de Nuno os belos pintos, paga da sua tarefa.

E preparou-se «prà coisa». Era arriscadote um bocado, lá isso era; mas dez pintos não se podiam perder. Cavacou, às escondidas, umas andas, pregou-lhe os pegões, à altura duma vara e coseu dois lençóis de estopa, da cama, um no outro.

Na noite desse mesmo dia tomou pontos de dentro do coberto da abegoria.

Gabriel, altas horas já, colocou-se debaixo das janelas do lado sul. Um momento depois apareceu Maria. Falaram-se.

A despedida deles, porém, descontentou muito Luís Norelho. Quando ele esperava ouvir um «adeus até amanhã» ouviu simplesmente um «adeus» vago e indeterminado.

Apesar de tudo na noite seguinte fez o seu papel. Não tardou muito que o dito tivesse voga. E realmente podia-a ter: o facto era verídico.

O próprio Luís encarregou-se de dizer, no serão, que tinha visto a *avantesma*... que era ele

Alguns rapazes mais temerários resolveram numa noite ir vê-la.

— Eu tenho-a visto às onze, ou meia-noite — tinha dito o Norelho.

— Pois amanhã na ida do serão vamos por lá. Valeu, rapazes? Nós três ou quatro não temos medo?...

Àgora!

É escusado dizer que o Luís, nessa noite, não saíu ao serão, e que os seroeiros deram bem às de vila-diogo, quando viram diante deles o que Tricalho viu também: — «um grande diabo...»

* * *

E já que falamos no Tricalho digamos lá a quem deveu ele aquele grande cagaço: — foi à sua inconfidência.

Apesar de Gabriel lhe ter imposto segredo, o Afonso discutindo valentias no jogo da bola, com vários rapazes, entre os quais estava também o Luís Norelho, afirmava não ter medo de nada.

— Ó Afonso! e as feiticeiras?

— Não querem nada comigo.

— E o diabo?

— Não há diabo.

— E a avantesma de Barbeitos?

— Essa...

E hesitou.

— Ah! dessa tens tu medo — exclamaram uns poucos.

— Hoje, aí às dez da noite, que me apareça, que eu lhe direi para que serve um marmeleiro que lá tenho. E veremos quem é que tem medo!...

— Oh!... ó... ó... ó!... — riram em bordão.

E como os leitores sabem, o Tricalho realmente, foi resolvido a isso. Se a não rachou, de lés-a-lés, foi simplesmente... por ela se não ter aproximado dele...

VII

Os frades de Palme

— ... ainda não perdoaste aos frades?
— Como queres tu que eu lhe perdoe o terem gozado sem mim, daquela santa vida de convento?
. . . . . .

JÚLIO DINIS — AS Pupilas do senhor Reitor.

Afonso Dinis, depois de se apear, no quinteiro, limpou-se do pó e subiu de má catadura as escadas do solar. Parou um instante ao cimo do patim, fitando o suado cavalo e, depois de dar ordem ao criado para o agasalhar, entrou no salão que lhe servia de gabinete.

Dona Margarida recebeu-o como sempre entre amabilidades e carinhos. Notou, porém, logo ao primeiro exame que lhe fez na fisionomia, que qualquer coisa o incomodava, fosse o que fosse.

O velho fidalgo era um modelo de probidade. Muito respeitador de seus pergaminhos, — que ele

reputava já seis ou sete vezes seculares — gostava também que lhos respeitasse a gente de sua família.

E desgraçado daquele que os manchasse!

Mas qual seria o motivo daquela indisposição? Vamos vê-la.

Na véspera, um estafeta conventual tinha-lhe feito entrega de uma carta.

O senhor da Tapada dissera simplesmente à esposa:

—Amanhã vou visitar o velho amigo frei João de Arga.

E de facto fora.

Às primeiras inquirições de dona Margarida respondera quase por monossílabos:

— Envergonho-me de aparecer em público... Pesam-me os anos e durarei pouco... ainda bem. Os senhores Vilares de Vermelhim, cavalheiros, honrados e valentes,... desonrados agora por um dos seus! — que vergonha, que vergonha!

E levantou-se arrebatado, aceso em ira:

— Temos um filho, senhora, que me deslustra e mancha estas barbas que eu tenho por honradas. Não sabe prezar as suas linhagens. Amesquinha e avilta os brasões de meus avós, que, a serem vivos, pasmariam horrorizados ante as cenas escandalosas que ele pratica!... Sabeis que vem já dos meus avoengos conservar ilesos os laços vigorosos de honradez, que eles ilaquearam no mais íntimo da minha raça. Por isso...

Dona Margarida ouvia, sobressaltada o arrebatamento do marido; e, não se podendo conter por mais tempo, perguntou, simulando ignorância, — porque de facto ela já calculava do que se tratava:

— Mas que quereis dizer com isso?

— Ah! ainda ignora que Gabriel tentou assassinar numa das noites passadas, o morgado Nuno Gragido?

— Que dizeis? Foi então Gabriel? Oh! não creio...

— Sim, foi ele, pode acreditá-lo. Caem-me as barbas de vergonha ao ouvir dizer que um dos meus filhos é um homicida, um assassino, um salteador nocturno! Depois um motivo tão fútil: amores que classificarei de nada honrosos para a nossa estirpe. Detesto aquela raça, que procurou sempre deslustrar--me e ofender-me. E é então um dos meus filhos que procura contrariar-me? Chamai-o, chamai-o aqui!

* * *

Um minuto depois, apareceu Gabriel nos aposentos de seu pai.

— Nunca entre os membros mais irrequietos da minha raça, se criou, quem te pudesse igualar na asneira, e na insensatez com que operas — exclamou iracundo o ancião. — És um espírito rebelde e mal intencionado. Longe de honrares os teus progenitores, deslustras-lhes o que eles têm de mais sagrado: a honra e a dignidade.

Gabriel baixou os olhos e não murmurou palavra. Sentia-se perdido, alucinado e nervoso com a tremenda trovoada, que seu pai despejava sobre ele.

— Qual é o homem, — continuava convulsivo Afonso de Vermelhim — que por tão mesquinho motivo tenta matar um semelhante? Sinto em mim grande mágoa

ao reconhecer, em ti, um homem de instintos sanguinários. E ainda queres que em público te chame meu filho... a ti que te julgam hoje para todos os efeitos um salteador nocturno, e um homicida! Ah! desgraçado!... estás perdido, se não seguires os meus conselhos. Que lucro tiras tu, de sustentar relações amorosas com essa rapariga, sem nome e sem linhagens da velha fidalguia? Pois bem: tens dois caminhos a seguir: ou deixas essa mulher, ou deixas de me chamar teu pai. Escolhe.

Gabriel pensou um momento. Depois inclinando a cabeça para o solo, disse respeitosamente, mas com dignidade:

— Meu pai! perdoe-me mas não gosto de mentir: eu...

— Eu quê? — inquiriu inquisitorialmente o irascível fidalgo.

— Eu não matei ninguém.

— Não matou? Quem apunhalou o morgado de Nuno Diogo?

— Fui eu.

— Fostes tu?... E não o querias matar?!...

— Ele alvejou-me com um tiro. Um zagalote atingiu-me no ombro. Se me não defendesse, ter-me-ia morto.

— Onde se deram essas ocorrências?

— Em Barbeitos, junto a S. Giba.

— A que horas?

— De noite.

— Que fazias tu por lá?

— ?!...

— Que fazias tu, a desoras, naqueles sítios para nós defesos?

— Meu pai... a mocidade... Sou novo... Um passatempo...

— Passatempo? Mocidade?... Teu irmão, que é mais velho que tu, nunca praticou dessas loucuras. Então o passatempo da tua mocidade é apunhalar um homem? Proíbo-te expressamente que voltes a frequentar Barbeitos.

— Perdoe-me meu pai...

— Com esta condição está perdoado.

— Mas eu...

Eu, quê? tornou irado o fidalgo.

— Eu amo-a...

— Ai ama?!... Nesse caso tributa mais afeição a uma pessoa estranha, que a seus próprios pais, não é verdade? Pois estimo que seja feliz!...

E dando meia volta, ia voltar-lhe as costas; depois, como julgasse naquelas palavras do filho um acto de desobediência, e falta de respeito, franziu o sobrolho, e disse muito pausadamente:

— Em todo o caso fique ciente que lhe cortarei os seus desígnios!... Vamos de visita, amanhã, a frei João! Prepare-se!

* * *

Gabriel retirou-se cambaleando como um ébrio. Seguiu pelo corredor, entrou no seu quarto, e sentando-se numa banca que estava junto do seu leito,

encostou a cabeça contra a cama. Não chorava; pensava na última frase de seu pai. Era esmagador.

Começou então a lembrar-se da noite passada no jardim de Barbeitos. A felicidade desses momentos vaporosos fugia-lhe inesperadamente. Sentia-se só no mundo, isolado num deserto e sem rumo.

Lembrou-se então que tinha dito à doce namorada:

— «Havemos de vencer.»

Mas recordou-se também que ela lhe respondera:

— «Vejo o futuro envolto em trevas.»

Seria ela profetisa? Oh! não: ela havia de enganar-se... Deus sabia bem que eles eram bons, que os norteava o amor leal, e que mereciam a felicidade.

Ergueu-se, saiu de casa e internou-se na mata; por lá errou durante muitas horas, pensando no futuro, e procurando decifrar os enigmáticos pensamentos de seu pai, a seu respeito.

. . . . . .

Havia, realmente, contra ele, três inimigos poderosos: — a cólera do abade, o ciúme do morgado e a imposição de seu pai. Dos três, o último era o mais temível.

Uma luta em triplicado, para um só homem, era titânica de mais. Mas Gabriel, que era forte, julgou-se com coragem para vencer, e preparou-se para a batalha.

* * *

O convento da Ordem de Benedictinos de Palme, que Lovesendo, rico fidalgo godo fundara em 1028, e

doara, com todas as suas terras e bens, à Ordem de S. Bento, está situado num plano-fundo, a nordeste da pequena aldeia de Santo André de Palme, no termo de Barcelos.

Era então — e é ainda hoje — um edifício amplo, com um bom claustro, airosa varanda e cómodas celas.

Da igreja resta simplesmente a capela-mor, onde, actualmente, ainda se guardam boas relíquias do tempo dos frades, entre as quais algumas talhas e esculturas de muito merecimento.

O corpo da igreja foi mandado derruir pelo Barão de Palme, depois da desamortização dos bens religiosos em 1834. Segundo se crê, para a arqueologia ou para a arte, não resultou daí grande mal, visto que o edifício, em si, era de singela arquitectura.

Ao tempo em que vai correndo a presente história, os frades, como é sabido, saltitavam nas suas sete quintas. É tradição que, muitos deles eram donatos, ignorantes e desregrados, nos usos e costumes.

Naquela alegre vida de convento, o coro mudava-se frequentes vezes para a adega; as celas de oração deslocavam-se para o refeitório; e os dormitórios, de alguns, eram nas circunvizinhanças do convento, dizem as más línguas. Os deveres da regra, andavam esquecidos.

Quem não havia de querer ser frade da «manga larga»?

Não tinham eles a boa mesa e a melhor pinga, que é dada a um temperamento de donatos patusqueiros, relinchões e quase analfabetos?

Depois aqueles afilhados, aqueles compadres e comadres... não lhes davam um agradável passatempo, em libações, sarrabulhos e seroadas?

Quem nos dera nesse tempo! Com tão benignas disciplinas, quem não ambicionaria ser frade?

Mas não há regra, que em geral não tenha uma excepção. Conquanto certos deles assim procedessem, havia bons homens, que cumpriam religiosamente os seus deveres monásticos, e gozavam da graça de Deus, por suas virtudes.

E a despeito de haver desejos de ser frade — nesse tempo, já se vê! — havia alguém que, longe de gostar do tal viver celibatário dos monges de Palme, o detestava cordialmente.

Quem é esse *Alguém*?

É um recluso, rapaz dos seus dezoito anos, de estatura mais que mediana, bem trajado e de porte altivo, ainda que um pouco abatido. Este novato ou noviço é, sabe quem?

Gabriel de Vilar e Vermelhim!

Mas como veio ele aqui parar? — dir-me-ão.

Explico.

Recordam-se de, no princípio deste capítulo, terem visto apear-se, no quinteiro da sua casa, o velho Afonso Dinis? Lembram-se com certeza da cólera tremenda que ele despejou sobre o filho; e talvez se não esquecessem ainda das últimas palavras do velho fidalgo: «...fique ciente que lhe cortarei os seus desígnios!...»

Como sabem o solarengo senhor da Tapada vinha de Palme. D. João de Arga tinha-lhe escrito pedindo-

-lhe a sua honrosa visita ao mosteiro, e desejando também — dizia a carta — «narrar-lhe um facto muito grave, no qual se acha envolvido o seu nome...»

Frei João era dedicado aos velhos fidalgos da Tapada; mas era, também íntimo do raposo de Barbeitos...

Muito breve veremos onde estava o interesse do frade; e também quem o tinha incumbido do sermão.

* * *

Afonso Dinis pensou, meditou e por fim conformou-se com a opinião do amigo D. Abade:

— Encerro-o no convento, tolho-lhe a liberdade por algum tempo e o resultado não deixará de ser satisfatório. Frei João diz bem: alguns meses de convento curam estas enfermidades dos rapazes novos e abatem-lhe os maus instintos.

Dias depois, montou de novo e saiu; fôra dar parte da sua resolução ao D. Abade e ao mesmo tempo combinar dia e hora da entrada do novo recluso, na casa do Senhor, em Palme.

O dia fôra marcado para dali a um mês, em Outubro, daquele ano de 1741.

Ao romper da alva, nesse dia, Gabriel, seu pai e o velho João Feitor, montados em fogosos cavalos, seguiam, Figueiró fora, na direcção de Palme, chegando à frontaria do mosteiro pouco depois do nascer do sol.

Gabriel, que nem por sonhos suspeitava, do que estava combinado entre seu pai e frei João, estava como de costume abstraído. Não falou durante a

viagem: seguiu sempre silencioso ao lado de seu pai. Pensava ainda nas últimas palavras que lhe ouvira pronunciar alguns dias antes e que tanto o haviam impressionado.

— «Vamos de visita a frei João! Prepare-se!»

Que queria isto dizer?

* * *

Abriu-se a portaria, e frei João apareceu risonho e despreocupado, como sempre.

Foi neste momento que Gabriel, como se despertasse dum sonho, compreendeu o fim daquela viagem. Foi então que ele julgou cumprida, ou prestes a ser cumprida, a ameaça de seu pai!

Mas para que desobedecer-lhe? Não seria isso mais perigoso?

O homem forte resistiu mais uma vez. Era mister sofrer e sofrer resignado.

Afonso de Vermelhim simulando bom humor, disse, voltando-se para o filho:

— Precisas de instruir-te; quero fazer de ti um homem que saiba distinguir o que é bom do que é mau; e, para isso, é necessário estudar e cumprir os teus deveres. Entrego-te nas mãos do nosso respeitável amigo, frei João, que por sua vez te recomendará a teus mestres...

Gabriel baixou os olhos atristados.

Afonso Dinis lançando um olhar investigador sobre o filho, continuou paternalmente:

— Dou-te a minha bênção; faz por ser um homem...

— Ah! meu pai... meu pai!...—atalhou o jovem,— eu sei o que é...

— Não admito censuras,— disse sobrecenhado o velho:—se tivesses seguido os meus conselhos e respeitasses a norma seguida pela nossa raça, não virias aqui parar.

— Vamos! — interrompeu frei João — na casa do Senhor, sente-se a gente bem. Verá que ao fim de poucos dias, não há-de desgostar da vida conventual.

Gabriel, beijou plàcidamente a mão de seu pai e ao fechar-se a portaria, bradou indignado, voltando-se para os lados do locutório:

— Já não tenho pai, mas hei-de ter liberdade... um dia... Esperarei.

* * *

O frade conduziu-o por um extenso corredor, que ia dar às celas vazias, indicando-lhe uma que devia servir-lhe de quarto.

Gabriel sentou-se numa banca de castanho e fitou por entre as grades o azul suave do céu. Julgou-se numa prisão; e estava-o de facto.

Frei João, retirara-se. Gabriel cruzou os braços, e, soltando um «ai» desalentado, balbuciou:

— E ela, meu Deus!... E ela...

Depois, como se o espírito lhe adormecesse, imobilizou-se. Perdera todas as noções vitais; estava como petrificado... Horrorizava-o aquela prisão.

Um momento depois a porta abria-se e a figura prazenteira do dom abade apareceu, seguido dum leigo, que conduzia o almoço.

— Então que tal?... que tal?!... Não se acha bem? — interrogou o frade com bom humor.

— Bem? Muito bem até — respondeu o mancebo com ironia.

— Eu bem lho dizia! — Olhe,... uma asinha de galinha; coisa boa; vamos... vamos... — entrecortou o frade, amigàvelmente.

— Eu não cômo nada...

— Não come?!

— Não senhor.

— Qual não come?

— Já disse que não, — redarguiu impaciente.

— Só esta asinha!

— Nada...

— Olhe que sem comer ninguém se sustenta!

— Eu sei isso... Mas dá vontade de morrer!

Em vista da recusa o criado ergueu a toalha e retirou ao refeitório.

— Seu pai, — disse o monge, — em querer dar-lhe educação, não é seu inimigo; pelo contrário é um amigo que quer fazer de si um homem de bem, um justo aos olhos do Senhor!

— Meu pai, — bom padre, começou hoje, a fazer de mim o homem mais desgraçado do mundo.

— Deixe-se de paixões menino; as coisas do mundo são só boas para desgraçar os homens.

— Embora; eu seria feliz.

— Eu sei! amores são o demo que aparece aos rapazes novos.

— Ah! meu reverendo padre, eu sofro muito... muito...

— Ai! aqui é pecado falar nessas coisas. Outro assunto: logo vem cá o nosso reverendo padre-mestre que se encarregará da sua educação.

— Eu de nada preciso. Educação já eu tenho. Até de mais...

— Homessa!

— Admira-se?

— Admiro-me, porque foi com o fim de o educar, que seu pai aqui o trouxe.

O mancebo disse tristemente:

— Eu não tenho pai: perdi-o há momentos. E de sobra sei o fim com que aqui me trouxe.

— Não contesto.

— Nem vale a pena contestar.

— É preciso ser mais cordeiro, menino; tem um génio! Assim que perder essas saudades... daqui a alguns meses, verá como é bom residir na casa do Senhor.

— Eu faço ideia, a avaliar por hoje...

— Ora! Ora! Daqui a alguns anos, quando...

— Daqui a alguns anos? — atalhou Gabriel, pondo-se de pé, num gesto interrogativo.

— Sim: quando acabar o noviciado...

— Noviciado? Mas eu não sou nem quero ser noviço!...

— O menino há-de ser o que o paizinho mandar.

—Nunca! nunca seria monge! Que leve o diabo tal vida!

—Seja mais moderado e respeitador, irmão!

—Se lhe sou aqui funesto e lhe sou desobediente, tenha a bondade de me pôr no meio da rua... Estou às suas ordens!

Frei João estava admirado. O endiabrado rapaz, tinha língua, era *pontista*. Não achou pois outro remédio senão calar-se.

Teria, porém, de dar-lhe umas explicações sobre a disciplina da casa. E começou a dar-lhas. Gabriel, de mau humor, continuava a retrucar-lhe.

* * *

Nesta altura um tropel ruidoso de tamancos, ao longo do corredor, cortou-lhes o diálogo.

A porta abriu-se. Era o adegueiro frei Martinho S. Romão que, de grandes tamancos nos pés e as mangas do hábito arregaçadas, procurava sua paternidade.

O monge fez uma cortezia.

—Que há frei Martinho?

—É que estou esfalfado.

—Mau, é isso.

—Esfalfado porque há meia hora que procuro vossa reverendíssima senhoria.

—Então é novidade?

—Meti agora a torneira naquele tonel do moscatel...

—Deve ser esplêndido, ó frei Martinho!

—Não é mau, mas...

— Ah! então... Avinagrou?

— O do ano passado não era pior.

— E o tinto?

— Sabe um nadinha à madeira.

— Que pena... E aquele no tonel novo?

— Isso... Esse é daqui!...

E tocava com o dedo indicador atrás da orelha.

— É daqui! senhor dom abade. Mas vossa paternidade deve vir prová-lo agora. — Então esse é o nosso homem novo?

E apontou para Gabriel.

— É. — Vamos lá.

E sairam ambos.

Dali a momentos os dois, e outros, elogiavam na grande adega, prenhe de bojudos tonéis, os preciosos licores—corpo, sangue e alma, da alegria conventual...

* * *

Gabriel, agora só, pensava tristemente.

— Que horror, esta vida de convento! — dizia. — Se demoro por aqui muito tempo, morro. Ah! minha pobre Maria! E tudo por teu amor!... tudo por ti... Ao menos essa consolação.

E o seu cérebro, convulsionava-se com pesadas lucubrações.

Esteve muito tempo imerso numa nostalgia dolorida.

Depois ouviu passos.

Os gonzos da porta rangeram. Gabriel voltou-se e fitou o recém-chegado.

Era um homem alto, magro, de nariz bastante esguio, ao cimo do qual uns óculos redondos, circundavam uns olhitos movediços, e brilhantes. Era o padre-mestre que, depois de fungar a sua pitada, saudou gravemente, com o «pax tecum»:

— Deus vos salve, meu filho.

Gabriel respondeu ao cumprimento.

O religioso sentou-se e, enquanto tirava da manga o breviário, começou, com certo ar piedoso e brando:

— Que tal lhe parece esta nossa casa?

— Muito bem, reverendo.

— Não conhece ainda o mosteiro?

— Não conheço.

— Gosta do celibato?

— Detesto-o, meu padre; detesto o celibato e odeio esta vida de convento, onde me falta luz e onde me falta ar e liberdade!... Desculpe a franqueza...

— Mas é também aqui, meu filho, onde se encontra a virtude. Lá fora no mundo que se vê? Toda a espécie de paixões, irreverências a Deus, crimes de toda a ordem.

— Então aqui há só virtude? — inquiriu o mancebo irònicamente.

— Só há virtude.

— Santos de pau carunchoso...

— Ah! irmão, que irreverência!

— Não, meu padre... Mas aqui, como em toda a parte, deve haver de tudo.

— Pois há.

— Há frades virtuosos...

— Sem dúvida.

— ...Outros que o parecem...

Padre-mestre abanou a cabeça, em negativa.

— ...Outros que são pouco virtuosos...

— ...Haverá, por excepção.

— ...E outros que talvez nem a virtude conheçam.

— Isso não... Tenho ouvido dizer que em alguns conventos doutras Ordens...

— Pois eu tenho-o ouvido dizer de todos. E os desta casa... Vossa reverência...

Gabriel arrependia-se. Tinha receio de melindrar o monge, que lhe parecia boa pessoa.

— Diga, diga — disse o padre-mestre erguendo-se e espreitando o corredor — diga sem receio que não está ninguém. Olhe que tem aqui um amigo.

Mas neste momento a *esquila* badalou alegremente. A *esquila* era, nos conventos, o sino cujo toque convidava os frades ao refeitório. Quando soavam as primeiras pancadas no bronze, os corredores enchiam-se de sons estrepitosos, ressoantes. Batiam as portas estrondosamente. Viam-se rostos lustrosos e avermelhados, de frades alegres e joviais. Descia-se a escadaria no meio duma algazarra pandemoníaca e entrava-se no refeitório de roldão. Nas celas, ao soar a última badalada, nem viva alma... Tudo estava já agrupada em redor das longas mesas, onde fumegavam as odoríferas canjas, — manjar tão apetitoso nos refeitórios conventuais, que os dias de jejum, Santo Deus! eram a mais esmagadora penitência com que a Igreja castigava as insofridas gulas.

É escusado dizer — creio eu — que o padre-mestre deixou também o seu novo discípulo em paz, e desandou, sem aparentar pressas, até ao refeitório, mas com receio de que, algum dos outros, lhe abocanhasse a sua ração. E, realmente, não foi dos últimos a lá chegar.

O jantar, no convento, era sempre ao meio-dia. Mas naquele dia — o da chegada de Gabriel — o dom abade, frei Martinho, já conhecido, frei Bento de Ferros e ainda outros não apareceram no refeitório ao toque da sineta. Os comensais estavam impacientes. Dos outros bem eles prescindiam, mas do abade, não.

Era de regra que, sem o superior benzer a mesa e entoar o *Benedicite*, ninguém se pudesse servir. O que cometesse essa falta era castigado no *tambo*.

O tambo era uma banquinha colocada, em geral, por baixo de púlpito do refeitório, onde o frade delinquente comia — mas só meia ração.

Imagine o leitor quanto horror o monge não teria ao odiento tambo!

Um frade a meia ração!? Safa!

Mas, como ia dizendo, ninguém se atrevia a tocar nas grandes terrinas da canja. Os olhos de suas reverências toldavam-se de gula. Como visse que tinham passado já alguns minutos e o dom abade sem aparecer, o padre-mestre, julgando-se mais autorizado, propôs:

— Procure-se sua paternidade...

Disseram todos em fabordão:

— Amen.

VIII

Continuam os frades de Palme

« »... A soberba é coisa própria dos demónios e das mulheres, a luxúria das animálias e a avareza dos mercadores, e destes todos se faz uma coisa assinalada e espantosa que é o mau clérigo...»

Fr. Bernardo de Alcobaça – VITA-CHRISTI

Ora, como o leitor sabe, dom João de Arga tinha seguido frei Martinho, à adega; e os restantes faltosos ao refeitório, que eram a *camarilha* do dom abade, lá estavam também. E é vê-los:

Junto a um tonel, sentado num mocho, dom João. Ao lado, com uma grande malga na mão, frei Martinho. E sentados nos malhetes dos tonéis, a figura esquelética de frei Benedicto e a corpulência obesa de frei Bento — também chamado no convento o *frei Tonel.* E, realmente, a comparação do donato, com bojuda cuva — como dizia o magro padre-mestre — não podia

ser mais bem feita. Frei Ferros era um verdadeiro *tonel* em todos os sentidos...

Campeava a alegria!

Gargalhada sobre gargalhada.

Frei João, animadíssimo, contava coisas que tinham esquecido ao demo!... Frei Martinho não era farto de provar vinhos. Furava aqui o *vinhão*, cheirava além o borraçal e aspirava com deleite o cheiro agradável do famoso moscatel do ano transacto.

Frei Benedicto ria à socapa. O abade estirava gargalhadas estrondosas e retumbantes, que corriam os quatro cantos da espaçosa adega.

Tudo era alegria. Os despreocupados filhos de S. Bento viviam bem, graças a Deus e ao patriarca Noé...

Afinal de contas a conversa tomou um carácter sério. Frei João começou a explicar aos seus como conseguira trazer uma boa fortuna ao convento.

—Gabo a habilidade de Vossa paternidade — disse o frei Benedicto.

— Obra onde eu meta mãos, é obra acabada. E demais fez-se um favor ao nosso padre Ponce...

— Lá verdade, verdade; boa fortuna, é.

— Ainda vós o não sabeis — disse também o frei Martinho, depois de esvaziar a grande malga de canada e meia que tinha na mão. — Diz-se por aí, que o morgado da Mata assoalha o dinheiro em cima duma lage. Claro está que é um grande negócio... Lá isso...

— Duma lage? — exclamou *frei Tonel* arreguilando os olhos piscos e papudos.

— Ainda vós não sabeis da missa grega um terço!... Eu é que sei... Um dia em que andei na colheita dos *são-miguéis*, lá por Vilar-chã, pernoitei no solar. Vi tudo! Riqueza a rodos!... Conforto de casa grande!...

— Por que veio ele aqui parar? — inquiriu frei Bento.

— Paixões... O nosso muito amigo abade de Vilar-chã tem uma sobrinha, capaz de fazer pecar um anjo!... Aconteceu, porém, uma coisa com que ele não contava, quando a trouxe para casa: a rapariga tomou-se de amores com o filho do fidalgo, o seu mais figadal inimigo. Depois...

— E a sobrinha está com o abade? — cortou frei Martinho.

— Creio que sim, — respondeu dom João de Arga.

— E é bonita?

— Um encanto... Capaz de perder um justo. Não é loura, como podeis pensar, ó Vilares; mas tem uns olhos pretos, como... como quem?

— Como os da Mariquinhas, daquela linda jornaleira de S. Romão? — perguntou maliciosamente *frei Tonel.*

— Mor pecado!... Nem para lhe deitar água nas mãos, — respondeu o frade com um olhar de desdém.

— Como os da abadessa de Bulhente?

— Sim, sim; para aí falai-me vós. Olhos de tentar...

— No nosso covento de S. Romão, — disse frei Martinho, — vi algumas vezes essa Mariquinhas, que na verdade é uma guapa cachopa! Um palmo de cara... E a respeito disto...

E espalmava a mão sobre o peito.

— ... uma perfeição! Se a outra tem mais aparato, gabo o gosto ao rapazote namorado.

E o adegueiro de Palme, que era um artista em apreciações, concluiu assim:

— Pois camaradas gostava de a conhecer...

— Ah! ah!... Estás velho, homem e sem dentes para fruta verde...

Dom João — sem pecados «no sexto» — não desgostava, contudo, da palestra que a sua camarilha alimentava; e com ar de aparente pudicícia, ria-se à socapa. E como a alma do moscatel ocupava já um bom pedaço do seu — *eu* — o abade esqueceu-se, um tanto, da sua posição, do seu hierarquismo e da disciplina, que tinha de manter como chefe da casa, para, com os outros, entrar a fundo na pândega, na bela orgia, do vinho, e das confidências. Nas «provas» dos vinhos novos, às vezes, a animação crescia, até acogular...

Frei António de Vilares, a fim de arranjar um *puxavante* ao verdasco, foi num pulo à dispensa — o Vilares era o dispenseiro — e trouxe um esplêndido paio e um grande salpicão admiràvelmente curados. Imagine o leitor qual não seria o movimento das torneiras com *puxavantes* de tal ordem!

Puxavante era termo correntio na adega. «Um pequeno puxavante desafia malga de canada!» — dizia *frei Tonel* aos confrades.

Enquanto frei António partia rodelas de paio, o abade foi tocando a conversa para as coisas alegres da vida de rapaz, por espadeladas e serões gaiteiros.

Lamentava o bom abade que não existissem já as freiras de Bulhente — essas criaturas francas e boas doceiras, que tinham transformado o seu convento num éden de delícias onde, em memoráveis outeiros, se dava vasão à veia poética e se saciavam estômagos elásticos, bons recebedores de petiscos.

É verdade que dom João ressarciava-se muito regularmente dessa falta. A abadessa de S. Bento, em Viana, que o mimoseava, de quando em quando, com bons pastéis de *Santa Clara* e *papos de anjos*, também frequentemente presenteava com coisa de maior apreço, que era a sua amizade.

Ora foi pouco mais ou menos nesta ocasião que tocou a *esquila*. Na *sala do capítulo* — frei Martinho chamava familiarmente à adega, a sua sala do capítulo — não se ouviu, nem o sino, nem a vozearia dos frades quando, em tropel, corriam ao refeitório.

Coisas do moscatel, já se vê...

* * *

Como vimos, o padre-mestre, farto de esperar no refeitório o advento do dom abade, propôs que alguém o procurasse. E como todos disseram «ámen» mas ninguém queria abandonar o seu lugar, levantou-se ele e com um dos seus vizinhos demandou o abade pelos quatro cantos da casa. Mas teve um palpite: ao passar na adega, cocou.

Vinham de dentro, em tremenhos de trovoada, ao longe, roncos e sarroncos, gravemente ressonados em dó-maior...

—Tate! cá estão os súcios!...

E como viu que a porta estava simplesmente cerrada, abriu-a de mansinho, meteu a cabeça e viu—Santo Deus!—viu o abade a tentar despertar os seus companheiros de orgia, imersos numa embriaguez de tal intensidade, que nem davam acordo de si. Frei João... «tem-te não caias!»—estava quase escorreito.

O padre-mestre também tentou reanimá-los. Tempo baldado. Alguns, como o Vilares e Frei Benedicto, estavam deitados de bruços no *solão*. *Frei Tonel* tinha caído, por entre os malhais do vasilhame, numa posição bastante crítica: estava de cabeça para o fundo, de cocorinhas, a escutar a cavalaria...

O padre-mestre, que não gostava dele, disse por entre dentes:

—Cá está o porco a foçar...

E, como viu que lhe era impossível libertá-los do traiçoeiro espírito de Baco, que os tinha posto naquele estado, fechou novamente a porta, correu com o seu companheiro ao refeitório; e, autorizado por sua paternidade, que disso o encarregara, entoou o *Benedicite*.

Prudentemente dom João recolheu à cela.

. . . . . .

Nas «provas» dos vinhos novos e das primeiras castanhas, às vezes, acontecia assim...

* * *

Nicolau Manuel dos Guimarães—o filho do nosso já conhecido José Valente—estava no convento de

Palme há ano e meio, pròximamente, quando Gabriel lá entrou.

O Nicolau do José Valente tinha entrado na clausura, por «inculcas do senhor frade Vilares» — dizia-se lá na aldeia.

E, de facto, o dito tinha seus visos de verdade. O rapaz tinha herdado da mãe uns bons dez mil cruzados.

Ora um dia, o frei Vilares, encarregado, nesse ano, de assistir à medição dos *são-miguéis*, em Vilar-chã, pernoitou em casa do José Valente. O lavrador e o filho cansaram o reverendo com perguntas. E o frade tal elogio fez do celibato, em tais culminâncias pôs o convento e seus habitantes, que o José Valente e o filho, gente rude e simplória, crendo no que ele havia dito, quiseram convencer-se que quem não fosse frade ou não vivesse no convento pelo menos algum tempo, iria infalìvelmente cair às penas do inferno.

Um belo dia tomaram conselho com o senhor padre Ponce e este disse-lhes:

— Olha José: O convento é a melhor escada do céu. Mete, mete lá o Nicolauzinho sem perda de tempo. O rapaz é espertelho: dentro em pouco é um pregador de fama. Ele bem se vê que é rapaz de memórias. Entrando nos latins... está aqui, está padre. A vida de convento é uma vida de santidade. O rapaz quer ir? Deixa-o ir. Se o moço quiser professar, deixa-o professar. O dote dele lá vai, mas enfim...

O Nicolau, que também estava presente, em vista do exórdio do abade, disse ao pai:

— Pois meu pai: estou com vontade de ir para o convento. Como diz o senhor abade é lá que a gente se faz homem. E eu queria tanto saber ler...

— O rapaz puxava-lhe — dizia o pai — e por isso fez-se-lhe a vontade.

Um belo dia o Nicolau do José Valente, a cavalo numa égua, apresentou-se em Palme, na companhia do pai. E uma vez aberta a portaria, o nosso homem para lá entrou com os seus dez mil cruzados...

José Valente só disse ao filho:

— É mister que daqui a três ou quatro anos sejas — frei Nicolau. Adeus.

* * *

Quando Gabriel ouviu aquele espalhafatoso barulho que encheu de ecos cavos os corredores e as celas e presenciou a desgarrada do padre-mestre, julgou que se tivesse incendiado alguma dependência do convento. E a confirmação disso julgava-a encontrar nos sons do sino, — que ele supôs que tocava a rebate.

Por curiosidade levantou-se e veio à porta verificar o que se passava. Ora foi precisamente nesta ocasião que ele reconheceu, ao sair duma cela contígua, o seu conterrâneo Nicolau.

— Ó fidalgo!...

— Ó Nicolau!...

— Então vossa senhoria por aqui!

— É verdade... Coisas do mundo...

E trocaram meia dúzia de palavras.

— Não vem ao refeitório?

— Não. Que inferneira foi essa de à bocado?

— É que tocou para o jantar.

— Ah!... pensei que fosse outra coisa.

— Não foi, não.

E Nicolau, já educado conventualmente, disse, denotando pressa de se aproximar da mesa:

— A minha cela é aquela. Em vossa senhoria querendo alguma coisa... Podemos matar as saudades. Somos ambos da mesma terra! E olhe que já estou saudoso daquela gente amiga! Até logo. Venha também!?...

E desapareceu.

Gabriel, que nem já se lembrava que tinha ali um vizinho, folgou com aquele encontro.

— Ora estou mais contente. Aquele rapaz, com quem eu muita vez brinquei, vai ser a minha tábua de salvação. Vamos lá que ainda tive sorte.

* * *

Daí a dias estava Gabriel na sua cela escrevendo uma página do diário da sua vida conventual, quando assomou à porta o padre-mestre.

— Por S. Bento! — disse ao reparar nas folhas de papel escritas — Temos cá cronista?

— Não, padre-mestre. São uns apontamentos.

— Ah! sei, apontamentos... E então está melhor dessas saudades?

— As minhas recordações, as minhas saudades não são de momento: — são eternas.

E acentuou estas duas palavras tristemente.

— Ora, ora... Coisas da mocidade. Eu também já fui moço. Sei o que isso é por experiência própria. Tive os meus desgostos... E olhe que foi aqui que achei remédio para eles...

— Ah! mas vossa reverência veio voluntàriamente e eu estou aqui à força. Estou como um preso. E nestes papéis — vê? estou fazendo o arrolamento completo da minha vida. Pode ser que mais tarde alguém se aproveite deles. Dão um romance.

O frade mirava-o com curiosidade.

— Sim: dão um romance. E a biografia de alguns dos habitantes desta casa...

— Schiu! Fale baixo. Olhe que...

— Qual baixo nem qual diabo! Se dom João me puser fora da porta, beijar-lhe-ei as mãos inda por cima. E demais a esta hora há-de estar na adega completamente bêbado. Escusado será temê-lo perto de nós.

— Abrenúncio!... Filho! isso não se diz!... Dom João de Arga — um poço de virtude e austeridade, — bêbado!... Ó menino? não diga semelhante heresia... Olhe que pode ser castigado...

— Reverendo: vossa paternidade viu tão bem como eu.

— O quê? filho, o quê? — inquiriu o frade receando já perdida a honra do convento — Não vi nada...

— Dom frei João de Arga e mais quatro frades, que ainda mal conheço, tão borrachos, tão bêbados,

que nem puderam assistir ao jantar desse dia! Olhe que ainda não passaram quinze dias!... Vossa paternidade deve recordar-se.

— Não pode ser. Isso é engano seu. Não, não... Mentira...

— Sim, diz bem: não pode ser mentira por que eu vi, como vossa reverência viu. Estava eu na varanda encostado a uma das balaustradas, quando vi o padre-mestre sair da adega com o frei... nem sei como se chama. E ouvi então o tal frade dizer a vossa reverência que a bebedeira era tal que...

— Não me lembro, filho.

— Terei eu melhor memória. O certo é que sou muito curioso e quis ir ver a cena. Achei sempre muita graça a um ébrio. Desci pela escada pé ante pé, cheguei à porta e fiz como vossa reverência: abri-a e vi, não um, mas cinco — cinco reverendíssimos bêbados; e um era o abade, o superior desta casa! Já aqui está registado o facto. Quer ver?

E Gabriel começou a folhear o caderno dos apontamentos.

O padre-mestre lívido como um cadáver disse-lhe:

— Pelas almas! por alma de seus avós! Não leia, rasgue isso. Algo do que diz é verdade. Mas santo Deus, santo Deus... é uma vergonha para todos nós. Foi uma fraqueza. Rasgue, rasgue.

— Não lerei. Mas também não rasgarei!

E enrolou o caderno, que meteu na lata de folha. Depois abriu o seu baú, e fechou tudo dentro.

— Pronto.

O frade, um pouco aliviado, disse:

— Não há regra sem excepção. É verdade que no nosso convento há também de tudo, como me dizia outro dia. Mas enfim, são fraquezas. E o Evangelho manda-nos ter caridade com as fraquezas do nosso próximo. Se aqui há viciosos, também há virtuosos. Também há virtude, creia-o.

Gabriel respondeu a rir:

— Sim!... mas em pouca quantidade!...

— Nem tanto, irmão! Olhe que temos virtuosos padres, que seguem a regra. E começou a enumerar:

— Frei Domingos do Monte, um paz de alma, um verdadeiro escolhido do Senhor! Mas tem um defeitozinho: às vezes — mas isso é raro — tomba de mais a malga; daí resulta uma alegriazinha... Mas é tudo por bem. Frei Domingos nessas ocasiões reza sempre! Já vê que a este não faz mal nenhum o Sangue de Cristo. Tudo é por bem.

— Sim — disse o mancebo — tudo é por bem.

— Outro: frei João dos Olivais, Ex-Definidor e assistente ao Capítulo Geral de Ara-Celi em 1723. É um poço de virtude!... Santo homem... que pena estar à morte!...

Gabriel, cada vez o ouvia com mais interesse.

— Outro, tornou o frade: O bom frei Diogo de S. Bento, o mais velho da casa e o que mais se tem distinguido por suas virtudes. Nem mesmo S. Bento seria mais Santo e virtuoso. É um austero filho da Ordem.

— Isso é uma heresia — bradou Gabriel — Mais santo que um santo?...

— Sim: é verdade que exagerei: frei Diogo, conquanto seja hoje a virtude em pessoa, foi noutro tempo, desprezador da santa virtude da castidade.

Padre-mestre servia-se duma figura de retórica, em que era perito:

— ...Porque, de sonhos que teve, lhe brotaram dois filhos para a casa do Senhor: um é frei Miguel e mora com o pai nesta casa; o outro é capucho e reside no Monte Santo da Soledade. Mas foi noutros tempos... Hoje nem Vénus dos pagãos o tentaria.

— E é assim a homens desses, que vossa paternidade chama modelos de virtude? É a esses que compara S. Bento — um Santo de vida exemplar?

— Espere... Cá em casa só eu é que sei disto; demais frei Miguel passa por sobrinho do bom frei Diogo. É claro que não há escândalo... Mas verdade, verdade: há outros que apreciam muito o *divino sangue de Cristo*... Nanja eu, que só beberrico!

— Sim, meu padre! Estou entendido; o convento de Palme é um quadro de santidade, onde a virtude e o vício...

— Bico calado, entrecortou o monge; — caminha gente para estes lados. Schiu!...

— S. Bento vos salve — bradou da porta da cela, um colosso de carne e osso. Era *frei Tonel*, o nosso já conhecido adegueiro que o padre-mestre e Gabriel viram, dias antes, em atitude pouco dignificante.

E chamo eu colosso a *frei Tonel!* Quem me ler há-de julgar que o frade era um gigante; longe disso: era um homem de estatura regular, tão alto como largo, — uma perfeita bola...

O padre-mestre classificou com exagero quando o comparou ao mais nédio gordalho da cortelha... Enfim: sempre se conheciam...

Frei Bento, fungou desastradamente uma pitada, deixando cair por sobre o bojo abdominal meia onça de rapé.

Depois sacudiu-se enquanto o padre-mestre inquiria:

— Há novidade?

— Procuro o nosso reverendíssimo abade.

— Aqui? Essa é boa!

— Admira-se padre-mestre?

— Claro; quem a estas horas procura aqui frei João...

— É tolo, vem a dormir...— concluíu graciosamente o *frei Tonel.*

Gabriel não pôde deixar de sorrir. Efectivamente frei Bento provocava o riso pelo grotesco e pela sua cara cómica. E depois contando ele meia dúzia de maliciosas anedotas!... Era um nunca acabar!

O frade encheu Gabriel de perguntas. E como tinha chiste e como a sua própria seriedade era pilhéria, o enclausurado gostou de o ouvir. *Frei Tonel* contou com muita graça uma partida, que dois noviços do convento de S. Romão tinham pregado ao superior, evadindo-se depois.

— Como puderam eles fugir? — perguntou muito interessado, o Gabriel.

— Olha!... Pois tu meu rapaz...

Frei Tonel tratava todo o mundo de tu.

— ...não sabes que, com rapazes, nem o diabo quer nada... Oh! oh!... Rapazes?!... O que sei é que eles comeram os *papos de anjo* e os pastéis ao abade, regaram-nos com vinho fino e sumiram-se.

Frei Bento e o padre-mestre saíram, a fungar pitadas de rapé.

* * *

Olá...—disse consigo Gabriel—eles fugiram? Pois também eu tenho de fugir. Vou estudar a questão. Demais eu dispenso os pastéis e as empadas, cá do abade. As freiras dele, ou lá quem diabo o presenteia, podem estar descansadas... Lá o doce, era uma partidita, era; mas o que eu quero é ver-me livre destes «santos»...

E de facto, quando o Nicolau lhe apareceu, expôs-lhe logo a questão, sem mais preâmbulos.

— Meu amigo — disse-lhe — tu estás já farto desta vida, não é verdade? Pois eu também, e quero mandar os frades e os conventos prò meio do inferno. — Quero fugir.

— Ó fidalgo: não sei como dianho isso há-de ser.

— Ora não sabes! Eu já cá estou a estudar o caso. Tu ajudas não é assim?

— Sem dúvida.

— E fazes o que puderes?

— Decerto.

— Pois então qualquer noite, quando menos o pensarem, lá vamos nós à vela... Olaré quem brinca!...

IX

Casamento forçado

«...bolha purulenta dessa enormíssima chaga social, que se chama casamento de conveniência.»

Cândido de Figueiredo — Crítica ao livro ERSILIA DO V. DE SANCHES DE FRIAS.

Desde que Gabriel saíra da casa paterna, jamais se descobrira o seu paradeiro.

Afonso de Vermelhim, depois de deixar o convento, seguiu para Viana com o velho João Feitor, a visitar uns parentes.

Por lá se demorou dois dias, ao fim dos quais se resolveu recolher ao solar. Durante a viagem, não se fartou de recomendar ao servo o maior sigilo possível.

João respondia:

— Acredite vossa senhoria que se não saberá nada da minha boca.

—Tu podes dizer mesmo que o viste embarcar naquela nau da Índia, que ia «barra-fora». Percebes?

—Sim, meu senhor.

—É mister que essa mulher o esqueça. Aquele rapaz está perdido. Há-de ser um desgraçado...

Quando chegaram à Tapada os criados e jornaleiros encheram o velho de perguntas:

—Então, ti'João, vomecê viu o fidalguinho entrar para o navio?

—Vi—dizia o feitor tristemente; porque, de facto, sentia as desditas do mancebo.

Daí a momentos outra pergunta:

—Ó ti'João: ele chorou quando se despediu do senhor fidalgo?

—Chorou, coitado...

—Lá essa terra será muito longe?

É. Leva quatro meses a chegar lá, ou mais...

—E a dona morgadinha?—perguntou também uma aldeã que escrivava milho na eira—Que grande paixão ela vai ter. Coitadinha...

—Aqui para nós—disse em tom de confidência o nosso já conhecido Tricalho, o valente da avantesma!—a sobrinha do nosso abade gosta muito dele. Tem-lhe mais amor... que à família!...

—Também ele. Olha que ele também lhe tinha muito amor.

—Pois isso tinha. Quando ela souber, lá a morgada, que o fidalguinho anda por riba das águas... Como aquele coração não há-de ficar atenerguido!...

. . . . . .

* * *

Enquanto na eira os jornaleiros e moços de lavoura, alimentavam esta palestra, no gabinete do fidalgo, no solar, dona Margarida e os filhos, limpando as lágrimas, desejavam também saber notícias do malfadado Gabriel.

— Lá ficou — dizia simplesmente Afonso Dinis.

— Ele morre de desgosto,... O meu filho. Era melhor deixá-lo andar. Pobre menino!... É a mocidade...

E a boa senhora chorava.

Era mãe. Tinham-lhe roubado um filho...

— Deixe — dizia o fidalgo. — Está a instruir-se. Daqui a alguns meses temo-lo cá. Lá tratam-no bem... Porque são essas lágrimas? Morreu alguém? Ora... ora...

Helena, comovida, perguntou também ao pai:

— E quando é que nós o havemos de ir ver? Quero ir ver o meu irmãozinho.

— Isso depois.

— Olha Germano: tu também hás-de ir, sim?

— Vou — respondeu tristemente.

— Irei eu, tu e a mãezinha, valeu?

O senhor Vilar de Vermelhim, colocando o dedo indicador sobre o nariz, disse autoritàriamente:

— Ouviram o que lhes disse? Gabriel está no convento. Mas diz-se a toda a gente, inclusive os criados, que foi para a Índia, para fazer companhia ao tio Duarte. Vejam lá!... Se essa rapariga sabe onde ele está, podem-se corresponder. Cautela! Eu tenho cá um plano:—daqui a oito ou quinze dias... Eu depois direi. Para toda a gente — «foi para a

Índia». Ouviram? A nau saiu ontem e por isso fácil será acreditarem no boato. Não quero que essa rapariga, com quem ele encetou relações, desconfie ao menos do seu esconderijo. Entretanto, isto esquece, a moça casa, e nós poderemos dar liberdade a Gabriel.

Dona Margarida, profundamente comovida, conformou-se com a férrea vontade de seu esposo.

Dias depois quis visitá-lo. Seu marido impôs-se tenazmente, negando-lhe essa autorização.

* * *

E Maria? Que pensaria ela ao ouvir correr a nova de boca em boca? Como receberia o seu coração tão fatal punhalada?

Sabia ela, pelos trabalhadores da casa, que Gabriel tinha sido forçado pelo pai a sair do solar, mas ignorava-se para onde. Havia quem dissesse que foi para Viana; outros, que tinha ido estudar Cânones, em Coimbra.

Quando os jornaleiros da Tapada começaram a espalhar a notícia do embarque, os camponeses de Barbeitos, que o souberam, apesar de terem uma certa convivência com Maria, não se acharam autorizados a comunicar-lho.

A *dona morgadinha*, como eles lhe chamavam, poderia incomodar-se com isso.

Maria viveu, pois, muitos dias na incerteza.

Um dia, porém, uma criada, encontrando-a no jardim, noticiou-lhe que o fidalgo fizera embarcar o

filho para terras da Índia, onde morava o tio. Contou mais — era o estratagema do fidalgo — que constava no solar ter uma valente tempestade, logo nos primeiros dias de viagem, destroçado contra um rochedo a frágil embarcação, onde pereceram todos os navegantes.

A jovem ouviu banhada em lágrimas aquela narração que lhe rasgava a alma, com unhas tígrinas.

Levou depois o mandil aos olhos e, voltando as costas à moça, fechou-se no quarto. Chorou. E se, como diz Santo Agostinho, as lágrimas são o sangue da alma, a desta infortunada amante ficou exangue.

Maria poderia considerar-se sem noivo: estava viúva,... só no mundo, sem ter com quem repartir o seu amor.

— Meu Deus! meu Deus!... — soluçava a desditosa Maria — porque o deixaste morrer? Não era ele bom? Ah! Senhor! não posso com tanta dor. Morrerei também.

Depois, numa meditação dolorida, um raio de razão parecia apontar-lhe a verdade:

— Não pode ser! Gabriel vive! Não morreu. A notícia é falsa. Alguém se havia de salvar. E esse alguém foi ele,... foi ele...

Foi tal o choque recebido que durante quinze dias seguidos Maria esteve no leito, esperando-se, hora a hora, o trespasse derradeiro. Por mais de uma vez lulgou a tia encontrá-la morta, quando de noite se levantava para lhe aplicar os medicamentos. Às vezes, variava pela intensidade da febre, balbuciava palavras sem sentido e frases sem alinho, terminando por um

choro febril que durava horas, ao fim do qual ficava exausta e acabrunhada pelo desgosto.

Mais tarde foram-se acentuando as melhoras consideràvelmente. Seus velhos tios prodigalizavam-lhe todos os carinhos e afeições; a tudo isto Maria era indiferente. Parece até que lhe pesava a vida. E se alguma vez a desejava era para saber novas de quem provàvelmente já não existia.

Não obstante o tempo ia passando. Maria já não era aquela jovem de faces ruborizadas, fresca como a flor e cândida como a rosa, que nós um dia contemplamos, na janela da residência. Então era uma flor despontando à luz do dia, desconhecendo o virus venenoso do amor, repleta de felicidades; hoje, uma rosa ressequida, que tomba pelo chão pedregoso do caminho da vida.

Que desoladora diferença num tão curto espaço de tempo!

* * *

Tinham passado três meses. Por ordem expressa do morgado, guardava-se na Mata rigoroso luto. Todos os criados e jornaleiros acreditaram no fictício naufrágio.

Pela sua parte, Maria, repassada de melancolia, permanecia sempre isolada, sempre triste, psicològicamente doente. E as doenças da alma são as mais perigosas.

Nada havia que a distraisse.

O velho abade tinha, com isto, profundo desgosto.

E para lho patentear permitia-lhe todas as distracções e todos os gozos de espírito; mas aquela alma atribulada, a nada se movia.

* * *

São sabidas, já de longe, as intenções do abade, em casar sua sobrinha com o poderoso morgado.

É, pois, fácil compreender que os afectos e carinhos que o clérigo dispensava à sobrinha, tinham por fim ir preparando o terreno para lançar a semente que há muito lhe germinava no cérebro — a união da casa de S. Pelágio à casa de Barbeitos.

Um dia, no fim do jantar, o abade, notando a tranquilidade de Maria, disse-lhe:

— Menina: é preciso resolveres-te a dar uma resposta.

— Que resposta, padrinho?

O clérigo pôs-se a remoer, a mastigar palavras para dentro. A jovem voltou a interrogar:

— Resposta a quê?

— Sim! — respondeu ele — é mister saber-se o que pensas tu, a respeito do teu futuro. És uma criança ainda e nós estamos com os pés à cova. Hás-de ficar só no mundo? Está visto que não; é necessário casares.

— Casar?...

— Sim filha — acudiu a tia. — É preciso que o teu casamento se realize o mais breve possível. O noivo é, como sabes, um homem rico, de boa família e até muito instruído, segundo diz o padrinho-padre.

— O noivo... morreu — balbuciou ela com os olhos fitos no chão.

— Esquece essa sombra! — recalcitrou o abade aparentando bom humor. — Esse homem se não tivesse morrido seria a tua desgraça.

— Embora — soluçou a jovem.

— Faz o que te peço e serás feliz.

— Que é que o padrinho pede?

— A felicidade para nós todos.

— Será para todos, será, mas menos para mim.

— Enganas-te menina; a tua felicidade, tu mais tarde o dirás, tem de te ser dada à força.

E o abade dizendo isto encostou a cabeça contra o tabique de colmo que separava da cozinha a espaçosa sala de jantar.

Maria levou aos olhos o rendilhado lenço de linho, enquanto o abade perorava maçador:

— Quem esperas tu agora? Se esse valdevinos que te teve quase perdida, morreu, que esperas?

— Nada... — respondeu soluçando — nada...

Este «nada» tinha uma significação bem extensa...

Sendo nada, era tudo: era a recusa formal aos desejos dos ambiciosos velhos.

— Então porque não casas? Não sabes que o morgado te ama apaixonadamente?

— Sei... mas não o amo eu. Não tenho amor para ele. Prefiro voltar para o convento e professar.

— Ora, ora! Não o amas, não tens amor para ele...

Qual convento, qual professar! — disse a velha. Deixa-te disso, menina. Tu, tão boa, tão carinhosa, tão

amorável... e não tens amor? Isso é o que te parece. Demais a mais é mister seguir a doutrina do Evangelho. Deus manda amar o próximo como a nós mesmos. Não cumprir este preceito é violar a lei de Deus. Peca-se. Olha: nós não queremos forçar-te. Mas... Enfim tu deves casar com o morgado... É rico, bom rapaz... E depois eu queria cumprir a minha promessa. Prometi casar-te com ele, há mais de cinco anos. Já vês... E tu hás-de ser feliz. Tudo isto vos fica pertencendo. As nossas propriedades de Barcelos e a quinta, tudo mais que nosso seja, será teu. Poucos dias me restam de vida, mas ao menos queria lançar-vos a minha bênção na hora derradeira.

— Dizes bem — apoiou a tia. — É essa a minha única vontade. Mariquinhas tem que nos obedecer para ser feliz.

Maria nada respondeu. Estava absorta, pensando no futuro de negruras que lhe queriam preparar. Do céu parece que vinha uma inspiração divina, incitando-a a repelir semelhante ideia.

* * *

Neste momento entrou o Luís Norelho, anunciando da porta:

— Senhor padrinho: o senhor morgado.

— Que entre... que entre!

Maria estremeceu ao sentir no soalho os passos compassados de Nuno.

— Olá meu amigo! — saudou o abade, enquanto esmagava entre os dedos uma rija noz.

Nuno de Alvre e Gragido respondeu ao cumprimento saudando-os com um sorriso afectuoso.

O abade era palrador e maçudo na conversa. Para qualquer o aturar era mister paciência, muita paciência.

Conversaram, riram e murmuraram; discutiram pontos do *Velho Testamento* e terminaram com meia dúzia de picantes anedotas.

Maria conservava-se indiferente a tudo. Momentos depois, levantou-se e saiu, enquanto o abade dirigia ao morgado esta exclamação em tom de confidência:

— Meu caro: tudo se arranjará. Quer ouvir-me? O ponto é sério.

— Sou só ouvidos ante vossa reverência.

— Pois bem: Mariquinhas será sua esposa.

Nos olhos de Nuno brilhou um clarão de alegria.

— Iremos na segunda-feira a Braga, — continuou o abade, — terça ou quarta estaremos de volta com tudo pronto.

— Apoiado! — bradou satisfeitíssimo o morgado.

— Já vê que até meados do mês estará tudo concluído.

— Diabo! não será pouco tempo?

— Peste!... há-de chegar!

— Vossa senhoria assim diz e eu creio.

— É tal qual eu digo: a rapariga lá tem suas ideias, mas isso bagatela. Você já podia estar casado há um ano, pelo menos. Mas, como disse o dom João de Arga, não era grande coisa obrigar a pequena a casar à força.

Tempo ao tempo. E deu um efeitarrão, hein! Que lhe parece, ó morgado? Aquele dom abade teve artes do demónio para prender o melro na gaiola. O rapaz acho que pinta lá o mafarrico... E o bruto do pai também nos ajuda com a história da Índia. Ah! ah! Toda a gente pensa que o rapaz morreu. A ideia do frei João, foi uma ideia de mestre! Agora lá quanto ao resto está de acordo, não é assim? Pois então vamos a Braga. É casar, é casar. Vocês hão-de ser felizes...

— Assim será; mas...

— Mas... quê?

— Mas ela é capaz de se opôr à última hora. E isso então!...

— Que dizeis morgado: cuidais isso de minha sobrinha?

— Não meu amigo: isto é uma suposição. Todavia ela ainda se lembra... Não sei, não sei...

— De quem? — entrecortou o abade.

— Do rapazola que me quis matar, desse arcabuzeiro que de maleita confunde...

— Ora, ora... Esse homem morreu para toda a gente. Estando vocês casados, nada há a recear. O rapaz que se faça frade, se quiser... Ah!... ah!... Morreu, morreu...

— Se fosse certo! — disse Nuno — Pena é não ser verdade o boato que corre.

— Bem, bem. Não temos tempo a perder. Vá a casa e prepare-se, amanhã, ao romper da alva, esteja aqui. Ouviu?

O morgado, pulando-lhe o coração de contentamento, saiu da residência.

A caminho de seus domínios vinham-lhe à ideia os sedutores encantos da sua futura noiva. Mas ao mesmo tempo a sua mente relembrava a indiferença a que ela o deitava, desde que — havia mais dum ano — a tinham querido, ele e o abade, obrigado a casar à força.

Mas logo este pensamento se dissipava ante a imensa ventura de muito breve a vir a possuir, com os seus duzentos mil cruzados de dote, — que era talvez a principal ambição de Nuno.

A única sombra que se lhe antolhava era o reaparecimento de Gabriel, que poderia levar a bela Maria, a desvairos... Mas para isso dizia ele:

— Não há-de ter dúvida. Sendo minha, eu a curarei dessa doença. Não terá dúvida, não terá dúvida.

* * *

São passados quinze dias.

Na pequena igreja, que então ficava junto a Barbeitos, nos *Cubelos*, celebrava-se pomposamente o casamento da *dona morgadinha* com o fidalgo de S. Pelágio — Nuno Diogo de Alvre e Gragido.

O adro estava repleto de povo.

Os noivos entraram o fojo, precedidos dos convidados e família.

Nuno, trajava elegantemente segundo o costume da época. É claro que, quando a moda chega ao Minho, têm decorrido já séculos; portanto dizer-se que

o morgado trajava pelo figurino, equivale a dizer que ele vestia, ao modo do século XVI, calção de veludo roxo, justilho de seda verde e casaca de veludo também verde, adornada com rendas de Viana; nos pés, elegantes sapatos de bezerro, com fivelas de prata; na cabeça, um fino chapéu de feltro, adornado de alvacentas plumas. Como vêem se aparecesse em Lisboa, nessa época, tomá-lo-iam por um revolucionário do tempo dos Filipes...

Vejamos agora a noiva.

Não envergava os níveos vestidos de noivado, mas sim um vestido escuro, indício de tristeza e luto. Dir-se-ia uma jovem viuvinha que toma segundas núpcias. Descortinava-se sob aquele véu aparente de bem-estar e tranquilidade, a imensa tristeza que lhe enchia a alma e a torturava.

O povo é filósofo. Na sua linguagem rude sabe também traduzir os sentimentos alheios.

— Como ela está triste! — cochichava uma rapariga no meio da multidão.

— Inda tem pena do outro que morreu. Coitadinha. Ele era tão bonito!... tão airoso rapaz!...

— Que linda que era a fidalga! — exclamava ainda uma terceira.

— Linda ainda ela é. E há-de ser sempre linda e boa, como uma santinha.

— Até parece a Senhora do Livramento, que está na nossa igreja.

— E ele. Olha que macareno!... É capaz de a matar. Muito mal empregada é nele. É um somítico.

Não ir amanhecer às areias gordas!... Diabos o carreguem... Até tem filhos por fora!...

— Foi pena morrer o da Mata. Esse sim...

— Cantél Esse é que havia de saber estimá-la. Esse sim. Mas, ao cabo, nem o pai dele queria, nem o nosso abade...

— Mas queria ela e queria ele: devia de bondar...

. . . . . .

Maria presenciou e compreendeu este murmúrio, mas não se preocupou. Permanecia em completa mudez, sempre triste, sempre pensativa.

Os convidados eram numerosos e de estirpe.

Concluída a cerimónia religiosa, os noivos atravessaram por entre a multidão, em direcção à solarenga residência.

Durante o jantar correu a melhor animação. A garrafeira do abade foi explorada até à última gota.

Nuno mostrava-se airoso, alegre e satisfeito.

Maria, ao contrário, aborrecida, triste e melancólica.

Levantava-se amiudadas vezes e vinha para a varanda aspirar com deleite o ar fresco, que lhe faltava na sala; e limpar lágrimas que afloravam.

Nuno notou isto. Notou mais: sua esposa durante o jantar não ousara fitá-lo um só momento.

Um hábil fisionomista teria distinguido no semblante prazenteiro do morgado um vislumbre de ódio, um princípio de ciúme, a mordiscar-lhe a alma.

Entre os circunstantes, porém, não havia um só que tal notasse. Demais a mais tudo era animação.

O abade esfregava as mãos de contente, conversava sobre diversos assuntos e discutia teologia com o padre José da Mota, que então era o cura.

O padre-cura, menos teólogo que o abade, perdia quase todas as suas discussões. E com este atrapalhamento, o padre José enganava-se frequentes vezes. Distraído como era, assoava-se aos guardanapos que em seguida metia no bolso julgando ser o grande lenço de linho. Outras vezes puxava pela caixa das hóstias para oferecer esturrinho aos circunstantes.

A animação crescia de momento para momento.

Acabado o jantar, Nuno levantou-se e dirigiu-se para a varanda em cata da esposa. Esta, encostada a uma das colunas, contemplando o pomar nu e escalvado nem ao menos se moveu, ao sentir no pavimento as tímidas passadas de seu marido.

— Que é isso? — perguntou ele amorosamente — estais incomodada?

— Estou, senhor morgado, — respondeu ela sem o fitar.

— «Senhor morgado? Ora essa! Entre nós acabou a senhoria!

Este *senhor morgado* não soou bem ao ouvido puritano de Nuno. Não se deu, porém, por achado. E, aparentando serenidade, tornou:

— Se estais incomodada, retirai-vos daí.

— Estou perfeitamente; não é mister vossa senhoria afligir-se por minha causa...

— É dever meu.

— O senhor morgado... não tem deveres... Muito obrigado. Estou melhor estando só...

— Como assim? — perguntou estupefacto — Está melhor sòzinha?! Não tenho deveres?! Que diz Mariazinha?

— Nada tenho para dizer, a não ser que me incomoda. Peço-lhe que me deixe.

— A senhora está enganada... Não se lembra que é minha esposa?

— Esposa? — disse ela como se acordasse de um pesadelo. Antes o não fosse. Ontem era mais feliz que hoje.

Nuno fitava-a, ciumento. No seu íntimo desencadeava-se uma tempestade a estalar... O ódio e o desespero, a vingança e o ciúme, eram quatro potentes elementos que revolucionavam a escaldada mente de Nuno, ao ver-se repelido pela esposa.

Ao cabo dum momento, porém, num gesto de refalsada ternura; ciciou-lhe:

— Oh! não me diga isso! Eu amo-a tanto!... Pague-me na mesma moeda...

— Não posso! Odeio-o!...

— Não se recorda então das últimas palavras que o padre Mota pronunciou? Não pensa que de hoje para o futuro me pertence? Não sabe que somos um do outro? Oh! não continue implacável.

Maria voltou-se de repente e fitou-o.

Aos olhos de Nuno subiu um clarão de alegria, misturado de esperança. Mas se ele fosse bom fisiono-

mista notaria que esse olhar traduzia rancoroso desdém, desprezo, nojo... A mal maridade disse-lhe:

— Recorda-se do que lhe expus, alguns dias antes do no... — quero dizer... — do seu casamento?

— Sim: ouvi as suas criancices...

— Eu disse-lhe que o não aceitaria nunca — note bem: *nunca* — por marido.

— Disse... Mas, ao que se vê, enganou-se.

— Fui violentada, fui forçada a acompanhá-lo à Igreja. Não pude vencer a vontade de meus tios. Eis por que me enganei. Poderei amar um marido que me é dado à força? Não: Nunca o considerarei como tal.

— Então não é minha esposa?

— Para o mundo! Perante Deus continuarei em donzelia.

O morgado alinhavou um sorriso zombeteiro:

— Oh! Não diga isso...

— Não poderei dizer outra coisa.

— Isso passa-lhe. Bah! não faça aquelas. Olhe que está dando escândalo.

Maria chorava. E intimamente amaldiçoava aquele indesejável homem.

— Venha até lá dentro. Parece mal. Que há-de dizer essa gente? Ande... Que se há-de fazer agora? Perdoe-me mas eu tenho-lhe tanto amor...

— Oh! deixe-me... Vá fazer companhia aos meus verdugos que o ajudaram a violentar a minha vontade.

— Escute-me...

— Incomoda-me.

— Mas, minha senhora...

— Vossa senhoria perdeu-me. Poderia ser feliz se o senhor não existisse.

— Sabe a quem está dizendo isso? É a seu marido.

— Meu marido! Ah! a morte engana-se tantas vezes!... Ah! morte, morte... Levaste-me metade da alma e puseste a minha em martírio...

Aos lábios de Nuno aflorou um sorriso sarcástico:

— Devia ter morrido eu primeiro, não?...

A jovem limitou-se a responder:

— Não desejo a morte a ninguém.

— Parece-me que há momentos tinha outra opinião.

— Engana-se. Lamento só a morte daquele que me faria feliz... se fosse vivo.

O morgado inquiriu com um ar de cínica curiosidade:

— Amava-o então muito?

— E amo ainda. Amo a sua memória...

— Quê? ama um cadáver?

— Amo a alma, que voou ao céu e lá me espera. O meu coração pertence-lhe. Há muito já que lhe estava prometido. Jurei-lhe amor eterno numa noite de luar em que o senhor o quis matar com um tiro de arcabuz.

— A vítima fui eu. Estive dois meses entre a vida e a morte.

— Foi a justiça de Deus.

— Muito obrigado. Mas... se esse homem morreu... que espera dele?

— O perdão — replicou Maria.

— O perdão?...

— O perdão, sim! de lhe não ter sido fiel até à morte. Fui forçada a cometer infidelidade...

— Ora... ora... Está gracejando...

— Engana-se: eu não brinco com coisas sérias.

— A senhora julgará por ventura que casaria com tal homem?

— Não casei na terra; casarei no céu!... A sua alma está casada com a minha, e breve, muito breve se unirão... Anseio pela morte, que liberta!

— Doida! — uivou o repelido marido.

* * *

Contrastava bem a cena que acabámos de descrever, com o que se passava entre os convivas da boda.

Enquanto na varanda, os recém-casados, travavam essa luta, essa tempestuosa luta moral, que seria suficiente para desnortear por completo um homem menos teimoso e menos cínico que o morgado, na sala de jantar campeava a alegria — aquela alegria ruidosa, usual nas fartas bodas provincianas, quando as iguarias são abondo regadas. Até à mesa redonda de Barbeitos chegara a pescada de 15 arráteis, daquelas gordas pescadas «do nosso mar»; vieram as carnes frescas do sarrabulho, aromadas com cominhos; as galinhas coradas no espeto da lareira; o anho do forno, recamado de cheirosas folhas de louro... Depois... o «arroz-doce dos noivos»; os pudins que vieram do mosteiro; os suspiros de freira... e outras especialidades da doçaria conventual...

Eram bem diferentes na sua essência o espírito que presidia ao banquete, daquele que presidira à cena da varanda.

Ora sobre esta fortaleza gastronómica, que admira, que volitasse em liberdade a alma álacre do folgazão Dionísius, evolada, à surrelfa, dos vinhos capitosos da garrafeira do abade, que passava por ser a mais farta e de maior categoria da região? Que admira? Não: no banquete nupcial de Barbeitos não havia preocupações, nem afloravam desgostos, por parte dos convivas: falazava-se, diziam-se remoques e anedotas, a propósito de noivados...

A triste noiva ausentara-se para dar expansão à sua dor. O noivo acostou-se aos seus convidados e com eles fez causa comum, no bailado dos copos, a executarem a dança movimentada do «vira-virou».

E, graças ao Pai-da-Vinha, todos ali mostraram mestria e desenvoltura de tal ordem, que não se chegou a verificar, qual foi, de todos, o primeiro a chegar à meta...

* * *

Maria formara tenções de não acompanhar seu marido ao solar de S. Pelágio, onde deveriam viver. Mas meditando bem no caso e conhecedora, como era, do génio violento do tio, convenceu-se que era inútil reagir. Lembrou-se ainda de se fingir doente. Mas, espírito desconhecedor da mentira, renegando a hipocrisia, repugnava-lhe semelhante papel. Aguardou, pois, os acontecimentos, mas disposta a manter a sua donzelia.

Por sua vez Nuno, quis convencer-se que o procedimento da esposa deveria ser quando muito um desabafo de momento. Amá-la-ia. E se ela não quisessecor responder-lhe, ressarciar-se-ia do amor, nos seus duzentos mil cruzados do dote. O tempo diria como.

* * *

No entretanto o morgado saindo da varanda retirou à sala de jantar lívido como um cadáver. Por mais cínico que se seja, é impossível receber a sangue frio um golpe tão profundo e extemporâneo, como o que ele acabava de receber.

Sentou-se no seu lugar e ouviu entre sereno e agitado a conversa dos seus amigos.

— Senhor sobrinho — disse a dona Teresa — onde está a Mariazinha?

— Na varanda.

— Terá alguma dor?

— Creio que não — respondeu Nuno.

— Eu vou lá.

E encaminhou-se para o patim.

No entretanto o padre José, cansado de discutir, adormecera sobre a cadeira.

O abade, a fim de pregar-lhe uma partida, introduziu-lhe nos enormes bolsos restos de sobremesa, cascas de noz, um faqueiro de prata e um guardanapo. Na birra do esturrinho, deitou fuligem do paranho... Tinha carradas de pilhéria o velho abade!

— Ah! ah! ah!... Logo que acorde... vai ser o diabo — comentou o abade com o espírito do moscatel a ferver-lhe no cérebro.

* * *

Eram quatro horas da tarde quando tudo retirou. O abade acompanhou os noivos até ao medievo solar de Alvre e Gragido.

No dia seguinte voltou a Barbeitos.

Babava-se de contentamento.

— E então como correu lá isso? — perguntou a irmã limpando uma lágrima que há muitos anos esperava ensejo de vir à luz.

— Não teve dúvida; tudo correu bem, Deus louvado. A pequena pra lá ficou, coitadinha. Chorava com saudades. Como tem lá a dona Mariana pra lhe fazer companhia, não terá dúvida...

A dona Mariana era uma velha, tia de Nuno.

— Coitadinha! Então ela chorou muito?

— Chorou. Ora... Saudades, saudades...

— Olha José: eu também chorei toda a noite... Ela não devia ter saído daqui. Enfim...

— Ora... Está muito bem, Teresa. É feliz. Tem um marido à altura.

— Lá verdade, verdade...

— Nunca arranjaria melhor casamento... O nosso novo sobrinho tem uma grande fortuna. Quando eu fui tutor dele, por pedido do Dioguinho, que Deus haja no santo Reino, lancei os meus cálculos sobre o

dote que ele tinha herdado dos pais. Pois menina: botava trezentos mil cruzados, mais bocado, menos bocado. Agora com mais uns acheguitos das tias e tal, quatrocentos mil é a quanto deve montar o dote dele. Hein! que tal? Vê lá se isto era de perder!... Foi por saber destas coisas que eu disse sempre: — «há-de casar, há-de casar». E casou!

— Bem foi ela.

— Dizia-me o badana do Zé Valente que não casasse a pequena à força. Fôssemos nós olhar prò que ele dizia...

— Coitado. O ti'Zé é amigo. Lá o dizer isso não era por mal.

— Está visto que não. Mas... — Agora vou escrever ao dom João de Arga a dizer-lhe que pode abrir a gaiola ao *melrito* quando quiser. Agora já não há perigo. Mas olha que o maldito parece que enfeitiçou a pequena! Disse-me outro dia a Josefa Cachula que o Roque feiticeiro preparara umas bruxarias para ele lhe dar! Que beleguim!... Vês tu? Olha que tratante!...

— Ora, ora... A Cachula! bem sabes que essa mulherzinha ainda é pior que o Roque. E mentirosa?... Credinho...

— Também mo disse a Charela.

— Ó padre! pois tu acreditas nessas mulheres? O rapaz não nos servia por ser da família que é. De resto... Ora não é isto? Sim... já se sabe: — sempre é gente moira e de pouca religião. Nosso Senhor podia--nos castigar, se deixássemos casar a nossa menina, com gente sem fé. Eu lá nisso sou muito escrupulosa.

— Credo!... Credo!... Estás tola Teresinha. Se ela teimasse em não casar, metia-a no convento. Quando ela quisesse consorciar-se com o morgado, saía. Tudo havia de correr às mil maravilhas! Ela gosta de ar livre, gosta do campo e das flores. Pouco tempo estaria presa. Mas casar com um Vermelhim!... Isso... fiu... fiu...

E dava um assobiozito.

— E olha que ao jantar ontem...

— Ai! é verdade. Antes que me esqueça deixa dizer-te: um faqueiro de prata, um guardanapo de linho bordado e um paliteiro dos de prata... lá se foram. Não sei que caminho levaram.

— Ah! ah! ah!... Quê, quê? Falta um faqueiro?... Ah! ah!... Foi o padre Zé...

— O padre Mota?!...

— Sim, Teresa. Um grande finório o nosso padre-cura. Fui eu que lhe enchi o bolso para lhe pregar uma partidita. Mas, afinal, quem ma pregou foi ele. Ora o diacho do homem... Ah!... ah... ah...

E porque ninguém se ria, gargalhava ele...

* * *

Consumatum est. Estavam satisfeitos os desejos do abade. Chegara enfim a ver em realidade o que há muitos anos fantasiara: — a união das duas casas — Barbeitos e S. Pelágio.

Conseguirá o clérigo a felicidade da sobrinha?

O futuro o dirá.

No entanto, o padre Ponce procedera cônscio de que a fazia feliz, a despeito mesmo dos seus protestos, das suas lágrimas, dos seus pedidos de misericórdia.

Dir-se-ia até, que o padre, antes de obter a felicidade para a sua jovem pupila, a procurava para si. Julgou-se tranquilo quando findou a cerimónia religiosa do casamento. Pois se ele acabava de fazer à sobrinha um presente de quatrocentos mil cruzados! Não deveria sentir a paz da consciência?

O abade era fraco conhecedor da psicologia humana. Desconhecia completamente os mais belos afectos, que o coração da mulher amorosa alberga em seus escaninhos.

Ignorava que o Amor — o mais doce e acarinhado dos sentimentos, a mais suave das emoções — tivesse raízes de tão elástica e sólida contextura que, mesmo depois destas arrancadas pela violência. pudesse manifestar sinais de vida e aflorar renascido e com maior impetuosidade à superfície de almas fortes, da têmpera da de sua sobrinha.

O tonsurado media os outros por si. Como era interesseiro e se fascinava ante o *vil metal*, entendia que a sobrinha devia ter idênticas aspirações: — amar o ouro.

Mas o amor ao ouro é próprio dos avaros, dos ambiciosos, dos espíritos tacanhos e baixos. E Maria, espírito alevantado e altruísta, alma diamantina, onde só o amor tinha cabimento, desconhecia essas vis paixões humanas, que são filhas do egoísmo social.

Se o padre Ponce e Afonso Dinis, um pelo rancor e pela intriga, outro por preconceitos de raça e por ódio, não houvessem obstado aos tão castos e tão sin-

ceros amores de Maria e Gabriel, por certo que os dois jovens teriam usufruído a felicidade, de que eram merecedores. De facto a felicidade jamais passou à porta das suas amaríssimas existências.

Quem teve a culpa disso?

. . . . . .

Ignorava Maria, que vivia Gabriel, quando a obrigaram a casar. Casou julgando-o além túmulo. Se ela conhecesse a verdade, se soubesse que a dois passos jazia enclausurado e preso sob ferros, aquele que a sua alma elegera, tornaria verdadeiras as suspeitas do morgado: — opôr-se-ia à última hora. E não seria essa resolução um virtuoso rasgo de fidelidade? Decerto. Mas aos olhos das famílias e convidados isto seria tido como a mais imperdoável das faltas. É assim tudo, neste mundo de hipócritas conveniências. Poucos têm a consciência exacta dos seus actos, mas todos se julgam juízes no tribunal alheio.

É mister que se saiba: a sobrinha do padre Ponce nunca prometeu, quer ao tio, quer a Nuno, palavra de casamento. Ao contrário: protestou sempre; e ao morgado chegou mesmo a dizer que «nunca o aceitaria por marido». Vencida, porém, pelos maçadores discursos dos rabugentos tios, começou por guardar um certo silêncio, que eles foram tomando à conta de consentimento. Não era, contudo, esse silêncio uma aprovação completa. Demais, Maria, supôs sempre que Nuno, depois de ela lhe ter negado o seu amor, não teimaria, nem insistiria no casamento.

Era estultícia pensar em tal.

A jovem enganou-se. Na sua teimosia, o morgado de Alvre e Gragido não ligou importância a frases como estas: — «Poderei casar consigo mas nunca o amarei»; «o meu amor pertence a outrem»; «odeio-o»; «não o posso amar», e tantas outras que ele ouvia com cinismo e muitas vezes com um sorriso sarcástico, quiçá percursor duma vingança futura, que então já germinasse nas profundidades tenebrosas da sua alma pouco fidalga...

Parece mesmo que o negativo amor da noiva o não mortificava. Acaso lhe não vendiam amor as suas numerosas concubinas? Não seria até provável conquistar mais tarde a esposa pelo ciúme?

Nuno enganava-se. Maria não lhe dedicando amor, jamais sentiria o acicate do ciúme.

. . . . . .

X

Os latins de «frei Tonel»

«...teus pais encerrando-te nesse túmulo do claustro...
... com o coração a palpitar e não pensando senão em ver-se livre da clausura...»

Pinheiro Chagas — OS GUERRILHEIROS DA MORTE

Uma tarde, no claustro de Palme, o noviço Nicolau e o prisioneiro Gabriel passeavam despreocupadamente conversando em voz baixa. Falavam da fuga já por duas, ou três vezes tentada inùtilmente.

Tinham, pois, sido infelizes.

Gabriel estava quase desanimado. Exercia-se sobre ele uma vigilância aturada. Havia dois meses que não tinha novas do mundo exterior. Seu pai tinha-o visitado duas ou três vezes; mas jamais lhe trouxera uma notícia, do que se passara na aldeia, desde a sua saída.

Educado na liberdade, na ampla liberdade do campo, dos bosques e dos montes, Gabriel não podia suportar a vexatória arbitrariedade de o haverem privado dela. A clausura enchera-o de tédio. Tinham-no transformado num misantropo, a odiar tudo e todos, mercê de odiosos desentendimentos e de certas praxes egoístas, — os orgulhos de castas e... «as nossas conveniências», para uso dos outros...

No mundo, para ele, existiam apenas dois únicos viventes, em cuja sinceridade acreditava: — Maria, a quem ele dedicava imenso amor, e com quem se considerava já consorciado, ao menos perante Deus; e Nicolau, — vizinho e sincero amigo.

Na vida retirada, na clausura forçada, jamais podia encontrar um coração amigo, a não ser no seu dedicado conterrâneo.

Os dois mancebos fraternizavam francamente.

Nicolau, que era rude e sincero como o pai, era também para Gabriel mais que um irmão. Condoía-se da vida amargurada do inditoso rapaz, confortando-o sempre em suas atribulações, com palavras de esperança.

Não havia entre eles segredos que não fossem do domínio de ambos.

O filho do José Valente, como é sabido, estava no convento por vontade própria. Não sei, porém, que misterioso agente influiu nele, para que, — quando o filho dos Vermelhins foi encerrado no convento, — já o nosso homem estivesse farto de noviciado, de frades e de vida retirada. Rudemente educado na liberdade, queria liberdade. Verdade seja que em Palme os frades

levavam vida folgada e alegre. Mas, ao que parece, o rapaz não tinha estômago para aquilo. O próprio pai o afirmou mais tarde.

. . . . . .

No convento havia, às vezes, concertos musicais dados pelos frades a alguns amigos das redondezas.

Era uma santa pândega!

Frei Ferros, o bojudo *frei Tonel*, tocava rabeca. E o frei Benedicto, que era magro e alto como um cipreste, tocava flauta.

O padre-mestre, que tinha naris de crítico, classificou-os:

— «O Ferros lembra um porco a grunhir; e o outro, uma flauta de osso, a tocar numa flauta de buxo.»

Havia contudo, músicos de certo merecimento. Dom João de Arga, por exemplo, era um violinista de valor. E até o Vilares, o homem dos salpicões, tinha predilecção pela música: manejava admiràvelmente um cavaquinho, saltitava o «Malhão-batido» e cantava com boa voz.

Frei Martinho não sabia tocar nada, a não ser torneiras. Todavia, com dez réis de animação, cantava a «*chula*» e o «vira-virou». E duma vez que andou na cobrança dos foros e pensões da casa, em Vilar-chã, cantou a *Maia*, numa espadelada, ao desafio com uma cachopa da Ronda vilachanesa, cantadeira de fama por essas terras além...

Não faltava, pois, alegria aos descuidados filhos de S. Bento.

Convém advertir, porém, que os noviços poucas vezes eram admitidos a estas manifestações da arte. Ora é claro que o Nicolau, que tocava qualquer coisa de cavaquinho e *varejava* com certa mestria uma viola, não devia gostar muito dessa odiosa exclusão. E foi talvez por isso que ele começou a desgostar do cenóbio e dos seus habitantes. Quem sabe!?

Verdade, verdade: um concerto musical após uma dessas ablações na adega, devia ser uma saturnal completa e engraçadíssima se fosse possível presenciar-se.

* * *

Ora deixemos suas reverendíssimas paternidades com os seus favoritos divertimentos e continuemos com o que mais importa saber-se.

Passeavam os dois, como já dissemos, nos claustros, planeando a fuga:

— Então, Nicolau? Que dizes? É bem certo: caímos no inferno... Agora é que eu me lembro bem duns versos italianos que o frei Mendo... — esse sim! esse é que era um santo! Muita coisa me ensinou aquele bom velhinho! Conheceste-lo, Nicolau?

— Tão bem como vossa senhoria.

— Pois ele tinha um livro que falava do inferno; e dizia assim a respeito dos que lá caem:

«... ed io eterno duro;
Lasciate ogni speranza, voi che 'ntrate.»

— E isso que quer dizer? Eu lá dessas coisas não sei nada.

— Nem admira. Os teus mestres não sabem ensinar. Sábio, a valer, o que foi meu preceptor — o S. Romão! Mas isto quer dizer que o inferno dura eternamente e que quem lá cai, pode dizer adeus à esperança... Nunca mais sai... Olha que há dois meses e meio que penso nestes versos; e cada vez me convenço mais da verdade neles expressa. Adeus esperança!

— Quê? que diz fidalgo?

— Desanimei.

— Pois olhe... eu cá não perdi a esperança. E até...

— *Lasciate ogni speranza*, — dizei adeus à esperança...

— Olhe, fidalgo: conhece a cela do frei Ferros?

— Conheço.

— Sabe que tem uma grade falsa?

— Não.

— Pois tem, descobri isso hoje! E havemos de sair por lá.

— Impossível.

— Porquê?

— A altura é muita.

— Isso que tem? Umas cinco varas...

— Como havemos de descer?

— Com uma escada; ou até com uma corda...

— E a escada? e a corda?

— Oh! diacho! Lá isso... E o frade? Como diabo havemos nós sair por lá de noite e o frei Ferros na cama? Se ele acorda?

— Ora, ora! O frade não me causa receio. Arranjássemos nós a corda... O resto bagatela! Estando ele com um golito, pega no sono de tal maneira que, ainda

que lhe caísse o céu velho em riba, acordaria. Só temos que procurar ocasião em que ele se embriague. Mais nada.

— Tudo está muito bem. E a corda?

— A corda também há-de aparecer... Toca o *nola*. Há coro. Silêncio. Até amanhã.

Os dois amigos subiram as escadas vagarosamente e entraram no templo.

* * *

Daí a dias, encontraram-se ambos novamente.

— Então fidalgo? Animado, hein!

— Pouco. Vejo isto muito demorado.

— Calha hoje, talvez.

— Calhará?

— Calha. Os homens já estão na *brezunda*. Se eles não aparecerem,ao coro,... é pela certa.

De facto quando o *nola* badalou, chamando à oração, da *camarilha* só dom João de Arga apareceu no coro.

Gabriel e o noviço trocaram entre si um olhar significativo.

Quando acabou o acto religioso recolheram às celas. Nicolau entrou na de Gabriel:

— Calha hoje, hein! Eu não dizia?

— Vamos a ver, vamos a ver!...

— Prepare-se, prepare-se. Não há que ver.

— E o diabo do frade? Olha que não sei...

— Frei Bento, tem o sono muito pesado. Ora como a cela dele é a única que nos pode favorecer a fuga, temos que nos aproveitar dela. Deitando-se ele

às nove horas, como é seu costume, às dez ressona pelo furo de riba. Às onze... raspamo-nos nós. Entraremos descalços na cela; subiremos para cima do escabelo que está junto à grade partida; agarramo-nos aos ganos do castanheiro do terraço, descemos por ele abaixo, e... eram duma vez dois homens... numa prisão.

— És um bom amigo, meu caro Nicolau — exclamava Gabriel entusiasmado. — É isso! é isso! Estamos livres.

— Espere. Ainda não é tudo. Depois de estarmos na cerca temos outro obstáculo a vencer.

— Qual é?

— Galgar o muro.

— Bagatela.

— Já isso não digo eu.

— Então?

— O muro é alto, como sabe. Pela portaria não podemos sair: temos lá o converso frei Luís que é fino como alho!... Só se for...

— Pelo lagar do azeite — concluiu Gabriel.

— Exacto. Sairemos pelo lagar. Uma vez na cangosta, falta-nos procurar pousada, ao longe, onde não dêem com a gente.

— Falta... — disse pensativo o enclausurado.

— Ocorre-me uma ideia; eu tenho a três léguas daqui, um parente, que estou certo nos dará pousada. Meu primo é um lavrador abastado e muito meu amigo.

— Aproveitaremos. Iremos para casa do teu parente, visto que nossos pais não nos acolhem. Pelo menos o meu. Lá o teu...

— Tem razão.

— Paciência. O que eu quero, é liberdade, fugir desta prisão, deste suplício cruel, onde se morre de tédio...

— Bem: temos combinado.

— Descalço, ouviu?

— Estamos entendidos.

Nicolau saiu.

* * *

Soavam na torre do mosteiro as badaladas cadenciadas do *toque de almas* quando a porta da adega se abriu silenciosamente facultando a passagem a dois vultos que começaram a movimentar-se ao longo dos claustros. Um era esferóide, negro, disforme: *frei Tonel.* O outro, igualmente negro, mas mais alto e esguio era frei Benedicto.

O ovo e o espeto!

Os dois seguiram ziguezagueando desastradamente até à embocadura da escadaria que dava ingresso às celas. Quando lá chegaram, tinham dado apenas três tropeções! — o que não era pouco. Mas enfim para o costume...

Frei Ferros, subindo as escadas, ia trauteando o *Regadinho* — o trecho de violino que ele melhor tocava e por isso aquele que mais vezes cantava:

«Água leva o regadinho,
regadinho vai regar...»

Mas de repente — catrapus — lá vem *frei Tonel* a rolar pela escada abaixo como um saco de azeitona, e foi estatelar-se, qual sapo apoleado, no meio do claustro...

Frei Benedicto, que ia a ampará-lo, tinha caído também na escada em risco de ser esborrachado pelo cilindro humano.

Quando pôde, ergueu-se e chegou-se a ele:

— Ó Bento? levanta-te, leva a riba, homem!

— Fico aqui!

— Está muito frio.

— Não tenho frio.

— Ó diabo: isso pode trazer maleita!

E foi-se por ali fora descrevendo curvas pouco regulares mas algo geométricas até à porta da adega:

— Martinho? Acode cá que o dialho do Ferros caiu pela escada abaixo e não pode erguer-se...

— Pois deixa-o ficar.

— E se ele morre?

— É mais alguma pipa de vinho que poupamos.

— Homem: anda daí...

— Se queres que te diga estou também um pouquito pesado. Mas enfim... Se não o podes erguer...

— Eu fiquei debaixo dele. Tenho as costelas deslocadas. Nem me posso bulir...

— Bem: vamos lá.

Chegaram os dois junto do frade, e puseram-se a rir...

— Ó *frei Tonel*? bota a riba, pesadão!

— Que alvitras *frei Dorna* de mil diabos?

— Põe-te a pé...

— Estou bem. Aqui é mais fresco que lá em riba... Deixem-me.

Mas o caso é que dali a bocado frei Ferros chegou à cela, amparado pelos dois da confraria da torneira...

Frei Bento sentou-se no leito; frei Benedicto atiçou a lâmpada, que colocou em cima do escabelo, e saiu.

O benedictino olhou para a rabeca que, metida num saco de baeta verde, estava pendurada num torno. E lembrou-se — oh! pai dos deuses — de dar... duas arcadas...

Zás-trás. Levanta-se a cambalear, pega na rabeca, senta-se novamente, desensaca-a, encosta-a ao queixo e... biribiri, biribiri, começa a arrancar ao velho violino gritos tão esdrúxulos, berros tão dissonantes, que nem cabra esganada, no estertor...

Na cela contígua habitava frei Diogo, que era surdo como Quasímodo. Não sei, porém, que poder infernal tiveram os guinchos do violino, naquela noite, para acordar as últimas células ganglionares dos nervos auditivos do velho monge. E o caso é que momentos depois batia-se à porta do rabequista:

— Truz!, truz-truz!...

— Entre, quem é — disse o frade continuando a zanzinar chirrobirros...

A porta abriu-se. Era frei Diogo.

— É só uma palavrinha: eu pedia a vossa paternidade para não tocar mais. Incomoda muito.

— Ah! não há dúvida. Pronto. Vou também dormir.

E pôs a rabeca no chão junto à cama. Pegou depois no breviário e abriu-o, começando a soletrar em voz fanhosa e trovejante:

— *Die XIV. Januarie. S. Hilarii.* — Oh! com seiscentos diabos!... que me tinha esquecido a reza! Faltava ainda mais esta. Bem: que se lhe há-de fazer? Enfim... Vamos cá ver este senhor santo Hilário, que a estas horas deve estar no céu, melhor que eu aqui: — *Le... lec... lectio,... Lectio V.* — Isto de haver mais duma língua em todo o mundo não é grande coisa... A torre de Babel foi o diabo! Devia-se falar só a portuguesa. É a mais fácil. Até as criancinhas a sabem!... Esta nem o diabo a entende. É latim e basta... — *Verum...* — Deixa principiar outra vez.

O frade inclinou o livro para a luz e continuou, em solilóquio, a soletrar:

— *Lectio V. Verum cum Ursacius et Valens Ariana Episcopi...* — Episcopo? Que diabo quer isto dizer? Ah! ah! ah!... E ainda dizem que os santos não gostam de copo... Olha quem!... Que maganões!...

E soltou uma valente gargalhada.

Depois continuou:

— *... quos Hilarius,* — prò Hilário... Com que então Santo Hilário também gosta de copo? Pois não me ganha. Também eu gosto. E sendo do verdelho cá da casa? Isso então... Ora vamos a ver este restinho de latim: *quem ad Episcopatum secutus est Martinus...* Martinho? Diabos carreguem o latim se eu o percebo... Sim.

É como eu digo... Que quer, então, isto dizer? Que tem Santo Hilário com o frei Martinho? Sim... Eu queria... Eu queria que me dissessem que relações tem Santo Hilário com o nosso adegueiro...

E frei Ferros ficou um momento pensativo. Depois, fungando desastradamente uma pitada de esturrinho, ergueu novamente o breviário e lembrou-se... lembrou-se traduzir o seu latim...!

— *Quem ad* — quem há; *secutus*... *Secutus*? que diabo de palavra é esta? Excomungado latim. *Secutus*? Hom'esta... Ah! já sei: — é encher. Eu logo vi. É isto, é... Conhece-se mesmo pelo sentido... — E depois? Ah! bem vejo; é aqui — *Episcopatum*. *Episcopatum* ou *biscopatum*?... — Ah! ah! ah!... Eu já os emendo... E dizem que eu não sei latim!?...

Frei Tonel aspirou novamente uma *narigada* de rapé, e depois tornou a principiar:

— *Quem ad* — quem há, — *secutus* — encher — *biscopatum* — os dois copos — *est Martinus* — é frei Martinho... — Eu cá de latim não sei muito, não... Mas enfim, tanto como o padre-mestre sempre sei... Ah! ah! ah!... E dizem que eu não sei latim!... Que burros!...

E o obeso monge dizendo isto estendia-se por sobre o leito. Depois encarando de novo o velho breviário, continuou:

— «Quem há-de encher os dois copos é frei Martinho...» Ah! ah! ah!... De acordo. É justo. Frei Martinho sabe bem do seu ofício... Oh! se sabe! Por S. Bento! Bem: Santo Hilário gosta do vinho?

Pois também eu... Não me ganham os maiores bebedores da terra! ou do céu!... Se eles beberem duas canadas, eu bebo dois cântaros. E adeus meus botões que vou dormir. A rezinha fica para amanhã.

E o monge dispôs-se a reconciliar o sono. Despiu o hábito e os calções, e meteu-se debaixo dos cobertores.

Passou assim meia hora e nada do sono chegar.

—Olá! lâmpada do berzabum: apagas-te ou não te apagas?

É que *frei Tonel,* acostumado desde a infância a dormir às escuras não podia pregar olho sem que deixasse de brilhar a luz do azeite.

Tinha, pois, que apagá-la. Como? Levantando-se? E o peso?—o duplo peso de que estava possuído?

Ocorreu-lhe então uma ideia:

—Na igreja temos para apagar a cera umas carapuças de folha engalhadas numa cana. Se eu cá tivesse um desses apagadores... Mas hei-de trazer um prà'qui. Olá...—Erguer-me é que não tem jeito. Este friinho... Nada, nada: por hoje açapo-lhe com os calções.

E dito e feito: pega nos calções, ergue-os no ar, dá-lhes balanço, e... bumba — lá vão eles virados à lâmpada.

Errou, porém, o alvo.

—Diabos carreguem os calções!...

Pôs-se a olhar prà luz. Lembrou-se de lhe soprar.

De efeito encheu as bochechas de ar e começou a soltar umas ventanias tempestuosas que, salvo o devido respeito, pareciam saídas dum dos odres de Eolo.

A chama tremia, oscilava, azulava-se de fraca. Mas apagar-se...?!

—Diabos carreguem o Benedicto por não ter posto a lâmpada aqui à beira!... E sempre tenho de me erguer... Que espiga!...—u... u... upa!...

Levantou-se a muito custo e foi ao pavimento buscar os calções... deitando-se em seguida.

Que finório o padre Ferros!

Uma vez refestelado no leito, sorveu desdenhosamente uma pitada de esturrinho, e murmurou com os seus confidenciais botões:

—Vamos lá que eu ainda não sou tão burro como diz o padre-mestre. Isto... quem tem cabeça tem ideias... Ora bem:—eu podia ter apagado a lamparina, lá isso podia; mas tinha que me deitar às escuras... Ora... claro está que não tinha jeito nenhum. Até foi melhor assim. Ora vejamos...

E começou a enrodilhar os calções. Repetida a operação, conseguiu o que desejava, com a única diferença de partir a lâmpada e derramar o azeite pelo pavimento...

Frei Tonel pôs-se a pensar um pouco no desastre, murmurando para si:

—Realmente o padre-mestre tem um nadita de razão, quando diz que eu que sou asno... Burro e burro orelhudo. Se eu tivesse apagado o dialho da luz, quando fui buscar os calções... Falta de me-

mória, já se vê. Em todo o caso estes brutos, como por exemplo o moinante do padre-mestre e os austeros cá da casa, são capazes de dizer que isto foi carraspana... Pois eu hoje... entornei pouco! Ora deixa ver: uma... duas... mais meia, duas e meia... uma, a meio com o Benedicto, três... E acho que não foi mais... Ah! sim: duas, a meio com o Arga e o Vilares. E mais nada... Ora que diabo, são quatro ou cinco canadas de vinho?!... Está claro que não estou tocado... Ora que vão todos abaixo de Braga... Se disserem... é a mesma coisa. Carras... pana, be... bedeira, ta... xa... da... Ora...

E adormeceu profundamente...

* * *

Precisamente na ocasião em que *frei Tonel* fechava as pálpebras e principiava a ressonar ruidosamente, começou a movimentar-se pelo corredor além, um vulto escuro e silencioso que foi prostrar-se encostado ao tranqueiro da porta de frei Ferros.

Era o noviço Nicolau.

Demorou ali alguns minutos; e como viu que o frade dormia a bom dormir, abriu a porta de mansinho e cocou.

A lua — a viageira sideral — despontando no horizonte, em quarto minguante, fazia passar através das grades falsas da janela da cela, uns raios mortiços de luar. O noctívago cerrou a porta, deslizou vagarosamente até à varanda dos claustros e contemplou a noite.

Ouvia-se ainda um rumorejar confuso lá para os lados da cozinha. Eram os donatos que seroavam à lareira, ou faziam as arrumações.

Estava o noviço a cogitar, no meio, como desceriam sem perigo, pela ramagem do castanheiro, quando percebeu que a porta da adega se abria. Fitou os olhos para aquele lado. Dali a momentos uma sombra, um vulto negro, de elevada estatura começou a movimentar-se silenciosamente, qual misterioso fantasma das lendas vilachanesas.

Era frei Martinho.

Nicolau, que estava descalço, pois apenas trazia nos pés umas meias de lã, seguiu-o a curta distância.

O frade abriu a porta do claustro e entrou no locutório. Com um pouco de azeite que levava numa almotolia, untou os gonzos do portão, correu vagarosamente o ferrolho e abriu-o com tal jeito que não fez o mínimo barulho, ao facultar-lhe passagem.

Para onde iria o adegueiro a tão adiantada hora da noite?

?!...

* * *

Um momento depois, entrava na cela de Gabriel, o noviço Nicolau.

O enclausurado emaçava as cartas, reunia objectos a que se prendiam saudosas recordações e ensacava alguma roupa de primeira necessidade.

Fidalgo! — disse o noviço: — não temos tempo a perder: prepare-se ràpidamente que vamos sair pela portaria.

— Estás doido...!

— É não perder um momento.

— E a chave? E o barulho que o portão faz ao abrir... E o converso frei Luís, o Cérbero de Palme?...

— Eu cá sei... eu cá sei...

Dois minutos depois, os dois mancebos desciam a escada escura do claustro, penetravam no átrio e dispunham-se a sair, quando uma voz conhecida, a voz do ostiário, lhes bradou imperativamente:

— Eh!... Quem vem lá?

Os dois rapazes ficaram atónitos. Dar meia volta, e meterem-se nos cubículos, foi obra dum momento.

— Nada de desânimo. *Frei Tonel* ressona como um cevado. Iremos pela grade falsa. Diabos levem o frei Luís...

— Estou resolvido a tudo.

* * *

Como nada ocorresse de anormal, os dois rapazes resolveram pôr em prática o primitivo plano. Seguiram, pois, ao longo do corredor e pararam em frente da cela de frei Bento. O noviço impeliu a porta e escutou. O monge ressonavaa inda e com tal intensidade que se diria o rugido abafado do leão impaciente.

Entrou então, seguido de Gabriel. Tinha já lançado mão à aldrava da janela, quando Gabriel, trope-

çando nos cacos da lâmpada, os impeliu uns contra os outros, tilintando.

O fidalgo temendo que o frade acordasse, precipita-se para a porta, escorrega desastradamente no azeite que a lâmpada espalhara no pavimento, põe um pé sobre a rabeca, parte-lhe o cavalete e... cai sobre o volumoso monge...

Foi uma dos diabos.

Com todo este banzé, o benedictino acordou sobressaltado, esfregou os olhos e, rugindo uma praga com toda a força dos seus pulmões, regougou:

— Raios de ratos... Diabos vos levem prò inferno!

Julgou que fossem as ratazanas das lojas, que viessem de passeio até às celas e se deleitassem em passar alguns segundos sobre o seu reverendíssimo costado.

Quanto aos rapazes safaram-se.

A tentativa malograra-se mais uma vez.

Foi isto em meados de Janeiro, na ante-véspera do casamento de Maria com o morgado de Alvre.

* * *

Gabriel ignorava — é claro — *a sua morte*. Pois se ele, fìsicamente pelos menos, vivia!...

Bom será, pois, de perceber que, crendo-se vivo e bem vivo, nunca supôs que Maria o acreditasse nas regiões do Além.

Estranhava que ela não houvesse respondido a uma dezena de cartas que lhe endereçara. Mas ao mesmo tempo lembrava-se que isso seria motivado pela fisca-

lização do convento que provàvelmente — supunha ele — nem deixava sair as dele — o que era um facto — nem daria ingresso às dela, se lá chegassem.

Pensou assim durante meses. Mais tarde, subjugado pelo cepticismo, começou a descrer do amor e da dedicação da jovem pupila do abade Ponce. Tomou como axiomático que a sua ausência acarretaria ante ela o olvido; ao passo que o outro, com a sua presença constante, além de auxiliar esse esquecimento, faria ainda por se tornar amado. E isto de tal forma torturava o pobre moço, que aí pelas alturas de Abril, isto é, ao fim de sete longos meses de convento, o infeliz tinha a saudade exacerbada.

Passava horas e horas numa imobilidade cataléptica, assustadora. Não queria ver ninguém, a não ser o noviço. E duma vez que o pai se apresentou no convento para o visitar, negou-se a recebê-lo.

— Sou órfão, dissera, não tenho pai.

Por isso, apesar de dom João ter, por várias vezes, escrito ao velho a noticiar-lhe o estado de saúde do filho, o senhor de Vermelhim não aparecera no mosteiro. Contudo recomendava ao frade que lhe não faltasse com nada, que em breves dias lhe seria restituída a liberdade.

Gabriel, o forte Gabriel de outros tempos, confessava-se vencido. Tinha lutado e continuava a lutar, mas via já a vitória adejar sobre os arraiais do inimigo.

E era isso que a sua alma há muito adivinhara.

Era isso que lhe atrofiava a existência. Nas horas de silêncio, quando todos descansavam nos braços tonificantes do sono, cruel vigília o torturava. Vinha então

a nostalgia de braço dado com a negra melancolia a atenegrir-lhe a alma.

Nos raros momentos de tranquila estabilidade, conversava com o noviço Nicolau, que, como sempre, o exortava à coragem, à virilidade própria do sexo.

Punha então de parte a melancolia e entabulava com o seu dedicado conterrâneo, palestras salutares, cujo assunto, é claro, era uma evasão próxima, a liberdade em suma.

Um dia, o filho de José Valente entrou na cela de Gabriel. Este, como de costume, estava imerso nas suas nostálgicas cogitações.

— Ó fidalgo? — disse o noviço confidencialmente — como diabo há-de vossa senhoria descer pela grade abaixo? Sabe que hoje é certo?

— O quê Nicolau?

— A nossa fuga.

— Ora...

— Não tem que ver. Escusa de duvidar.

— Que dizes, meu amigo? — inquiriu Gabriel pondo-se de pé.

— Digo-lhe que o frei Ferros saiu agora mesmo para o convento de S. Romão e não vem senão amanhã.

— Àgora!...

— Já vê que quando digo, digo. Hoje é certo. Podemos manobrar à vontade. Hein! vossa senhoria até parece que já está melhor!

— Dizes bem: já estou melhor. Até já tenho vontade de comer... Estou fino, homem.

E de facto começou a passear no quarto com tanto desembaraço como se andasse aos coelhos nos montes de S. Lourenço.

— Sim, senhor: hoje gosto de o ver. Isso assim é que é ser homem. Hoje coma-lhe bem à ceia e beba-lhe melhor. Mas... cautela: não faça como o *frei Tonel*... Ah! ah!... Vossa senhoria desculpa, não é assim?

— Ó moço, podes dizer o que quiseres. Tu és um amigo, o único que tenho... acredita.

* * *

Quem, às dez horas da noite desse dia, no grande terraço da Cerca, junto ao verdejante castanheiro, cujos ramos penetravam pela grade partida duma das celas, observasse a janela, teria visto, por certo, descer um homem agarrado a uma tira branca e pousar no chão.

Veria ainda um outro pendente dos ganos alongados da árvore e descer abraçado a ela até pousar no terreiro. Uma vez ali conferenciaram em voz baixa e seguiram ràpidamente para o lagar do azeite. Abriram o portal que dava para o exterior e... sairam.

Eram Gabriel de Vermelhim e Nicolau dos Guimarães.

— Chegou alfim a liberdade...

— Mais vale tarde, que nunca...

Eis as primeiras palavras — quase simultâneas — que os fugitivos pronunciaram ao atravessarem os olivedos e devesas adjacentes.

Gabriel, que horas antes era um inútil, — rejuvenescera com a evasão.

— Sabes — disse ele ao Nicolau — olha que já não creio no *lasciate ogni spranza*, do livro do frei Mendo. Afinal de contas o inferno, a *citá dolente*, para nós teve uma saída. Os outros, os frades, para lá ficaram. Que vivam lá muitos anos, sem nós...

O filho do José Valente ria-se:

— Então vossa senhoria pensava que não havíamos de fugir. Ora essa! Cá estamos a respirar o ar da liberdade! Até o senhor Gabrielzinho parece outro! O convento dava-lhe cabo da vida.

Era impossível permanecer ali, mais um dia que fosse... À certa que morria!

De facto a liberdade trouxe a Gabriel a alegria, a saúde, a vida. A independência coagira-o a aceitar a virilidade perdida. Moral e materialmente — graças à liberdade — Gabriel vivia. Era segunda vez um homem...

. . . . . .

* * *

José Luís de Mameão — um morgado da aldeia — era dos mais abastados proprietários do lugar das Lagoinhas.

José Luís era o parente do ex-noviço, que lhe devia servir de hospedeiro. Previra nele um óptimo amigo e não se enganava.

O parente do Nicolau Valente recebeu-os familiarmente, fidalgamente, até. Não poderia acolhê-los melhor. Os rapazes passaram aquela *meia-noite* num sono de descanso invejável.

No seguinte dia, Gabriel travou com o seu companheiro o seguinte diálogo:

— Às deferências que devo já a teu primo, desejava juntar mais uma.

— Diga. Que é? Meu primo não se negará a prestar-lhe um serviço. Peça, pois. Que deseja?

— Um cavalo.

— Para quê?

— Queria rondar Barbeitos — queria vê-la...

— Ainda a não esqueceu?

— Oh! é impossível...

— Tem aqui um amigo para o acompanhar!

* * *

Feito o pedido, o morgado acedeu, inquirindo com reservada intenção:

— Tendes viagem?

— Vamos a Vilar-chã.

— Hum!... Se fosse em tempo!... Sim, se fosse enquanto a sobrinha do abade estava solteira, gabar-lhes-ia o gosto. Do contrário...

— Solteira!...—bradou Gabriel perplexo—Quem?...

— Casada: digo casada, a bela sobrinha do abade Ponce, com o morgado de S. Pelágio.

Gabriel empalideceu, turbaram-se-lhe as ideias, faltou-lhe a vista; e cairia, se o leal Nicolau o não amparasse:

— Seja homem! Não faltam lindas mulheres, por esse mundo além...

Mas o moço namorado não o ouviu.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

A Vingança do Degredado

I

Ciúmes

« . . . Poderá viver serena e sorrir aquela mulher?
Amor, esperanças—eis o ambiente que pode restituir a antiga louçania a essas flores que se murcham . . . »

Catalina — A MULHER

Vinha rompendo a aurora, quando o morgado se levantou.

Vestiu-se apressado, tomou a *pederneira* e, abrindo cautelosamente a porta do patim, desceu as escadas.

Para os lados da Cerca fez-se ouvir o som rouco duma buzina. Era o sinal de caça dado por Fernão Gil.

Nuno, fazendo girar sobre os gonzos o pesado portal da quinta, saiu para o monte.

O horizonte, ruborizado pelos clarões da madrugada, ia a pouco e pouco tornando-se alvacento. A natureza acordada pelas risadas estrepitantes da passarada, apresentava aos madrugadores um espectáculo surpreendente que faria o encanto dum poeta sonhador.

Porém, para almas prosaicas, como a de Nuno Diogo, o alvor da manhã, o despontar do sol, a fina pedraria dos orvalhos e os gorjeios dos alegres passarinhos — tudo isto passava despercebido, porque a tudo isto era indiferente a sua alma insensível à poesia.
Seguia de má catadura, contemplativo e absorto.

De quando em quando, parava e fitava o solar. Ficava-lhe lá a causa das suas apreensões — a esposa. Dormia, talvez, aquela esposa ingrata, cujos lábios até ao presente jamais ousaram pronunciar a dulçurosa palavra — amor!

E Nuno pensava...

. . . . . .

Apaixonado, como era, pelos exercícios venatórios, fácil é calcular que só neles encontraria passatempo, que o indemnizasse do desprezo da esposa conquistada pela violência.

* * *

Havia uma coisa, que muito e muito mortificava o senhor de Alvre e Gragido: era a existência de Gabriel.

A vida de Gabriel pesava sobre ele, como o remorso do crime sobre a consciência meticulosa.

— Sou um homem perdido — monologava ele — se o diabo do *frade* se raspa do convento. Um de nós há-de fazer a diligência por exterminar o outro. Minha mulher odeia-me. É mais uma circunstância que tenho

contra. Minha mulher ama-o... Tanto pior... Maldita a hora em que me casei...

Estes e outros pensamentos preocupavam constantemente o marido de Maria.

. . . . . .

Atravessou o carvalhal, calcou a torga de Fontecada e chegou à Cerca, quando Fernão Gil, todo atrapalhado, tirava da boca aos cães uma soberba lebre.

— Esta... cá está, hein! — disse o velhote ao avistar o morgado.

— Assim parece, bravo Gil!

— Enquanto vossa senhoria dorme, estrafego eu a caça — tornou ele numa risadinha seca.

— Dormir? Quem?

— O senhor morgado.

— Eu? Quem há-de dormir com tais buzinadas, tio Gil — disse Nuno esforçando-se por sorrir.

— Quantas vezes ouviu a buzina?

— Uma.

— Bem digo eu... Pois toquei duas vezes...

— Então sempre eu dormia...

— Olhe que *vasa!*... A propósito: não viu ninguém por lá?

— Não. Por quê?

É que eu ao sair do coberto ouvi um barulhinho lá para as bandas das hortas, à beira do jardim. Como se via mal não enxerguei quem era. Que eu aqui para nós, pensei até que fosse vossa senhoria. E decerto...

— Enganou-se: eu não.

— Já ontem foi o mesmo. Junto ao muro do quinteiro estava um homem alapado, que ao ver-me caminhar para lá, fugiu para os lados da azenha.

— Quem seria? Talvez algum jornaleiro.

— Talvez.

— Não fosse ele algum ladrão!...

— Também digo: Algum dos da malta. Quem sabe?...

— É preciso cautela — tornou o morgado um pouco apreensivo. Um homem na nossa quinta? Faz-me cismar... Diabo...

Fernão Gil internava-se no camarsão do Macolado e açulava os cães:

Eh! cadela!... Busca Ligeira!... Eh! cão... Aí vai... Aí vai, cão!... Salta que é coelho!

E os podengos espalhados na urze do outeiro, fariscavam pelas torgas.

Nuno sentou-se numa pedra e fitou, de mau grado, o solar de seus avós.

No levante, o sol — autocrata da luz — subia majestoso, doirando as gotinhas de orvalho pendentes dos arbustos verdejantes.

De quando em vez, os galgos, acirrados pelo monteiro, maticavam na pegada fresca da caça.

Fernão Gil seguia fleugmàticamente a canzoada, escorvando de quando em quando o olhal do arcabuz.

Nuno, do penedo onde estava, contemplava tudo isto, com um ar de carrancuda seriedade — aliás seu hábito, de sempre! Era um eterno mal-humorado.

* * *

Maria, logo que seu marido saiu, levantou-se e veio, como era seu costume, sentar-se no poial da janela que dava para o jardim, aspirando com deleite o ar fresco e perfumado da tépida madrugada de Abril, desse dia.

Havia já três longos meses que ela vivia no solarengo palácio do morgadio de Alvre.

Jamais a viram alegre.

Durante esse período, nunca à flor dos seus lábios purpurinos chegou um sorriso de contentamento, um gesto de bem-estar. A angústia andava dentro dela. Nada a distraía; tudo lhe acarretava tristeza. No seu íntimo, uma tempestade de aflições, incertezas e desgostos desencadeava-se contìnuamente.

Maria, que tinha um temperamento hiper sensível vivia numa atmosfera singular, partilhando a vida entre as meigas avezinhas do arvoredo e as flores perfumadas do seu jardim.

. . . . . .

Durante dois meses, serviu-lhe de *dama de companhia* uma tia de seu marido, D. Mariana. Esta senhora, porém, desgostosa por tanta falta de harmonia na casa de seu sobrinho, saiu.

Na medieval vivenda pairou desde então silêncio sepulcral.

O morgado entrava e saía sem proferir uma palavra. Maria retribuía condignamente este procedimento com o desprezo.

Pouco depois de Nuno ter saído para a caça. Maria levantou-se, como já disse, a fim de contemplar as mutações da manhã.

Ouvia-se ao longe o toque da buzina e os latidos da matilha. Por sobre as ameias do portão cruzavam as cotovias, repicando saudações. O melro e o rouxinol orquestravam suaves melodias. Este, salvando o dilúculo, cantava-lhe os últimos trechos de uma ópera admirável,—de que só ele é autor e executante exímio. Aquele, saudando a manhã «com verdadeiras risadas de cristal», no dizer do poeta, preparava-se para continuar o que o seu percursor começara tão auspiciosamente.

Eram os espectáculos da natureza, os únicos que distraíam a formosa dama. Neles encontrava a poesia da sua tão cedo extinta mocidade, a suavidade da sua descuidada infância e o esquecimento, se isso era possível, daquele que fora um dia o seu primeiro e último amor...

Desde alta madrugada, pois, que Maria vinha contemplando a natureza, sem que nada de anormal a tivesse impressionado.

Fitou o céu, onde uma estrela brilhava ainda, e, descendo a vista por sobre o brejo da Matinha, o que quer que fosse lhe feriu a atenção.

Entre as carvalhas movimentava-se um vulto. Quem seria?

Ocorreu-lhe então uma suspeita:—seria seu marido? Seria o seu carcereiro que lhe vigiava os passos?

Fosse ou não, Maria optou pelo sim.

* * *

Dois dias depois, presenciou ela a mesma cena.

Fernão Gil contara, ter visto um homem precisamente no mesmo dia, e, com pouca diferença, no mesmo sítio. Seria seu marido?

Não. Não era o seu carcereiro.

. . . . . .

Quem quer que fosse foi-se aproximando até junto do muro do jardim. Era perto já da janela.

Maria fitou sobressaltada o singular personagem. Era um homem alto, elegantemente trajado. A claridade baça do crepúsculo não lhe permitiu distinguir-lhe as feições. Todavia não era um jornaleiro, como suspeitara Fernão Gil, nem tão-pouco um quadrilheiro como — segundo lhe disseram — seu marido acreditara.

Não era.

O desconhecido aparentava um homem de distinção.

Que faria por ali? Deu-lhe o coração um baque!

* * *

Há ocasiões em que as mulheres movidas por oculta mola atentam e raciocinam com mais intensiva curiosidade.

Momentos são esses em que todas as faculdades, espontânea e simultâneamente, se põem em campo para esclarecer uma dúvida, meramente se desperta interesse.

Manifesta-se, lucubrante, a inteligência; evoca e evoluciona-se a memória; forceja a vontade pelo desco-

brimento da verdade e a própria imaginação começa a distender as asas da fantasia, por sobre a natureza desse objecto, que assim fere a atenção tão intensamente.

Nestas ocasiões parece que a alma, suspensa da terra, flutua no vácuo; e tal é o número e a qualidade de emoções que, nem o próprio sujeito que as sofre sabe classificá-las.

Ora era precisamente isto o que estava sucedendo com a jovem morgada de Barbeitos.

À medida que o incógnito personagem, sempre protegido pelo arvoredo e cautelosamente se foi aproximando, foram-se nela vivificando uma multidão de ideias.

Maria acreditava nos espíritos: afigurava-se-lhe ver a sombra de um ente querido...

Nos tempos hodiernos, os supersticiosos não passam duns visionários estúpidos e ignorantes. Então não era assim. O fantasma preocupava os espíritos mais fortes. O sobrenatural impecia, subjugava, mortificava. O sonho foi por muitos considerado uma revelação do futuro. O sonho era uma profecia.

Maria acreditava na morte de Gabriel. Todos os dias em suas orações se lembrava dele. Em seus sonhos tempestuosos mais de uma vez julgou ouvi-lo pronunciar num gesto anatemizante:

— Perjura! Não honraste a minha memória!...

Em dias consecutivos, sentia ela, os remorsos pesarem-lhe na consciência. Lembrava-lhe então o saudoso namorado. Gabriel, ainda que *morto para toda a gente*, vivia na alma cândida de Maria.

Mas vamos ao desconhecido.

A morgada vendo que ele se ia chegando para junto da janela retirou-se para dentro, vigiando-o do interior da alcova.

De repente uma vertigem momentânea fê-la vacilar contra o parapeito da janela. Um calefrio nervoso, um desassossego angustioso e torturante, abeirou-se dela e vivificou-lhe a memória. No estranho personagem acabava de reconhecer um ente querido.

— Sonho!? realidade?! — balbuciou ela estupefacta. Um grito surdo, misto de alegria e dor, seguiu aquelas palavras:

— Gabriel...! Gabriel...!

— Maria! — murmurou tìmidamente o desconhecido.

Desfez-se a ilusão. Maria ficou suspensa. Uma espada que naquele momento lhe atravessasse o coração não encontraria uma gota de sangue que a manchasse!

— Tu vivo, Gabriel?... Sonho ainda. Sonho por força!

— Não sonhas. Antes sonhasses... A morte livra do sofrimento. Mas vivo... Julgavas-me morto?... Muito embora. Para ti, morreria; para o mundo, não. Traíste os nossos sonhos; esqueceste o nosso amor; foste perjura... Paciência. Tu vives e eu morrerei. Seduziu-te o ouro: encontraste nessa casa o teu bem-estar... Fizeste bem. Sê feliz; é o desejo de quem te quer bem, a última vontade de Gabriel de Vermelhim, daquele que por teu amor tudo sacrificou. E se és feliz, como julgo, posso morrer tranquilo. Procurava-te

a felicidade. Achaste-la ou achou-a outrem para ti? Goza-a e estima-a.

Estas palavras, austeramente pronunciadas, produziram na jovem um efeito tremendo. Cada palavra que ele proferia, era um punhal que lhe cravavam na alma!

— Fui ludibriada — disse ela compungida. Depois de todos te acreditarem morto, também eu terminei por acreditar. Teus próprios pais, tua família, toda a aldeia creu na tua morte. Eu fui a última...

— Ingrata — tornou ele — porque não esperaste? Porque apunhalaste este infortunado coração?

— Perdoa. Pequei contra o nosso amor.

— Perdoo; mas sabe que o teu perdão importa a minha morte.

— Gabriel! não queiras mortificar-me mais. Tem compaixão desta infeliz que vegeta neste mundo, aos encontrões da sorte. Piedade, piedade...

E Maria, debulhada em lágrimas, implorava de mãos postas.

Meça, cara leitora, se é capaz, a intensidade da dor que esta desventurada experimentou neste momento supremo. Não sei, mas talvez se possa afirmar que ela desejou, nessa ocasião que a morte de Gabriel tivesse sido um facto.

E devemos admitir isto. Não era ela menos infortunada, se ele não tornasse a aparecer? Como haveria de conciliar os seus deveres de esposa, com os de amante? Aos olhos do mundo, difìcilmente.

Ama-se um cadáver e odeia-se um marido, sem que o vulgo disso tenha conhecimento; mas jamais se

poderá ocultar um vivente por muito tempo e amá-lo com transportes de veemente ternura. Isso não.

Maria, a idolatrada do povo, necessitava hastear sempre o pendão da sua dignidade de mulher honesta; mas temia que o incomensurável amor que dedicava a Gabriel lhe servisse de estorvo. Diga, boa leitora, se seriam infundadas tais suspeitas. Eu direi sempre que a infeliz esposa do morgado de Gragido se assim pensava, como é de crer, pensava bem.

Mas o amor quando é sincero, é forte; e o forte — é a lei da natureza — subjuga o fraco. No nosso caso o fraco era a esposa, o forte a amante.

* * *

O mancebo — crendo religiosamente na comovente manifestação de dor que Maria denotava, e compadecido pelas lágrimas que lhe inundavam a cutis assetinada e a manchavam de indeléveis e doloridos sulcos — crendo em tudo isto, chorou também.

A jovem julgou encontrar nas lágrimas de Gabriel a absolvição do seu pecado.

Pensava assim, porque conhecia de sobra a alma magnânima do desventurado mancebo. E não se enganava: Gabriel perdoava, mas pensava no suicídio!

* * *

Clareava o dia.

O ex-prisioneiro de Palme, sentindo fugir o dilúculo e temendo que a sua presença ali fosse do domínio

da criadagem, despediu-se de Maria dizendo-lhe compungido:

— Adeus! Se até ao presente me julgavas morto, sabe que te enganaste. Se de hoje para o futuro me julgares vivo, sabe igualmente que te enganas. Poupei a vida, para ta dar. Uma vez que não careces dela... Ah! ingratos fados! De que me serve a vida? A vida sem o amor é um deserto sem oásis...

Dizendo isto, desabotuou o justilho, tirou um volumoso maço de papéis — as suas memórias da prisão! — e, arremessando-lho à janela, acrescentou:

— Nessas memórias vai retratada a minha amargurada vida. É justo que quem tanto sofreu, não sofra mais os reveses da má sorte...

Maria apanhou a carta nervosamente, e disse com amargura:

— Parece que te deleitas em mortificar-me. Não pensas por certo o que dizes. Dá tempo ao tempo. Deixa-me conhecer o segredo da tua vida — lendo a tua carta. Contar-te-ei depois os transes por que hei passado. Verás quem tem razão... Se a minha alma foi tua, continuará a sê-lo. Se o coração... Que digo? Coração?... É coisa que já não tenho. Creio que se desfez em dor. Porém, a minha vida foi, é, e será tua, espiritualmente, até à morte...

— Triste realidade — disse o mancebo pensativo.

— Vive — tornou ela — vive para proteger-me. Necessito de amparo. Preciso da tua amizade de irmão. Não me faltes com ela, suplico-to. Não é minha esta casa. Tenho remorsos de te receber aqui. Não nos podere-

mos talvez tornar a ver. Deliberações do destino. Basta-me saber que vives, para saber que tenho ainda um braço a proteger-me. Isso chega-me. Não voltes cá, meu amigo. Pode-te ser fatal. Um dos criados deu já tento de ti. O dono desta casa é uma fera. Acautela-te. Sei que és valente, mas perdes-te e perdes-me.

— Oh! nada receies. Sou prudente.

— Periga a minha honra. Sou uma mulher, bem sabes. Que se dirá de mim sabendo-se que recebo um homem que, à face da Igreja, não é o meu legítimo marido, embora seja, à luz da razão, o eleito da minha alma?

— À luz da... lua. Lembras-te que celebramos as nossas bodas, numa tépida noite de luar?...

E o mancebo acentuava estas palavras com saudade e tristeza.

— Ah! lembro, lembro!... Lembro-me bem desses momentos de ventura...

E chorava novamente.

— Não consentes então que volte cá? — disse Gabriel — Não te tornarei a ver?

— Não sei — respondeu a triste.

— Nesse caso não careces de mim. Posso dispor da minha existência.

— Ah! isso não. — disse ela veemente — Vem. Que importa o mundo? — Meu Deus! meu Deus! Porque nos abandonais? Os nossos sentimentos são puros, Senhor. Pecaremos por continuarmos a amar? Não, Senhor. Juramos em teu nome amarmo-nos eterna-

mente. A culpa pertence aos nossos algozes. Pai de Justiça! castiga-os...

Parecia inspirada.

Gabriel sentindo a vozeria dos criados e temendo escândalo disse, já escondido por trás dum arbusto:

— Adeus. Receio comprometer-te.

E retirou-se apressado, tomando o caminho do monte.

Maria sentou-se numa cadeira, limpou as lágrimas e, descolando a obreia, começou a leitura:

— «... Já fui feliz: Foi na aurora da vida, quando era ainda criança... Era então o simulacro dum tenro botão de rosa, florindo para o mundo. Um dia, porém, a adversidade bateu-me à porta. Desde então deixei de conhecer a ventura. Em compensação, sobra-me o infortúnio...»

Depois passava a narrar-lhe a sua vida de convento:

«... Sofri muito; e sofri por tua causa. Que aproveitei com isso? Para que padeci eu tanto nesses sete longos meses de claustro? Ingrata!... Bem depressa esqueceste aquele que por ti dará a vida.

«Uniste-te a outro homem?... Maldito ele seja! como maldita a hora que me trouxe ao mundo... Já por duas vezes tentei pôr termo à existência; mas não o queria fazer sem ver-te. Não morreria sem ver o punhal que me havia de atravessar o coração. Agora já posso morrer...»

— Infeliz... Desventurado! — disse Maria convulsivamente — Eu sou o punhal, eu sou a causa da morte

de Gabriel!... Sou uma criminosa...! Devo morrer também...

Enquanto Maria lia e relia a longa carta do mancebo, atravessava este o outeiro em direcção à quinta das Lagoinhas.

Gabriel montava o melhor cavalo do lavrador de Lagoinhas. Uma hora era suficiente para ele vencer a distância.

O sol, que tinha despontado já, ia no entretanto, doirando as gotinhas de orvalho pendentes dos arbustos; as avezinhas do céu cantavam suaves melodias; o azul diáfano do infinito abrigava toda a natureza com um sorriso de luz...

A Gabriel, porém, tudo passava despercebido: no seu pensamento só Ela — a esposa espiritual — ocupava espaço.

* * *

Nesse dia o morgado havia tomado a direcção da Serra. Fernão Gil, que era mais madrugador, já por lá andava quando ele chegou.

— Salve Deus vossa mercê — saudou o velho.

— Bom dia, Gil.

— A modos que traz olhos de sono...

— Dormi bem, graças a Deus.

— Melhor — concluiu filosòficamente Fernão Gil.

E continuou a bastonar todos os combros do outeiro, sem exceptuar a mais insignificante mouta.

— Quer ver as perdizes, fidalgo? — Lá vão... lá vão abaixo, em Fontecada... São cinco!

— Foram para a quinta.

— Temo-las logo lá. À certa que serão suas!

— Quem será aquele, tio Gil? — perguntou o morgado, indicando um cavaleiro que galopava ao fundo, na urze da Serra.

— Não sei. Quem quer que seja, traz caminho da quinta; e levantou as perdizes, na rechã.

— Virá da quinta? Eu sei!...

— Não tem que ver.

O cavaleiro passou talvez a mil varas de distância dos caçadores, que não lograram conhecê-lo.

— Pode ser caso de urgência; é melhor irmos à quinta saber novas.

— Se vossa senhoria quer, eu vou lá.

— Sim: pois vá.

Fernão Gil, descendo o monte, tomou a direcção da quinta onde foi colher notícias do misterioso cavaleiro.

Entretanto o morgado todo entregue a seus pensamentos, murmurava:

— Não há que ver: aquele maldito fugiu. O homem que o Gil viu na segunda-feira, o que viu ontem, e o que nós hoje vimos, era, sem dúvida, o *frade* Vermelho, esse diabo da Mata. Seja quem for, amanhã mando um recado a Palme. Então saberei toda a verdade e prevenir-me-ei.

O bom do velho ia-se demorando, e Nuno impaciente por conhecer novas do enigmático cavaleiro,

havia tomado já a resolução de se retirar, quando Fernão Gil apareceu ao cimo dum cômoro.

— Ninguém me sabe dar notícias — disse ele ao aproximar-se. — O homem, na minha opinião, é sem dúvida um capitão de malta. O cavalo teve-o preso ao sobreiro que está junto ao muro, pelo nascente: As pegadas lá estão escritas. Quanto ao cavaleiro, o mais que lhe sei dizer é que foi ao quinteiro. O rasto dele conhece-se bem na terra leivada. É mister cautela!... Nada mais natural que ser algum ladrão.

— Diz bem, tio Gil. Perguntou alguma coisa a alguém?

— Perguntei. Perguntei até à senhora dona morgadinha.

— E ela? ela que disse? — inquiriu curioso.

— Que não vira nada. Mas deixe estar que o marau, se veio segunda-feira e ontem, também há-de vir amanhã. E então há-de ser cá o velho quem o há-de conhecer... Olaré!... — Eh! cão!... — O coelho passou aqui. Eh! Ligeira... passou... passou... passou...

— Então minha mulher não lhe disse mais nada?

— Não senhor. Mas a modos que ficou assustada... Até mudou de cor!...

— Então, tio Gil?

— Provàvelmente julgou que fosse algum ladrão. Olhe lá! Vai sair um coelho...

— Julgaria — rematou abstraído Nuno.

— Eu amanhã hei-de conhecê-lo. E quando digo, digo. Verá. Agora vamos ver se botamos a fatacha a este. Prepare-se.

* * *

Logo que Nuno chegou a casa, escreveu uma carta e mandou-a a dom João, de Palme, por um moço de lavoura, na manhã do dia seguinte.

A resposta veio concebida nestes termos:

«Desapareceu daqui à cerca de oito dias. Até ao presente não consta que tivesse aparecido. Todavia, o pai traz gente em cata dele. Há quem afirme que o tresloucado se suicidara. A verdade, porém, ainda se não conhece. Amigo certo. Frei João de Arga.»

Enquanto Nuno Gragido lia esta carta à sombra das carvalheiras da quinta, relia sua esposa esta, na própria alcova de Nuno:

— «...Tenho ciúmes,... tenho sede de vingança.

«Um dia, um dia muito breve ou eu... ou ele. Isto, minha bela, não é para mortificar-te. É simplesmente vingar uma afronta que nos foi feita. Hoje mesmo, soube que meu pai me encerrara no convento, sugerido pelos frades que a pedido de teu tio e desse cobarde carcereiro, que se diz teu marido, assim procederam. É obra dum momento; depois seremos felizes.»

— Felizes?!... Pobre visionário. O que tu pensas da felicidade...

E Maria, dizendo isto, chorava amargamente.

Depois, hesitando entre a honra e o dever, resolveu-se por fim a entregar ao papel os seus mais íntimos pensamentos:

«Uma mulher, como eu, uma mulher que o povo tem por casada, para manter ilesa a sua honra, precisa

de lutar e lutar muito. Sim, meu amigo. A mulher é essencialmente fraca, e eu sou mulher. Amei-te? Pois bem; se então te dediquei todos os afectos da minha alma, se fui tua, sabe que ainda sou e serei sempre. O meu coração é teu, porque sempre foi... Julgava-te morto, nos abismos profundos do mar, — e casei,... perdão — casaram-me. Meu tio obrigou-me a aceitar a mão do morgado; chegou mesmo a ameaçar-me, caso me recusasse aceitá-lo por marido. Desta arte uni-me a ele. Mas assim como nunca o amei, jamais lhe tributarei afectos... Perdoa-me, meu amigo, perdoa a injúria e não pratiques actos menos dignos de ti. Não manches o teu nome com o sangue pestilento de... um homem sem dignidade. Esquece-te de mim. Não será grande sacrifício esqueceres um nome. Eu velarei por ti dia e noite... Uma mulher casada...»

Nesta altura as lágrimas interromperam-lhe a escrita. Em verdade considerar-se casada uma mulher, sem marido digno, do seu amor. Era triste conjectura. Todavia, após um momento de reflexão, continuou:

«...deves viver pela honra... Um dia no céu unir-nos-emos por toda a eternidade. Não me procures mais: é bem que fazes a ti e à tua honra... Se fitares bem esta carta, vê-la-ás manchada de lágrimas — é a minha dor! Em espírito sou a tua mulher.

Adeus até esse dia supremo que nos trará a felicidade...»

Maria leu ainda segunda vez a carta e fechou-a. Na madrugada seguinte esperou que Gabriel viesse e lançou-lha ao pátio.

Uma vez senhor dela, Gabriel compreedeu por acenos que devia retirar-se.

Julgando-se descoberto fugiu apressado e montou a cavalo, seguindo por uma congosta funda, o caminho de Lagoinhas.

Pensava na causa que teria motivado aqueles nervosos acenos, quando de súbito e a poucos passos de si um homem alto, mas já pesado na idade, lhe bradou imperativamente:

— Alto lá!..

— Quem manda? — inquiriu Gabriel.

— Esta carabina — respondeu o velho.

— Que ordens temos?

— Pretendo conhecer-vos. As ordens dou-as eu. Que anda vossa mercê por aqui a fazer? E desatou a língua em impropérios. A modos que o velho tinha uma linguagem bastante destemperada e algo livre!

Gabriel carregou o sobrecenho:

— Hein? Bargante?... Que pretendes de mim, ó velho?

— Você é suspeito nestes sítios — respondeu altivamente o carabineiro.

— Suspeito? — disse Gabriel, aperrando duas pistolas. — Suspeito! eu? Que é lá?

O velho reflectiu um momento.

— Perdão: eu simplesmente desejava saber se vossa mercê é destes lados e quem é.

— Nem sou destes lados, nem tão-pouco é mister ser conhecido o meu nome. Abra caminho!

Fernão Gil — era ele quem se defrontava com Gabriel — não ousou retorquir-lhe. Evidentemente, um mancebo tão bem trajado, um cavaleiro tão jovem e esbelto não podia ser um ladrão. Além disso, Fernão Gil, já não estava em idade de fazer frente a um moço. Deixou-o, pois, passar. Tinha ainda uma certa suspeita, tinha; mas... Podia lá ser?...

Gabriel ia para retirar-se, quando o velho Gil levando cortêsmente a mão ao chapéu de palha grosseira, disse:

— Queira vossa senhoria desculpar o atrevimento. Enganei-me...

— Não há dúvida. Como se chama?

— Fernão Gil — o caçador. Sou caseiro do fidalgo, e seu companheiro de caça.

— Está bem. Ora diga cá: porque lhe sou suspeito nestes sítios? Ou por outra: quem esperava encontrar?

O velhote narrou com toda a simplicidade:

— Eu conto a vossa mercê: — a semana passada, quando eu saía para o monte, vi ali junto às carvalhinhas um homem alapado. Quis conhecê-lo, mas como era muito cedo, fiquei em *trinta,* como soe dizer-se. Dali a dias a mesma coisa. Quem o lembrou a mim? É talvez algum capitão de ladrões que por aqui anda a tomar ponto pra nos roubar. Contei isto ao senhor morgado; e vai ele disse-me: «você há-de espreitar o que é, que eu tenho cá uma suspeita.»

— Mas — atalhou o cavaleiro — que tem isso cá com a minha pessoa? Eu pareço-me com um ladrão?

— Desculpe vossa mercê, mas um engano, sempre tem uma aquela... Vossoria... Enfim...

— Sim... sim e depois?

— Depois... foi o que aconteceu. Vim prà'qui e encontrei-me com vossa senhoria. O senhor morgado... Vossa mercê não conhece o senhor Nuno?

— Não conheço.

— Pois o senhor morgado, como disse, mandou até uma carta a um frade de Palme, por causa...

— A Palme? — interroupeu Gabriel um pouco comprometido. A Palme!... a quê?...

— É cá por coisas — respondeu o velho sem reparar numa alteração de voz que sufocou o mancebo.

— Com que então o frade...

— Aqui para ambos — vossa mercê não diz nada: é que lá no convento estava um indivíduo que foi namorado da senhora morgadinha, e... Enfim...

— Talvez algum frade.

— Agora! Era um filho do fidalgo da Tapada. Vossa senhoria talvez conheça?

— Não conheço, não. Não sou destes sítios.

— Pois o patrão desconfia que ele tem vindo cá, falar à senhora — disse ingènuamente.

— Falar à senhora...

— Sendo ele, há-de ficar aqui como um passarinho! Olaré!...

— Faz bem em zelar os interesses de seu amo. Até um dia. Adeus meu velho...

E deu esporas ao cavalo.

— Deus vá em sua companhia — respondeu Gil, ainda desconfiado do misterioso personagem.

II

O Filho Pródigo

> «A perda dum filho abate o pai e não tresvaria a mãe; a pena daquele será mais intensa: a da mãe é mais viva e penetrante.»
>
> **Dom Severo Catalina — A MULHER**

Gabriel galopava já nas cercanias da quinta de Lagoinhas. Cismava. A narração do caçador deixara-o pensativo e hesitante.

A aragem fresca da manhã fazia balouçar as pequeninas gotas de orvalho que, quais líquidos diamantes, cravejavam os ramos tenros do arvoredo, adjacente ao caminho. Ouviam-se em redor os diálogos misteriosos da natureza acordada. Aqui o melro madrugador saúda o viajeiro que passa despreocupado. Ali, o arroio que deslisa murmurando, e além a viração gemendo nos pinhais da encosta, igualmente o saúdam em nome do Criador...

. . . . . .

Mas Gabriel, alheio a tudo isto, cismava, pensava ainda...

Numa volta do caminho, o jovem cavaleiro, parou o cavalo; e tirando a carta do bolso, abriu-a e leu. À medida que se ia adiantando na leitura ia-se-lhe transformando a fisionomia. De cada frase resultava-lhe uma convulsão; de cada período uma vertigem. E quando leu: «Se fitares bem esta carta, vê-la-ás manchada de lágrimas. — É a minha dor!» Gabriel, o forte, — chorou.

—Infeliz criança! que te perdes por desditoso amor. Desgraçado de mim também...

Uma nuvem de ciúmes toldou-o, escurentou-lhe a alma:

—Nuno maldito!...—regougou o mancebo — carcereiro dum anjo!... sabe que hás-de morrer às minhas mãos...

E, pronunciando este anátema sangrento, esporeou o cavalo desesperadamente.

* * *

Dias depois de Gabriel se evadir do convento, recebeu frei João uma carta de Afonso Dinis comunicando-lhe as tenções que fazia de reintegrar o filho, na família.

—Como? — exclamou o frade perplexo. — Por S. Bento... — Para onde barzabum foi o rapazote?...

E frei João conquanto consultasse os seus reverendíssimos botões não recebia resposta que satisfizesse.

Frei João, após a fuga do recluso — acreditara-o admitido à casa paterna. Imagine-se, pois, o espanto do monge, ao receber a carta do fidalgo. Quase não atinava com a resposta a dar.

Ao cabo dum momento reflexivo, cortou um quarto de papel e escreveu:

«Pergunta-me vossa senhoria por seu filho? Pois meu ilustríssimo amigo: eu estava com iguais tenções... Quer isto dizer que seu filho desapareceu daqui há três dias, etc. etc.»

E terminava assim:

«O padre-mestre e outros da nossa comunidade, crêem que o pobre moço se suicidara. Eu mandei já vigiar os poços e tanques da Cerca, sem que, todavia, se encontrassem vestígios. Como fugiu com o outro noviço, é natural que esteja lá para essas bandas. Iriam eles para Viana? Seu amigo Fr. João de Arga, abade de S. Bento, em Palme.»

Esta carta trouxe ao senhor de Vermelhim amargas decepções. O pundenoroso velho acabava de ver no procedimento do filho uma nova falta de obediência, que muito o magoava.

* * *

Sabedora, do expediente do filho, dona Margarida, tratou imediatamente de investigar do seu esconderijo. É que dona Margarida era mãe!

«A mãe disse dom Severo Catalina — é a nossa providência sobre a terra nos primeiros anos da vida;

nosso apoio mais firme nos anos seguintes da meninice; nossa amiga mais terna e leal nos anos tempestuosos da mocidade.»

É facto; a mãe é tudo. Na infância guia-nos, qual estrela, para os caminhos da virtude: e na juventude, é ela ainda quem nos ilumina o coração e enxuga as lágrimas que vertemos... quantas vezes por outrem!...

Para tão grande e excelso amor, — só uma alma terna e igualmente grande.

Oh! vós que tendes mãe! sabei que sois felizes...

Eu, porém, não pertenço ao vosso grupo: eu não sou feliz porque não tenho mãe.

Mas tornemos à resolução de dona Margarida.

Logo que seu marido lhe leu a carta, chamou Germano, o mais velho dos três, e enviou-o em cata do fugitivo. Antes, porém, expos-lhe as suspeitas do frade a propósito da probabilidade de ele viver com o noviço Nicolau em Viana, em casa dos tios.

Germano, uma vez senhor da missão que ia desempenhar, montou a cavalo e saiu.

O seu primeiro plano foi dirigir-se a Viana. Chegando, porém, à Figueiró, resolveu tomar novo rumo. Desejava ouvir da boca do frade a história da vida de seu irmão. Era natural que no mosteiro pudessem elucidá-lo melhor. Foi, pois, para o convento que se dirigiu.

Chegado que foi à portaria, fez-se anunciar.

Frei Luís — o Cérbero de Palme, como lhe chamara Gabriel — correu imediatamente a participar ao abade a inopinada visita.

O frade desfez-se em amabilidades e cumprimentos, nada, porém, acrescentando ao que ele já sabia.

Em vista disso, Germano dispunha-se a seguir viagem.

— Quê? — exclamou frei João — primeiro vamos jantar!... Não admito desculpas!

O mancebo, julgando supérfluo gastar o vocabulária da cortesania, aceitou.

No refeitório de Palme houve, naquele dia, um comensal a mais.

* * *

Terminado o jantar, Germano seguiu viagem. Atravessou Aldreu e Fragoso; passou junto à quinta de Lagoinhas e chegou até Darque. Nada encontrou. Ninguém sabia dar-lhe informes do misterioso Gabriel.

José Valente — o nosso simpático velhote — desconhecia a fuga do filho. Imagine-se, pois, o espanto que a narração de Germano lhe trouxe, quando este, de volta à aldeia, o procurou para tal fim.

— Então meu filho fugiu? — inquiriu austeramente o pai do ex-noviço.

— Suspeita-se que desapareceu com meu irmão.

— Pois meu caro fidalgo, eles em alguma parte hão-de estar. Não se aflija. Eles aparecerão se Deus quiser.

— Assim o espero.

— Meu filho foi para o convento por sua livre vontade. Se lá se não achava bem, que viesse quando

lhe aprouvesse. Tenho muito que lhe dar a fazer. Os irmãos também trabalham...

E o austero lavrador franzia o sobrecenho num gesto de zangado.

— Procede como deve — disse Germano pensativo — Meu irmão...

— Olhe, senhor Germaninho: seu irmão fugiu e teve muita razão! Isto de tirar a liberdade a um homem, e de mais a mais à força, não é grande coisa. Os resultados são estes... O nosso Nicolau foi prò convento porque quis. Nem eu era homem de o obrigar. Lá isso não. E olhe que se me vê assim zangado, não é por ele ter fugido! É por não vir para casa. De resto... Sim: está de ver. Não lhe agradou?... embora. Um homem nunca deve viver contra vontade. Eu cá sou assim. Sou rude, mas...

— Olhe, ti' José tem razão. Diz bem. Meu pai... Enfim...

— Vossa senhoria é cá dos meus. Já percebo. É isso... Ora bem. Um homem quer-se livre. Se o senhor pai de vossa mercê, e o nosso abade fossem cá do meu génio, tinham casado seu irmãozinho com a dona morgadinha. Que lindo par de noivos o sol aquentaria! Ora não é isto?

— Tal qual.

— Cá os meus pensares são estes!

— Diz bem.

— Ora diga-me: que lucrou o nosso abade em casar a sobrinha com aquele bargante de S. Pelágio? E que benefícios tirou o senhor Afonso em meter seu

irmão no convento e dizer que ele tinha ido para a India, que tinha morrido e não sei que mais?!...

—Não lucraram nada. Perderam...

—Perderam e perderam-nos, a eles—ó!...

—Diz bem, diz bem, ti'José!

—Olhe: lá a morgadinha—coitadinha! aquilo é mesmo uma santinha!—acho que ainda não teve uma hora de alegria desde que daqui foi. E seu irmão já fugiu das grades do convento, e não sei ainda o que será,... o que será... Queira Deus, que ele não faça por aí alguma!... Queira Deus, mas não sei. E se o fizer sabe quem são os culpados?—o nosso abade e o senhor pai de vossa senhoria... São ou não são?

—São.

—Olhe: o nosso quando chegar leva uma ralhadela, lá isso leva, mas é por não ter vindo para casa. Mais nada... Se de lá fugiu, é que não queria lá estar. Fez muito bem. Que quer? O meu génio dá-me para aqui... E adeus senhor fidalgo. Trago hoje a arriga do linho. Se vossoria quer, venha até à eira, que estão lá boas cachopas a derripar...

—Adeus, ti'José. Bem gostaria de ir até à eira... Faz-se tarde! não posso. Obrigado.

* * *

De caminho o mancebo ia pensando assim:

—Em verdade, meu irmão é um tolinho. No convento vive-se como no céu... Aqueles frades são os mais felizes dos homens...

Os gostos, porém, são relativos. Germano pensava assim, e, diga-se de passagem, talvez pensasse bem!... Eu sou exactamente da mesma opinião. Mas já Gabriel não pensava como nós. Gabriel queria trocar a paz do claustro pelo barulho do mundo; o convento pela liberdade... A clausura, fazia-lhe náuseas; a vida retirada tinha para ele um sabor adstringente.

Acontecer-nos-ia o mesmo a nós? Não sei. Sei apenas que no dia seguinte Germano chegou a casa sem notícias do irmão.

* * *

Havia já seguramente um mês que Gabriel vivia com Nicolau, na quinta de Lagoinhas.

Desde que se julgara descoberto, na casa de Nuno, e Fernão Gil lhe fizera frente com uma carabina engatilhada, o mancebo jamais lá tornara.

Passava amiúde pela quinta e pelos montados próximos, mas não se atrevia a entrar nos domínios do morgadio de Gragido, nem tão-pouco ultrapassava os marcos de Vilar-chã.

Um dia, ao chegar à quinta, encontrou junto ao portal um mendigo esfarrapado.

Gabriel atentando um pouco nele, reconheceu-o: era um velho pedinte da sua freguesia. Estava descoberto.

— Meu senhor — disse o mendigo — trago-lhe este papel de mando da senhora fidalga, da sua mãezinha.

O mancebo recebeu a carta e, abrindo-a precipitadamente, leu:

— «Que fazes aí desgraçado? Não tens aqui uma vivenda para morares? Necessitas, acaso, seres esmolado na casa alheia? Porque não procuraste a casa de teus pais? Vem imediatamente. Teu pai está de melhor vénia. Faze o que te digo, pois de contrário, ele encerrar-te-á de novo no convento. Anda hoje mesmo que serás bem-vindo.»

Ao terminar a leitura, Gabriel tinha os olhos marejados de lágrimas. As palavras de sua mãe gravaram-se-lhe intimamente na alma. Era a voz dum anjo que lhe falava ao coração.

— Minha mãe!... Minha mãe!... Tu ainda não esqueceste o filho da desventura — o filho perseguido. Tu és ainda o anjo da caridade. És mãe...

* * *

Quando Gabriel entrou na varanda da casa de Lagoinhas encontrou, juntamente com o morgado e com Nicolau, um moço de lavoura.

— Meus amigos vou deixá-los — disse o ex-noviço ao avistar Gabriel.

E, apontando para o rapaz, acrescentou:

— É um moço de nossa casa, que vem de mando de meu pai. Deve conhecê-lo.

— Vou deixá-los — disse quase simultâneamente Gabriel fitando o seu generoso hospedeiro.

E mostrou a carta.

Que fatal coincidência exclamou pesaroso o morgado. Com que então resolveram ambos deixar-me.

E os três confundiram-se num só abraço.

* * *

Nesse mesmo dia os hóspedes de Luís de Mameão, deixaram a quinta de Lagoinhas. Nicolau, cavalgando na égua que o criado havia trazido para esse fim, e Gabriel, montando um cavalo que o morgado lhe emprestara, demandavam vagarosamente a casa paterna.

Era em Maio de 1742.

Um sol esplendoroso tornava a atmosfera calmosa e abafadiça. Uma nuvem de poeira envolvia os transeuntes. As árvores permaneciam imóveis. A natureza parecia dormitar fatigada.

Contudo, este sono, esta imobilidade, este pó, não eram suficientes para varrer da memória de Gabriel, estes apropositados pensamentos:

— Como dariam comigo? Que me dirão meus pais? Que será feito de Maria?

Esta tríada de reflexões perseguiu-o até à Tapada, onde chegou sobretarde.

A mãe e a irmã correram a recebê-lo. O velho fidalgo, porém, ainda despeitado com o seu procedimento, deu-lhe com indiferença a mão a beijar, sem que lhe dirigisse uma só palavra.

Todos julgavam que Gabriel vinha curado do grande mal que até aí tanto o afligira. Todos, porém, se enga-

naram: o seu coração sensível, era uma chaga aberta que sangraria sempre.

* * *

A poucos passos dos muros da Mata, ao poente, fica um morro penhascoso, no cimo do qual alveja uma capelinha da invocação de S. Lourenço. O panorama que se disfruta deste morro é encantador, na sua alpestre majestade.

A norte e nascente, o verde escuro dos pinheiros, os pináculos agrestes do Facho e do Castro, as culminâncias arredondadas da Cerca; e ao largo, cercando o horizonte, a balconada arroxeada das serranias, o monte de Santa Luzia, a Portela e a Figueiró! Pelo sul e poente o Faro, os pinheirais, o matiz dos campos, a fita prateada do Cávado, a casaria de Fão, de Esposende, das Marinhas, e lá muito ao longe a Póvoa, talvez uma nesgazinha do Porto. Na nossa frente a praia branca, as águas verdelinhas do rio, e as azuladas ou barrentas do mar — umas vezes convulsivas e rugidoras; outras serenas, calmas, a rolar e enrolar pequenas ondas debruadas de espuma, a refrescar a areia veludínea das praias de suave-mar!

Apraz-vos este quadro?

Assim era a Gabriel.

Era, pois, no alto de S. Lourenço que ele achava remédio para a sua nostalgia.

Dali avistava o solar de seus pais, descortinava S. Giba, e via alvejar a residência, onde outrora fora feliz durante alguns minutos...

Tempos de eterna saudade, como vós fugis depressa.

* * *

O ex-prisioneiro de Palme era, como se sabe, um apaixonado cultor dos exercícios venatórios. Os sete meses de claustro não foram mais que umas férias algo prolongadas. Uma vez restituído à liberdade, Gabriel amatilhou a canzoada: e, quer fosse por gosto, quer por passatempo, entregou-se com todo o ardor, ao seu entretenimento favorito.

Uma tarde saiu de casa, atravessou as agras, o lugar de baixo e a Cerca; no fundo, para os lados de Fontecada, latiam os cães. Era a matilha do morgado de S. Pelágio.

— Ah! ladrão da minha felicidade! — murmurou ele com amargura.

O detestado Gragido...

Que feixe de sinistros pensamentos lhe acudiu à mente, pronunciando tal nome!

O mancebo atribuía-lhe todas as suas desditas. O homem que lhe causara tanta infelicidade devia morrer-lhe nas nãos, segundo o seu modo de pensar. Por que motivo poupava ele, aquele que o não poupara?... E, nesta altura, lembrou-se do juramento que fizera naquela madrugada de primavera:

— «Nuno maldito... sabe que hás-de morrer-me nas mãos...»

Estaremos em face dum homicida?

Sabe-se lá!

Gabriel é um amante apaixonado, e a paixão leva à loucura. Da felicidade ao infortúnio vai só um passo.

Que iria fazer Gabriel?

Nada, caros leitores. (Presumo que tenho alguns leitores.) Nada, pois.

A providência não permitiu um crime. À alma, ao coração, ao espírito de Gabriel chegou uma ordem imperativa: — Sai daqui; não sejas, não queiras ser precito...!

E o mancebo obedeceu.

* * *

No céu subia a lua majestosa a iniciar a sua jornada nocturna.

Entardecia. O sol escondera já a áurea face.

Gabriel, em vez do caminho da quinta, tomara o de S. Lourenço.

Quando subia o alpestre morro, nem um dos podengos o acompanhava. Ia só.

Eu não sei qual mais poético: se uma manhã de primavera, se uma noite de luar. A manhã tem sol, flores, verdura, cânticos. Mas numa noite luarenta, numa tranquila noite de estio... quem se não extasiará ao contemplar dum penhasco elevado, como S. Loureço, o proscénio do infinito?... Ah! é belo.

Uma sensação intraduzível infiltra-se através do nosso todo! A luz fria do luar banha-nos o espírito,

lava-nos a alma, refresca-nos o coração! Os nossos olhos bebem-na com sofreguidão. E parece até que a brisa, a tépida viração nocturna faz chegar aos nossos ouvidos hinos misteriosos, que uma multidão invisível, de vaporosos trovadores, executa em luzentes harpas de luar!

É verdade que nem todas as almas recebem idênticas sensações. Só as almas sensíveis dos poetas e dos amantes é que têm o poder de as assimilar.

E Gabriel, que, sem dúvida, pertencia a esta categoria, devia sentir isso tudo. Parece até que uma sonolência voluptuosa lhe embalava o espírito. Esqueceria-se de que vivia ainda? Parece que sim.

Os sinistros pensamentos, as tristezas, as melancolias tinham desaparecido. O mancebo sonhava! É que a lua — essa viageira sideral — magnetiza as almas sensíveis, sara as dores que torturam. A alma de Gabriel já não é alma negra do réprobo da Cerca. Lavada pelo luar ficou imaculada e cândida, como a alma dum justo, talvez dum santo!...

Ah! que feliz não seria Gabriel se, de ora avante, continuasse naquela placidez!

. . . . . .

Mas não há bem que sempre dure, nem mal que se não acabe. Lá o diz o provérbio.

Que sonharia? Ele gesticula nervosamente, levanta os braços ao céu, extasia-se...

Os namorados são mais ou menos poetas. Seria ele um poeta? Sem dúvida. Não era, é facto, um poeta que manifestasse o seu estro em público, mas

sim um poeta reservado, sentimentalista e romântico. Era poeta, porque era namorado!

O mancebo, na sua enorme infelicidade reconhecia-se inspirado. Por isso procurava a solidão da noite, a luz prateada do luar, e as canções suavíssimas dos harmoniosos rouxinóis. Contemplava também, às vezes, com transportes de estupenda admiração, esse hino gigantesco, essa canção soberanamente selvagem que o oceano ergue até ao seio do Criador, porventura desde o *fiat lux* até à consumação dos séculos!

E então à lua!... a essa Dulcineia comum a todos os amantes, a essa, imprecava-a românticamente:

— Lua!... ó lua! porque me olhas assim? Amas-me? Queres-me bem? Por que me não levas para ti?... Não me respondes? És muda? Ah! nem tu, ó lua... nem tu me queres bem. A outra... a ingrata — oh! também ela é infeliz! — desprezou-me, deixou-me só no mundo... Eu sou o símbolo da infelicidade e sou um inútil. E a inutilidade despreza-se, deixa-se apodrecer, morrer...

E quedou um momento fitando as águas espelhentas do mar, onde a rainha da noite se mirava com ufana tafulidade. Parecia-lhe que toda a prata do luar se depositava naquela mancha luminosa!

— Mar! adeus... — disse com angustiosa saudade.

Voltou-se depois para os lados da Tapada. Enxergou por entre o arvoredo da mata uma luz trémula, que devia arder, talvez, na alcova de sua santa mãe.

— Mãe! adeus... Adeus irmãos da minha alma, avezinhas do bosque, flores do meu jardim, árvores... adeus...

Imóvel e de pé, sobre o penedo, fitando sinistramente o abismo que se erguia sob os seus pés, dir-se-ia uma estátua negrejando nos alvacentos e tenuíssimos tecidos do luar que ocupavam o espaço.

O desventurado Gabriel continuava monologando:

— Só a morte me fará feliz... De que me serve a vida?... Ah! vi tudo contra mim... Meu pai colaborou na minha perdição. Mas é meu pai... perdoo-lhe. E tu, ó mulher! tu perdoa-me também. Sei que me amas. Mas... Malditas convenções sociais, que nos proíbem o amor... Que a maldição de Deus caia sobre a cabeça desse que te tortura... Adeus querida! adeus...

E ia debruçar-se sobre o abismo; mas temendo que a morte não fosse instantânea, como desejava, lembrou-se da carabina que tinha ali a seus pés. Encostaria o cano ao peito, desfecharia ali mesmo sobre aquele penhasco, e tombaria no precipício já morto...

Grande lembrança! Ao menos não sentiria as fracturas dolorosas dos membros e do crâneo!

Desceu do penhasco, escorvou o olhal e ia subir novamente, quando, por acaso, fitou a capelinha que ali, ao lado dele, recordava a piedade cristã. Lembrou-se então de Deus. Gabriel, o crente, depois de fazer as suas despedidas à natureza, necessitava obter o perdão do Eterno.

Chegou ao pequenino templo, encostou o arcabuz à parede e ajoelhou em frente à porta. Depois rezou uma oração, um cântico piedoso que sua mãe lhe ensinara na infância.

A lua, já alta, ia contemplando isto silenciosamente.

—Ó Cristo! ó pálido Jesus! eu sofro, e o meu sofrimento obriga-me a um crime:—vou cortar o fio da minha existência. Perdoas-me? Oh! perdoas, sim! Tu és justo, tu és bom! És sábio, conheces a minha dor!... Deves perdoar.

E ia novamente aproximar-se do abismo.

De repente uma mão forte, obedecendo a férrea musculatura, agarrou-o pelos ombros:

—Que vais fazer desgraçado?

—És tu, Germano? és tu meu irmão? Sou um infortunado — Ah! até na morte sou infeliz. Nem morrer me deixam!...

* * *

É que o tresloucado sonhara, e sonhara a felicidade. Quando acordou, e viu desaparecer aquele maravilhoso sonho, mediu toda a sua desventura e... delirou.

Foi então que a demência momentânea o levou até junto do precipício. E, ter-se-ia precipitado na voragem, se a Providência ali não enviasse a caridade fraternal — na pessoa de seu irmão Germano.

Já de há muito que o primogénito dos Vermelhins vinha contemplando o êxtase, a loucura, o delírio de seu irmão. Dera por acaso falta dele e, por pedido de sua mãe, demandou-o.

Conhecedor, como era, dos hábitos de Gabriel, correu imediatamente à capelinha de S. Lourenço; e viu, sobre o penhasco, na claridade alvadia do luar, um

vulto que gesticulava, que ajoelhava, que erguia as mãos ao céu. Seria um eremita? Seria um penitente?

Era seu irmão.

E salvou-o.

* * *

Era meia noite quando os dois irmãos desceram o morro.

Gabriel seguia cabisbaixo, quase alquebrado, semi--morto.

E em boa verdade, ele... esteve meio morto!

Germano, nervoso, seguia-o, como a sombra segue um corpo. Germano fora o anjo da salvação de Gabriel.

Tudo era silêncio em derredor deles. Só os mochos, nas carvalheiras velhas da mata e as corujas nos pardieiros desconjuntados, contrastavam com a placidez fria e silênciosa da capa de magnético luar que os envolvia.

III

O Degredado

«... Sede fortes, viris, enérgicos seremos...»

Guerra Junqueiro—A MORTE DE D. JOÃO

«—... Foi como os outros um animal de carga, um escravo de trabalhos e de misérias; e acostumou-se a combater as feras do mato, os crocodilos, as moléstias do clima e principalmente a própria alma, que muitas vezes desanimava e considerava a morte como apetecido descanso...»

Silva Gayo—MÁRIO

Fernão Gil chamava fleugmàticamente os cães e incitava-os a procurar a caça, entre as moutas esguedelhadas de torga. Açulados pelo caçador, os podengos alargavam-se nos cômoros e fariscavam pelas lorgas, esperançados em que alguma lebre os entreteria na carreira.

O morgado seguia atento os movimentos do monteiro, esperando, com a carabina escorvada o desfilar da caça.

O velhote ia-se aproximando do Macolado, onde os cãos *trabalhavam* com entusiasmo.

Nuno, sentado num penedo, fitava a quinta com desprezo. Estava resolvido a fazer vingança, desse, por onde desse.

O sol apertava com intensidade. Nas Penadelas, onde Fernão Gil acabava de chegar, gozava-se uma sombra agradável. Levantou-se, pois, e seguiu para lá.

— Aqui neste sítio — disse o velhote ao vê-lo aproximar-se — há-de haver quarenta anos, ou mais! — encontrei eu um lobo que me teve quase galdido. Caramba! Quando me lembra...

— Acredito! — O galdido foi o lobo, já se vê...

— Nesse tempo fazia eu cara aos lobos! Bons tempos esses, que não voltam!

— Pois quê? você matou-o, tio Gil?

— Se matei!... Dois que fossem, meu fidalgo. Agarrei-o pelo gasganete, botei-lhe a faixa em redor do pescoço... e adeus lobo.

O caçador Nuno de Gragido permaneceu imóvel, fitando-lhe aquelas formas hercúleas, ainda conservadas.

— É o que lhe digo, meu fidalgo. Mas agora vamos a outra coisa: a minha Ligeira vai dar caça. Ponha-se lá ao boqueirão e prepare-se.

O morgado fitou a matilha e correu para junto do boqueirão. Não julgando o sítio azado, subiu a um penedo, cortou uns ramúsculos de floridas carvalhas que lhe interceptavam a pontaria e esperou.

— Passou... passou!...—gritava o velho.

Num momento houve silêncio. Alguns dos cachorros alargaram-se no plaino. O tio Gil afuroou a loca e foi colocar-se, imóvel, por trás duns ganos de carvalho.

Uma das cadelas internou-se na urze, por trás de Fernão Gil, e fez brotar de entre elas um matreiro coelho, que tentou raspar-se para a clareira.

Ouvindo maticar os cães, o monteiro voltou-se. E ia já para berrar aos galgos, quando uma detonação rápida ecoou pelo espaço.

Um grito angustioso seguiu-se ao estampido.

Nuno correu ao local e ficou estupefacto.

Acabava de dar-se uma dessas fatalidades imprevistas: o tiro havia apanhado, em pleno peito, o pobre Fernão Gil!...

— Meu Deus! que desgraça! — disse Nuno abeirando-se do corpo exangue do pobre velho.

O moribundo olhou pela última vez para o seu companheiro e murmurou a custo:

— Perdo...o...lhe se...nhor mor...ga...do...

Houve um momento de comiseração. Mas o coração empedernido do fidalgo pouco acessível a sentimentos humanitários, bem depressa se convenceu que o acaso tinha uma desculpa, muito embora a justiça a não visse com bons olhos.

* * *

Nuno desfechou por entre os ramos dos carvalhos, julgando que o velho estava protegido pelo penedo. Tinha-se enganado. O infeliz, como vimos, estava sen-

tado por trás das cepas rasteiras de carvalho e levantara-se precisamente na ocasião em que ele disparara.

. . . . . .

O homicida olhou ainda uma vez para o cadáver. Os cães cercavam-no. Uma grande mancha de sangue ocupava-lhe a alva camisa de linho. O morto tinha as feições contraídas e os olhos semi-cerrados.

. . . . . .

Nuno deu um rápido assobio aos cães, e calculando que ninguém o via, seguiu apressado na direcção da quinta. Não houve um só vivente que o observasse naquele dia.

No entretanto, estendido entre o camarção de Fontecada, o cadáver de Fernão Gil tinha ainda quem lhe chorasse a morte: era a Ligeira...

O pobre animal circundava-o, lambia-lhe as faces, beijava-lhe as mãos, mas tudo em vão. Todos os seus afagos eram impotentes para restituir a vida ao dono.

Há animais que dão lições de humanidade aos homens. Este era um. Dois dias consecutivos ali permaneceu, uivando que metia dó!

Caridoso animal, a dar exemplo a homens!

* * *

Nesse mesmo dia Gabriel tinha saído de casa, como de costume, para distrair por alguns momentos a sua hiperestesiada alma.

Atravessou as Agras, passou os matos da Susão e costeou a Cerca. Quando ouviu o tiro, subiu a um

pináculo, não distinguindo mais, que uma matilha de cães que seguia para as bandas do lugar.

Suspeitando, como era de supor, que fosse Fernão Gil ou o morgado, desceu novamente por entre os cruzeiros despedaçados do Calvário, a fim de se não defrontar com eles.

A meia encosta, um aldeão que roçava torga, inquiriu risonho:

— Aquele tirinho, fidalgo?... que deu aquele tirinho?... Coelho ou lebre?

— Nada — respondeu ele. — Não fui eu quem desfechou.

— Então aquele tiro...

— Também ouvi: não foi meu. Eu levo ainda a carabina carregada.

— Havia de ser prà'i o Giles.

— Seria, seria...

E seguiu até à cancela da agra de Senra.

— Viva meu fidalgo!—disse do seu eirado o Roque, ervanário, o feiticeiro, de quem falava o abade Ponce.

— Viva tio Roque.

— A respeito de caça...

— Não há nada de jeito...

— E aquele tirito?

— Qual tiro, nem qual carapuça... Eu não dou tiros à toa... Quando desfecho, mato...

— Estes fidalgos são assim todos. Não querem que se lhes diga que perdem um tiro! Olha meu rapaz: eu nos meus dezoito, matava mais caça que vós todos. Teu pai que o diga.

— Eu sei, tio Roque. Eu sei que o seu bacamarte não perdia um tiro. Mas isso foi tempo. Eu hoje desafio-o.

— Canté!... Agora que estou velho queres tu desafiar-me?!... Ah! meu homem!...

* * *

Eu creio que ainda não tive ocasião de apresentar aos meus leitores, este novo personagem, um pouco já nosso conhecido.

O Roque era uma dessas individualidades um pouco acima do vulgar. Era um homem de mediana estatura, magro e de fisionomia pouco simpática. O povo temia-o e respeitava-o. Temia-o, porque suspeitava nele um feiticeiro capaz de tudo. Respeitava-o, porque ele sabia dar-se ao respeito.

O Roque era um excêntrico. Ninguém conhecia a sua proveniência, e as suas singularidades tornavam-no lendário.

Logo de manhã cedo, antes do sol nascer, andava ele de monte em monte, de vale em vale, de campo em campo, procurando umas certas plantas a que atribuía valor medicinal. Outras vezes este serviço era feito a desoras, nas noitadas de luar.

Junto à cancela da Cerca ainda hoje se vêem vestígios dum pardieiro que se diz ter sido a casa em que ele viveu.

Conta-se tradicionalmente que a casa aparecera feita duma noite para o dia, e que um enorme penedo

que estava no cimo dum outeiro fronteiro fora trazido para junto da horta, por uma força ciclópica desconhecida...

Dizia-se que o Roque tinha pacto com o diabo e disfrutava de poderes sobrenaturais. O grande penedo, afirmavam os vizinhos, conduzira-o ele «ao carrulo» como se fosse saco cheio de lã churra! Era ajudado do demo e, por isso, temido e respeitado.

O abade ameaçou os seus paroquianos com uma carta de excomunhão, se com ele mantivessem relações de amizade. Mas também o temia por cautela...

Durante muito tempo o povo respeitou a ordem do padre. Mas desde que o viram fazer com as suas ervinhas curas maravilhosas, começaram de com ele meter-se às boas. E dentro em pouco o erbolário corria todas as casas desde o brazonado solar da Mata à mais humilde choupana. Havia duas únicas casas que ele não frequentava: era a do padre Mota e a do abade.

Diziam eles que um homem sem proveniência conhecida, descendia do diabo... E eles com coisas diabólicas — *vade retro, satana!* — não queriam nada.

Contudo o Roque foi ganhando prestígio.

Tinha ele uma cadela que lhe servia de pastora a um grande rebanho de ovelhas e cabras que possuía. Este animal era dotado de tal instinto, que se acaso notasse que faltava uma rês no redil, corria imediatamente a procurá-la...

Um dia, o feiticeiro necessitou dum forno, onde cozesse o pão. Invocou—dizia o padre Mota, benzendo-

-se — invocou o Espírito Negro e na manhã seguinte apareceu aberto no penedo da horta o forno desejado...

Com a sua nova propriedade conseguiu ele tornar-se ainda mais lendário. No inverno quando o frio era muito, aquecia o forno até uma certa temperatura e introduzia-se dentro... a fim de escapar à neve...

Por esta e outras, se poderá ver quem era o novo personagem que aparece agora em cena.

* * *

Dois dias depois do desastre, os caçadores de Vilar-chã foram encontrar entre o mato de Fontecada o cadáver inerte e desfigurado de Fernão Gil, tendo por guarda — a cadela!

— Quem o mataria?... — perguntaram uns aos outros, espantados, boquiabertos.

Homem morto! — era a notícia que, duas horas depois, corria a freguesia e as circunjacentes.

Circularam boatos, formaram-se opiniões e suscitaram-se desconfianças.

Uns diziam que fora assassinado; outros que se lhe disparara a carabina. Uns que fora caçador invejoso para se vingar da muita caça que ele exterminava; outros que foram os ladrões duma malta que ele denunciara...

Houve quem desconfiasse de Nuno... Mas tal opinião não chegou a ser manifestada atendendo à grande amizade que entre eles havia, e á vontade que tinha o morgado que se descobrisse o... assassino!...

* * *

Foi então, neste comenos, que apareceu o aldeão do Calvário, asseverando ter visto passar Gabriel no próprio dia do crime, vindo das bandas de Fontecada, pouco depois do estampido; que lhe falara no tiro; que negara... Devia de ser o assassino...

Como é falaz o juízo dos homens!

Quando o morgado teve conhecimento desta testemunha, apresentou-se em Barbeitos e conseguiu que o abade ali mandasse chamar o homem. Nuno, com a perspicácia dum advogado, soube tirar bom partido das palavras do lavrador. Estava salvo, — ele, o criminoso e condenava Gabriel — o inocente!...

Supremo cinismo o deste homem!

Mais ainda: do penedo esburacado do Bouço Caseiro, saiu o Roque, profetizando na sua qualidade de adivinho:

— O Gil foi morto por um fidalgo... Oh! se foi!... Ouvi o tiro!... Vi passar o caim e conversei com ele... Se fosse outra coisa, não dizia; mas morte de homem? Tó rola... Pague quem deve!

No mesmo dia, em que o cadáver apareceu, o juiz do termo veio ao local lavrar auto e devassar. O morgado apresentou-lhe as testemunhas, já conhecidas, que, compradas pelo ouro do assassino, afirmavam o caso com todos os laivos de verdade.

O juiz mandou escrever os seus depoimentos. Nuno também depos...

As provas eram esmagadoras. O morgado afirmou que o assassino era Gabriel, e os dois assalariados confirmaram.

Estava pois perdido o pobre moço.

Dizia-se, então, que o Gil o havia espancado; que daí adviera a má vontade de Gabriel contra ele; que o assassinato fora premeditado, etc., etc.

Triunfava o crime e subia ao patíbulo a inocência!

* * *

No velho solar da Mata tudo corria em desordem.

Afonso Dinis em vez de se opor pela sua influência em favor do filho, deixou correr a devassa ao Deus dará!

Dona Margarida desfazia-se em lágrimas ante o irritado marido; nada porém conseguia.

—Se seu filho fosse um bom filho—dizia o irado fidalgo—estaria livre desta nódoa... Se ele tivesse cumprido as minhas ordens, não estaria agora na prisão, espiando um crime. Se soubesse honrar as barbas dos avoengos, seria feliz e viveria em liberdade. Assim... a justiça far-lhe-á pagar as suas leviandades. Comigo escusa de contar. E, a tal respeito, tenho dito.

* * *

A plebe comentava a seu modo esta falta de protecção do pai para com o filho.

Um mancebo bem-nado como era Gabriel, tinha despertado entre o povo as auras da simpatia.

Havia até mais quem o defendesse, que quem o condenasse.

. . . . . .

Gabriel, de prisão em prisão, foi até aos cárceres do Porto.

Que infeliz! Como é deficiente a justiça dos homens... A inocência de rastos pelas prisões e o crime em cochins doirados!...

. . . . . .

Um dia o senhor Vilar de Vermelhim recebeu dum desembargador, seu amigo, uma carta que lhe anunciava esperanças de salvação.

O velho e teimoso fidalgo respondeu — que nunca pensara em proteger assassinos, e a justiça que cumprisse o seu dever para que mais tarde não tivesse de dar contas da sua fraqueza.

Mas... apesar de tudo o velho fidalgo era pai. Embora a sua honra elevada até ao exagero, lhe ditasse aquelas palavras, o seu coração ditava-lhe o perdão.

O ancião estava convencido da culpabilidade do filho. Imaginou que ele tivesse morto o Gil enganadamente pelo morgado Nuno. Acreditava que os ciúmes tivessem sido a origem daquela morte. E, por um sentimento de despeito, afugentou para longe a ideia de proteger um homem que procurava para si e para a família a morte moral — a desonra.

Os Vermelhins quebravam, mas não torciam.

* * *

Haviam decorrido três ou quatro meses.

Entre a leva de condenados que aguardava no cais a vez de embarcar, encontrava-se um que pelo modo de trajar um pouco diferente dos outros e por seu aspecto abatido e melancólico nos seria fácil reconhecer: era Gabriel.

Ia amarrado ao braço esquerdo dum assassino como qualquer outro criminoso!

A inocência a par do crime!

Que tremenda humilhação!

Quando chegou a sua vez de embarcar, subiu pelo portaló ao convés da nau, donde contemplou as últimas recordações da sua bela mas desnaturada Pátria.

Nem pai, nem mãe, nem irmãos, nem amigos!

Tudo se esqueceu dele, todos os desprezaram!

E Maria? aquela por quem se perdera? Também se teria esquecido dele? Não. Essa, ao menos, lembrar-se-á de ti, pobre mártir. O amor que te dedica aumenta proporcionalmente na razão directa da tua infelicidade.

Em suas orações pedirá a Deus por ti, e que te proteja nessas longínquas paragens, onde vais expiar o crime que outrem cometeu. Não: não te esqueceu. Do leito, onde se encontra prostrada — quase agonizante — com o coração esfacelado pela dor e a alma torturada de saudades, velará por ti dia e noite. Não desanimes, pois. Deus — o bom Deus há-de ouvi-la: o homicida, o verdadeiro assassino será descoberto e tu

voltarás à Pátria — a esta Pátria ingrata que te cuspiu do seu seio.

O tempo estava favorável.

Na manhã seguinte, a nau levantou ferro, desfraudou as velas e esteirou sobre as águas mansas do rio.

Dois meses, aproximadamente, durou a viagem.

O navio conduzia trinta e seis degredados: trinta e cinco criminosos e um inocente!

O comandante era um desses homens que são simultâneamente sensíveis e indiferentes.

Sensível às dores humanas; indiferente à sua própria dor. Quantas vezes se não viu ele entre água e céu, no meio das procelas vendo quase submergir-se e destroçar-se o seu navio? Pois nesses momentos angustiosos, a alma forte de Pero Pires era o símbolo da indiferença!

Seria ele também um insensível ao ouvir da boca do mísero condenado a narração das suas desditas? Não. Gabriel havia-lhe sido confiado pela justiça, mas também protegido por um amigo.

No primeiro dia de viagem mandou-o chamar ao seu beliche e ouviu-lhe atento a triste história da sua vida.

Pero Pires condoído da desgraça do pobre moço e convicto da sua inculpabilidade, deu-lhe um lugar à sua mesa e mandou preparar-lhe um beliche limpo e asseado, como competia às pessoas da sua categoria. Ao menos, enquanto viajasse, não iria no meio dos criminosos.

Os seus companheiros olhavam-no com inveja, mas não se atreviam a levantar voz de descontentamento. Tão simpático era aquele infortunado mancebo, que, ainda nos mais facinorosos homicidas, encontrava quem o estimasse.

* * *

Em Dezembro de 1742, na baía de Luanda, onde a nau acabava de chegar, desembarcavam os últimos degredados.

Dos trinta e seis que saíram do reino restavam vinte e três. Os restantes, minados pelo escorbuto, morreram na longa viagem.

O presídio distava dali dez a doze léguas. Era pouco mais ou menos onde está hoje assente a povoação de *Colenguembo*.

Antes de partir para o interior, teve Gabriel, com o comandante uma demorada conversa. O fim dela sabê-lo-emos mais tarde.

O presídio assentava no sopé duma montanha, na vertente duma pequena colina.

A seus pés corria um pequeno riacho. A norte e leste um bosque de gigantescas árvores; pelo sul um descampado; e pelo poente uma floresta de coqueiros, palmeiras e tamarindos.

O recinto era completamente fechado. Um portão grosseiro dava para o interior. Do lado do norte, encostado ao muro, corriam as casamatas; do sul, logo à entrada, ficava a casa da guarda. Ao centro havia

um pequeno terreiro onde vicejavam a custo algumas leguminosas.

A guarda era feita por dezanove soldados, quase todos negros, hediondos, selvagens.

Dos vinte e três condenados, apenas cinco acompanharam Gabriel. Os restantes tiveram outro destino.

Infeliz moço! Nos primeiros dias custou-lhe a comprender que fosse tão desgraçado como realmente era. Depois, porém, que se habituou àquele viver presidiário, custou-lhe menos a suportar a sua incomensurável infelicidade.

Entre os cativos — que eram ao todo doze e na maior parte desconhecidos — encontrou ele um que, fosse embora um criminoso, era homem de coração. Era o único branco dos sete condenados, que Gabriel la encontrou. Os seis restantes eram negros bosquimanos, os mais selvagens exemplares da raça negra.

O infeliz branco tinha pois por companheiros de infortúnio meia dúzia de estúpidos antropófagos — uma alcateia de feras!

Horrendo crime deveria ter cometido, para sofrer castigo tão pesado...

Pois não. De facto era quase um benemérito!

* * *

Deveria ter corrido um mês, após a chegada ao presídio dos últimos condenados.

Ainda não lhes fora permitido trocar entre si um só monossílabo. O chefe do forte, um mulato de

baixos sentimentos, um homem sem consideração, mantinha debaixo duma estúpida regra disciplinar os míseros cativos.

Assim: se um deles ousasse dirigir uma palavra a qualquer dos companheiros era imediatamente obrigado ao silêncio por meia dúzia de varadas.

Trabalhavam quase sempre dois a dois, quer na cultura, na condução de águas ou corte de madeira nas florestas circunjacentes. Nestes trabalhos eram acompanhados por dois guardas — em geral dois negros — que se deleitavam em vergastar as carnes dos infelizes que custodiavam.

* * *

Foi numa dessas ocasiões que Gabriel se encontrou a sós com um dos antigos degredados, o «*Lobo do Monte*», nome porque era conhecido no forte o europeu de que acima falámos.

Dois negros lhes serviam de guarda. Os dois cativos abatiam árvores, esgalhavam os braços mais frondosos e traçavam os mais secos para lenha.

A guarnição tinha no dia antecedente preparado uma bebida especial com a qual se embriagavam os guardas do presídio, e algum condenado que conseguia surripiá-la.

Os negros, dormentes ainda pela acção alcoólica da aguardente, sentaram-se e deixaram trabalhar os grilhetas, a seu bel-prazer.

Daí a momentos dormiam a sono solto.

Côncios do sono aguardentado dos guardas, os réprobos da sociedade — Gabriel e o *Lobo* permutaram entre si a causa das suas misérias, o objecto da sua infelicidade, em suma.

Conhecedor da vida de Gabriel, o forçado começou então a contar a sua:

— Um dia eu vinha da vila e dirigia-me à casa dos meus amos. Todos na aldeia sabiam que eu era portador duma soma importante. Havia lá no lugar um ladrão atrevido que se aventurou a sair-me ao caminho, a fim de me roubar. Que farias tu — companheiro da desgraça — que farias tu em frente dum ladrão?

— Matava-o! — disse Gabriel um tanto abstracto — matava-o se ele tentasse levantar para mim mão criminosa.

— Eu fiz assim. Livrei a sociedade dum criminoso e por isso vivo neste inferno.

— Sofre até final... sofre até que chegue a liberdade.

— Pensas na liberdade? Não vale a pena... Vivo aqui há anos. Vim com oito companheiros, que jazem ali sepultados naquela areia. Lutei com a fome, com a sede, com a doença; e... vivo ainda!... Deus compraz-se em conservar-me a vida... Antes eu tivesse morrido. Maldita a hora que me trouxe ao mundo! Maldita vida...

De repente um dos guardas acordou.

Levantou-se a cambalear, despertou o companheiro e correu para junto deles.

— Queríeis fugir?! — vociferou um fazendo sibilar uma chibata.

— Querias que eu padecesse por ti?! — acrescentou o outro, repetindo a operação.

— Malditos! — regougou o *Lobo* — Raios vos partam!

— Infames! — exclamou irritado Gabriel.

E tentam decapitar os guardas a golpes de machado.

Era tarde. O chefe do presídio e dois guardas acabavam de os prender, algemando-os.

. . . . . .

Um quarto de hora mais tarde, Gabriel e o *Lobo*, fortemente ligados a um tronco de árvore — completamente nus — eram bàrbaramente açoitados!

Cristo, a grande imagem da verdade, o símbolo incomparável da inocência, sofreu igual tormento!...

* * *

Ia caindo a tarde vagarosamente. Num dos estreitos cubículos da casamata, jaziam prostrados sobre um montão de feno dois corpos quase exangues. Ouviam-se de quando em quando uns gemidos abafados, uns murmúrios de alma morta, e... tudo baixava ao silêncio...

Lá fora, na floresta, ouviam-se os golpes de machado ferirem a árvore, a vozeria dos soldados e a cantilena aguardentada do guarda-mor.

. . . . . .

Ninguém mais se lembrou dos dois infelizes moribundos que, retalhadas as carnes, esfaceladas as almas, permaneciam inertes, quais cadáveres em sombrio necrotério...

* * *

Um dia, no terreiro, encontraram-se ambos.

Gabriel conseguiu falar ao companheiro:

— Quando virá o dia da salvação.

— Hoje antes de nascer a lua, temos de estar fora da paliçada... Fé...

Gabriel — o incrédulo e torturado moço — não ligou importância ao que o seu forte companheiro tinha dito; havia perdido a esperança.

Era em Fevereiro. A estação chuvosa estava ameaçadora. Havia semanas que a água caía impetuosamente.

As correntes tinham o presídio quase insulado.

Por que teria o *Lobo* escolhido aquela noite de invernia para pôr em prática os seus planos?

É que a guarnição, em dias tais, deixava a guarda do presídio à natureza. Quem se atreveria a internar-se num sertão, no meio de tigres e panteras, entre leões e gibóias?

Ninguém por certo.

Enganaram-se desta feita.

E o *Lobo* bem sabia que os guardas lhes deixariam liberdade, porque confiavam no poder da Providência.

* * *

Seriam dez horas. A chuva continuava caindo, e o luar ia-se tornando sensível através das pesadas nuvens.

Até aquela hora ainda não tinham sido aferrolhadas as portas das prisões. Tudo permanecia imerso em silêncio de necrópole.

A guarnição, meio embriagada, dormia um sono pesado.

Os cativos ressonavam descansados.

Uma das portas da casamata abriu-se e um homem, encostado à parede, deslizou até junto da paliçada. Retrocedeu outra vez e chegando-se a uma seteira murmurou o que quer que fosse.

Um momento depois, dois homens sobre o muro, junto à riba, prendiam a um coqueiro, que estava perto da parede, uma forte corda de esparto, para lhes tornar mais fácil a descida.

. . . . . .

* * *

Quando ao toque da alvorada deram pela falta, era já tarde. A essas horas já os quebra-grilhetas tinham passado o *Bengo* e acompanhavam-no na margem direita.

IV

Na Volta à Pátria

«...Terra da minha Pátria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço ocupa
O cadáver dum filho. E eu fui teu filho...»

Garrett — CAMÕES

O Bengo é um pequeno rio que vai desaguar um pouco a norte de Luanda, junto à povoação de Quinfangondo.

Os fugitivos, respirando com sofreguidão o ar da liberdade, jornadeavam apressados.

Naquelas paragens o rio corre entre montanhas.

Junto às margens, uma vegetação luxuriante deleita a vista. Aqui, as elegantes palmeiras, os grandes coqueiros, os enormes fetos e gigantescos tamarindos, e mais além, acompanhando a corrente, debruçadas sobre o rio, as plantas ribeirinhas em vão procuram retratar-se em suas águas lodosas.

Rompia o dia. A chuva, que durante a noite os não havia perseguido, caía agora copiosamente.

Teriam andado cinco léguas. Era pouco. O presídio estava ainda a dois passos. Era mister fugir à sua acção.

Andaram, pois, todo o dia. Quando chegou a noite encontraram-se em meio duma aldeia indígena.

Gabriel começou a desanimar. Naquele sertão, entre selvagens, estavam com receio de pernoitar. Depois os contratempos: a chuva, que os trazia encharcados até aos ossos; a fome, que lhes corroía o estômago; e a extenuação a que a viagem os sujeitara.

O *Lobo*, adivinhando o desânimo do seu companheiro, disse, animador:

— Amigo: não temos nós até hoje sofrido resignados? Acaso te não lembras dos árduos trabalhos presidiários? Não sabes que éramos, no forte, verdadeiros animais de carga?

— Dizes bem. Aqui, neste sertão, entre feras, debaixo duma chuva torrencial, respira-se ar. Lá... pestilência. Mas se somos farejados por um tigre...

— Mais vale morrer na boca da fera, que padecer — interrompeu com energia o *Lobo*.

— Necessito de vida, meu amigo. Tenho ainda uma missão a cumprir: fazer justiça, já que ma não souberam fazer!

— É difícil de guardar a vida nestes sítios. Não sei... Deus o dirá.

— Sim — disse Gabriel — Deus dirá.

— Descansemos por hoje. Nós somos homens para morrer e para viver...

* * *

Oito dias depois da evasão, chegaram eles ao litoral.

Estavam livres da prisão, mas não da fome.

Para se libertarem desta, houve mister de se fazerem carrejões duma casa de comércio sertaneja.

O *Lobo*, para poupar o seu infeliz companheiro, fazia muitas vezes o trabalho de ambos.

Certo dia trabalhavam no cais. Gabriel sentou-se sobre um fardo e pousou a cabeça contra outro mais elevado. Cismava. Cada onda que vinha morrer à praia trazia-lhe no dorso verde-negro, entre turbilhões de vaporosa espuma, saudades indefinidas, nostalgias amaríssimas que a sua alma atribulada recebia e sepultava em suas misteriosas e recônditas entranhas. Insensível à fome, que há dois dias lhe corroía o estômago, e ao esbraseante calor que lhe queimava as carnes, o infeliz expatriado com o olhar fixo no horizonte, e o espírito pairando ao longe sobre o berço da sua infância, permaneceu assim durante muito tempo em cogitações dolorosas...

Em que pensaria?

Na Pátria, nessa Pátria bela, mas ingrata que tão iniquamente o expulsara de seu seio? Na orgulhosa família, que o abandonara?

Sem dúvida: andavam dentro dele, saudosas recordações...

É que Gabriel, filho do amor, e, mais que tudo, vítima do amor, continuava amando e... havia de morrer a amar...

O mancebo pensava também em quem nunca deveria ter pensado. Gabriel pensava no fruto que a maldade humana, na sua inexorável desapiedade, lhe havia proibido. Pensava na doce Maria de Barbeitos!

— Será viva? será morta?

E o espírito atribulado do jovem percorria o horizonte, fitava o azul do céu e afundava-se no abismo profundo das águas, numa nostalgia dolorida, mas sem resposta...

* * *

Duma das naus que estacionavam na baía saiu uma lancha, que veio atracar a terra, em frente à pequena enseada onde estava Gabriel.

Um dos tripulantes era-lhe conhecido. Seguiu-o. O homem entrou numa casa de bebidas. O mancebo entrou após ele.

Os dois homens fitaram-se por um momento.

— Senhor Pero Pires!

Era o comandante da nau que o havia trazido ao degredo. Era aquele amigo sincero que o sentara à sua mesa. Era finalmente aquele que lhe prometera levá-lo à Pátria, logo que alcançasse a liberdade.

O capitão olhou estupefacto para aquele carrejão, quase imundo, que tinha em sua frente, e bradou:

— Conheces-me?

— Já fomos companheiros de viagem...

— De viagem?

— Infelizmente...

O homem do mar fitou-o, pareceu recordar-se:

— Ah! quem vós sois! — moço desditoso e sem sorte! Vós, senhor fidalgo, e neste estado? Como vos encontro!

— Ah! senhor! O que eu tenho sofrido... Eu, senhor capitão, que cometi o enorme crime de amar muito, vim para o degredo!... E um criminoso, um verdadeiro facínora que lá ficou, esse... Meu Deus! meu Deus! Crê na minha inocência capitão?

— Duvida-o? Distingue-se muito bem um criminoso dum inocente.

— Pode cumprir a sua palavra?

— Decerto. Sairemos no fim do mês.

— Oh! obrigado excelentíssimo amigo. Obrigado!

Pero Pires — o capitão — olhou-o com piedosa comiseração:

— Diga-me, fidalgo; tem passado fome?

— Ah! tenho, tenho... O trabalho falta muitas vezes... E a falar-lhe com franqueza há dois dias, capitão... há dois dias que eu, e um desgraçado como eu... não temos ganho o bastante para comer...

— É um forte, meu amigo, é um forte!... Outro qualquer ter-se-ia abandonado a essas ondas... Ou então escangalhava o ouvido com o tiro duma pistola...

— Ah! quis morrer, quis!... mas não me deixaram. Lembra-me bem. Foi numa noite de luar. Há dois anos se tanto... Preparava-me para conquistar a paz da morte; mas não quis Deus que eu deixasse de sofrer. Meu irmão surpreendeu-me...

— E prolongou-lhe a vida! Mas olhe que Deus tudo o que faz, é por bem. Quem sabe até, meu amigo, se o destino terá escolhido para, um dia, vingar os seus verdugos?

— Talvez...

— Desagrada-lhe a missão?

— Jamais. Prezei sempre a justiça.

— Não se arrependa de viver. Daqui a dois meses estamos nas nossas praias. Vamos comer. Onde está o seu companheiro? Quem é ele?

— É um bravo, capitão; e é também uma grande alma!... Trabalha ele só para nos sustentar a ambos, porque eu não posso; estou alquebrado, e velho aos vinte e poucos anos. Diga com franqueza se eu não denoto o dobro da idade?

— De facto. É talvez ainda a Providência que o protege. Em Portugal não se deve dar a conhecer. A justiça poderá proceder... Com essa aparência de velhice ninguém o reconhecerá.

— Graças ao ensinamento que recebi dum velho perceptor, poderei ganhar a vida decentemente, até que... até que Deus me ordene que faça justiça. Depois...

* * *

As calmarias do golfo da Guiné faziam estacionar o navio.

A bordo iam mais dois tripulantes contratados em Luanda: Gabriel e o *Lobo do Monte*.

Aquele honrado capitão, cônscio da inocência do mancebo, havia-lhe, como já vimos, prometido conduzi-lo à Pátria, logo que alcançasse a liberdade.

Prometeu e cumpriu. Foi o único que soube fazer justiça.

A bordo, os dois condenados, eram dois marujos. Como contrabando, era mister disfarçá-los.

. . . . . .

No dia seguinte, a nau continuava imóvel. Ao terceiro dia, um vento fresco, do lado do equador, começou a agitar as águas e a enfunar as velas.

Mal diriam eles que, aquele vento, na aparência salvador, viria a ser o percursor duma inesperada tempestade.

De facto, na altura das Canárias, uma tormenta pavorosa destroçou a nau de encontro a um escolho.

Dos tripulantes, só cinco ou seis conseguiram ser salvos por um navio de corsários marroquinos, que os conduziu a Rabat.

Começava de novo a infelicidade a persegui-los.

No mesmo dia em que desembarcaram, foram comprados por um árabe, mercador de escravos, que os vendeu para o *bei* da Tunísia.

Depois de muitos meses de trabalhos, foram, parte deles, dados de presente ao sultão de Marrocos. Um era Gabriel, e dois dos outros eram o *Lobo* e Pero Pires.

Descrever os trabalhos e misérias das vítimas dos corsários, é tarefa que encheria muitas páginas. Desisto de sujeitar os meus leitores, a mais essa maçada.

O caso é que, tempos volvidos, — meses? anos? — tornou a raiar para eles a liberdade. Gabriel e Pero Pires, vieram refugiar-se em Ceuta. Era ali que deveriam ir juntar-se os outros.

. . . . . .

Três anos depois de ter saído para o degredo, entrava Gabriel na Pátria, acompanhando-o o *Lobo* e Pero Pires...

* * *

Havia tempos que em Viana conseguira fama um certo cirurgião, conhecido popularmente por o — *Cirurgião de fora.* Chamava-se Dinis Dias e era muito versado em certas doenças, que em geral curava, com extrema facilidade.

Muitos eram já os que apregoavam o seu valor, e, dentro de poucos meses, Dinis Dias havia conquistado os foros da celebridade.

Ganha fama e deita-te na cama, diz o adágio. A fé vale mais que a dúvida.

Não havia já nas redondezas aldeola alguma onde a sua presença não tivesse sido requisitada. E, diga-se de passagem. Dinis Dias era feliz com os seus doentes.

Os outros médicos estavam, já, bastante desanimados pela notável concorrência do novel colega. Quase ninguém os procurava, pois que O *de Fora* não levava dinheiro a não ser aos bafejados da fortuna; e, a estes, só o necessário para a sua subsistência. Era parco e comedido.

* * *

Certo dia, apareceu-lhe à porta um mensageiro, afadigado, coberto de poeira. Era um aldeão já idoso e cavalgava uma fogosa égua.

Amaro Pauzinho, criado do médico, apressou-se *a dar falas* ao cliente, enquanto seu amo se levantava.

— Com que então vossemecê deseja...

— Falar ao senhor cirurgião.

— Coisa de pressa — bem se vê...

— Eu lhe digo: é pressa, é. E bastante, por sinal... A esta hora, pode ter dado o último suspiro!

Nesta altura tocou no interior da casa uma campainha.

— Espere um momento. O patrão chama-me.

E retirou-se por uma porta estreita, deixando, na pequena sala, o novo consulente do cirurgião.

Entretanto, um homem que aparentava meia idade, de estatura mais que mediana, barba na cara toda, cabelos compridos e grisalhos, mas já nevados, entrava na sala onde se encontrava o aldeão.

Era Dinis Dias — o famoso físico!

Quando fitou o camponês, estremeceu involuntàriamente. Mas, subjugando-se, aparentou a mais calma das indiferenças.

— Deus salve vossa senhoria — saudou o lavrador, ao vê-lo penetrar no aposento.

Dinis Dias retribuiu-lhe o cumprimento e perguntou com um ar de contrafeita tranquilidade:

— É coisa urgente?

— Muito... Quanto mais depressa melhor.

— Lá vamos. É longe?

— Duas léguas, pouco mais.

— Bagatela.

O camponês começou a explicar:

— É que lá a fidalga, já vai por três anos, que não sei que feitiçaria a impeceu... Não há cirurgião que se entenda com tal moléstia. Bem, decerto aquilo é mau olhado que lhe deitaram... Sim... isto digo eu. Vossa senhoria é que há-de dizer o que é — que é mestre-cirurgião!

— Eu volto já.

E ia para retirar-se. O mensageiro informou:

— Trago já licença para pagar a visita, adiantada. Se vossa senhoria quer... E se não tem animal monta na égua. Eu vou a pé.

— Nada, obrigado: tenho cavalo. Espere um bocadinho.

— Então vossemecê não quer receber já?

— Ora essa! Temos tempo. Ainda não fiz o trabalho e já quer pagar? Ora essa!

— Como vossoria quiser.

— Espere um momento. Eu volto já.

. . . . . .

Meia hora depois dois cavaleiros atravessaram o areal do Faro de Anha na direcção da quinta — local da visita.

* * *

O solar de S. Pelágio, que hoje está abandonado e quase todo em ruínas, era nesse tempo, uma principesca vivenda.

Construído na encosta dum monte, na prega dum cerro, entre carvalheiras e pinheiros, o velho paço dos senhores de Alvre, no seu conjunto geral tem uma fisionomia castelã bem própria dessa Idade Média que o viu nascer.

Voltada ao poente estende-se a majestosa frontaria de granito lavrado, ameada à laia de castelo feudal, tendo ao centro o espaçoso portal em estilo romano-bizantino, por sobre o qual sobressai, em meio relevo, o brazão heráldico dos Gragidos — com as suas nove *cunheiras*, os seus leões, e não sei que mais...

A casaria fica arrumada a sul e corre paralela ao caminho do portal. As chaminés embutidas nas paredes, que deviam erguer-se nos telhados em forma de minaretes, as flechas oblíquas, as seteiras e cantareiras, tudo tem um cunho arcaico de construção medieval, já hoje muito raro.

. . . . . .

Dois lanços de escadaria — um do lado do nascente, outro da banda do portão — dão ingresso à casa; ao cimo dela, no limiar da porta há um pequeno pátio avarandado.

Quando Dinis Dias chegou ao cimo desse patim estava um homem dos seus cinquenta anos, bem trajado, mas de aspecto carrancudo.

Era o morgado.

Dinis Dias subiu os degraus sem o fitar. Os seus cumprimentos foram as triviais saudações de dois desconhecidos, que pela primeira vez se falam.

* * *

Entremos com eles na alcova da doente.

É um quarto decentemente mobilado e espaçoso. Num leito antiquíssimo, entre alvas roupagens, está prostrada uma mulher, ainda jovem, mas tão desfigurada, que mais parece um cadáver, que um ente vivo.

É Maria de Barbeitos — a inditosa esposa do morgado de Gragido.

O médico, ao entrar, fitou o leito.

Um calafrio momentâneo apoderou-se dele; e foi-lhe mister uma força sobrenatural para se conservar indiferente e alheado.

Maria, ao ver junto de si aquele homem estranho, ergueu para ele os olhos languidos, murmurando:

— Para que vem vossa mercê? Eu não verei o fim da primavera... A minha doença não necessita remédios... A minha doença, senhor doutor, é só na alma... Tormentos do coração...

O morgado, enviando-lhe um olhar de ódio e ciúmes, encostou-se à janela.

Dinis Dias agitou-se, fez-se nervoso e não falou. Nuno reparando nesta indisposição inquiriu a causa.

— É que eu quando tenho ante mim doentes nestas circunstâncias, comovo-me a ponto de me borbotarem as lágrimas — explicou.

Depois de curta visita, o médico declarou que, dispondo de tempo, seria fácil curar a doente.

— Está mal, muito mal — disse. — Mas... Quem sabe? Deus pode operar milagres...

O morgado instou com ele para que ficasse, residindo com eles, até à completa convalescença da doente.

O afamado físico pareceu meditar. Por fim disse:

— Aceito — mas tenho de voltar a Viana. Amanhã aparecerei e retomarei o meu lugar de enfermeiro.

O morgado anuiu.

* * *

Dinis Dias montou a cavalo e saiu.

Longe já do solitário solar, apeou à sombra duma carvalheira, numa encruzilhada de caminhos, e, sentando-se numa pedra, meditou na maneira de poder curar a sua nova doente.

— Ali já só há umas reminiscências de vida, qualquer coisa de sopro vital, mais nada... Infeliz criatura! O que ela terá sofrido ao lado do abutre!

E o piedoso cirurgião limpava furtivamente uma lágrima de compadecimento.

A um estranho que presenciasse esta cena parecer-lhe-ia que o médico se compadecia mais dela, que o próprio marido.

Era certo!

O morgado durante muito tempo foi para a esposa um verdadeiro algoz.

Nos últimos momentos, porém, carregado de remorsos, tentou reconciliar a sua alma... à luz de problemática consciência. Mas Deus, o Supremo Juiz, ainda não havia lavrado a sentença. Estava, porém, para breve!

* * *

Depois do degredo de Gabriel, Maria de Barbeitos jurou vingar-se, convicta como estava de que seu marido era o único criminoso. Cônscia de que ele fora o principal algoz do infortunado mancebo de aborrecê-lo, passou a odiá-lo, a desejar-lhe a morte.

E este ódio, que na aparência lhe fortalecia a vida, levava-a antes à morte prematura.

A lembrança, porém, de Gabriel dava-lhe ainda forças para resistir. A esperança de que ele a libertaria da acção do seu carcereiro vinha animá-la.

E assim foi passando um ano, o tempo que o degredado havia marcado para se evadir da prisão e regressar à Pátria.

Neste período — para ela um século — que de torturas e tormentos a não vinham atribular!...

Nunca a viram a rir. Levantava-se cedo e passeava no pequeno jardim da quinta, sempre triste, sempre melancólica e pensativa.

Passavam meses quase completos, sem levantar os olhos para seu marido.

É que ela via sempre nele um instrumento de tortura e um cínico criminoso — o matador do velho Gil.

* * *

O morgado jurara vingar-se desse odioso desprezo a que era votado.

Considerava sua mulher uma adúltera, ainda que em espírito.

Maria não era uma adúltera nem tão-pouco uma perjura como seu marido acreditava. Maria era, um temperamento apaixonado, fiel à primeira ideia que lhe surgiu em campo de amor.

. . . . . .

Nuno jurara, pois, vingar-se.

O colérico abade fora o primeiro conselheiro do sobrinho:

— A uma mulher dessas nega-se todo o amor, de que é susceptível a união conjugal. Desprezo-me de dizer que a pessoa de quem falo é minha sobrinha!... Que descaramento! Uma adúltera! Santo Deus! santo Deus! que vergonha!... Minha sobrinha endoideceu. É doença, é por certo doença que lhe subiu à cabeça...

— Tem razão, meu caro tio. Eu convenço-me que a hei-de curar bem, dessa *tal* doença que tanto a tem mortificado!... E se o padrinho me der licença...

— Procede como entenderes.

— Não se zanga comigo?

— Não. Ainda que mal a trates, não te reprovo a acção. Ela tudo merece! E tudo é pouco...

Nuno sorria de contentamento, ao ouvir da boca de seu tio aquilo que jamais esperava ouvir.

— É uma mulher que desonra a família — continuava o abade — e portanto merece castigo. Uma esposa com amantes, que se esquece de seu marido, e que não respeita os laços conjugais, merecia ser denunciada ao Santo-Ofício,... queimada num Auto de Fé!... Maldição! maldição!

— Assim deveria ser — disse o morgado. Quanto ao assassino, o torpe galanteador, esse, ao menos, está seguro. A estas horas deve já ir no alto mar a caminho do degredo. Isto de matar... um homem... paga-se caro. É para que saiba!... Pobre tio Gil!... Não sabe o meu padrinho como senti a trágica morte daquele bom velho... Desse maldito que fez a desonra duma família honesta, como é a nossa, estou bem vingado.

— Não deves esquecer a afronta duma infidelidade conjugal.

— Jamais esquecerei tal... Uma afronta? Essa... meu bom conselheiro, essa... cá fica; não a perdoo.

Quando o abade voltou costas, Nuno acrescentou para si:

— O tratantório lá vai. E a *outra*... a outra, ou muda de ideias, ou vai também...

* * *

Passou um ano, passaram dois, talvez mais...

Maria, tiranizada pelo marido, saudosa do degredado e mortificada pelo sofrimento, ia a pouco e pouco perdendo a vida.

Aquelas faces, que foram rosadas aos dezasseis anso, estavam tão desfiguradas, que dir-se-ia terem passado por elas algumas dezenas de anos. Tinha a cutis enrugada e amarelecida como uma anciã, os olhos pisados dum triste arroxeado, e o corpo emagrecido como um esqueleto.

Nuno comprazia-se em mortificá-la. Obrigava os criados a não cumprirem as suas ordens e a faltarem-lhe ao respeito devido.

Em frente dela fazia passar as concubinas, que descaradamente a isso se prestavam, a fim de despertar o amor da esposa pelo ciúme. Inútil estratégia.

Maria ligava tão pouca importância a isso, e queria tão bem a essas criaturas, como a qualquer dedicado serviçal da casa. Ora era precisamente isto o que mais fazia exasperar o génio intrigante e ciumento do morgado de Alvre e Gragido.

Tudo corria em desalinho.

Para ela, porém, pouca diferença faziam tais desmandos. Não se preocupava com os negócios da casa: cada qual procedia como queria. Todos mandavam. Era a anarquia em casa do morgado.

Maria vivia numa esfera superior: o mundo espiritual da contemplação.

. . . . . .

V

Um drama teatral

«... A mulher que tu amas, amei-a eu primeiro...
Tenho ainda ciúme, ciúme de ti destruidor da minha ventura doméstica...

A. Herculano – MONGE DE CISTER

«... Esquecera-me duma coisa: de que espalhara ódios na terra e de que o fruto ainda o não havia colhido...»

JDEM – JDEM

Dinis Dias era pontual.

No dia seguinte, um belo dia de primavera, o cirurgião preparou-se para a viagem que ia empreender.

Preparada a égua, meteu nos coldres do arção duas pistolas de reforço, e saiu mais triste que de costume.

O criado estranhou este aspecto, mas nada quis dizer.

— Adeus meu amigo. Não sei se nos tornaremos a ver. Parto para uma viagem séria. Se eu desapare-

cer, tudo que aí está te pertence. Não sei se durarei muitos, se poucos dias. Deus é quem sabe. Adeus!

E dando esporas à égua galopou para o Faro de Anha, sem ouvir as últimas palavras do seu fiel criado.

Uma hora depois, entrava na aldeia.

Os caminhos esburacados do pinhal, amarelecidos pelo pólen subtil das flores dos pinheiros, tinham o aspecto triste e melancólico que caracteriza os grandes sofrimentos.

Dinis Dias chorava!

Alguma coisa o mortificava.

Era por certo coisa grave.

Um homem, quando chora, sofre!...

Quando Dinis Dias chegou em frente do portão do paço de Gragido, um velhote — o mesmo que o chamara no dia antecedente — apressou-se a segurar o animal e conduzi-lo ao estábulo.

O cirurgião subiu pela escada do lado do poente e entrou na sala, onde era aguardado pelo morgado.

— Bem-vindo seja — saudou ele.

— Em Deus os encontro — retribuiu o cirurgião sem o fitar.

E entabolaram uma palestra trivial, conversa que quase só Nuno alimentava.

O cirurgião respondia com bocejos e abanos de cabeça.

É para notar que Dinis Dias não simpatizava com Nuno e parecia detestá-lo.

Ao cabo dum momento disse, levantando-se:

— Vou ver a doente.

— Espere meu caro. Tenho muito que contar-lhe. É preciso que conheça o germen da doença de minha mulher.

— Estou pronto a ouvi-lo.

— Ouça!

E, depois de se assoar, chegou a sua banca para junto de Dinis Dias e começou:

— Minha mulher... por outra, essa doente que vossa senhoria ali viu, não é, como talvez pensa, uma esposa digna e honesta. É uma adúltera que prostituiu os laços sagrados que a uniam a seu marido, para alimentar escandalosas relações com um amante, demais a mais assassino...

O cirurgião fez um repelão e levantou-se.

Nuno julgou naquela atitude aprovação do seu dito.

— Espere, meu caro, espere. Assassino, dizia eu, — assassino que tentou matar-me e... que exterminou a vida ao meu melhor criado...

— Então essa senhora alimenta relações tão íntimas com um homem desses?... Não acredito! Engana-se por certo. Onde está ele?

— Hoje não... porque esse maldito que lhe seguia os passos, o facínora que me matou o meu servo, foi acabar com os ossos no degredo...

— Então morreu?

— Creio que sim. Há, pelo menos, notícias disso. Disseram-me que quisera matar lá um guarda, e por isso o mataram a ele. Outros dizem que morrera na boca dum bicho feroz. Lá como foi, não sei. O que sei é que morreu.

E agora? — perguntou Dinis Dias — Sua esposa esqueceu-o?

— Agora?... Agora está nessa cama, como vossa senhoria teve ocasião de observar, a sonhar com o degredado...

— Pobre senhora!

— Também digo. Mas olhe vossa senhoria: a culpa é toda dela.

— Conforme.

— Não há *conformes*: é o que lhe digo.

— Vê-lo-emos. Diga cá: — sua esposa amava vossa senhoria, quando casaram?

Nuno pensou alguns segundos:

— Não sei.

— O senhor morgado dedicava-lhe afectos? Tinha-lhe amor?

— Algum. Mas não merecia nenhum.

— Não era muito, visto isso.

— Pelo menos era mais, que aquele que ela me dedicava.

— Então sabia que ela o não amava?

— Sabia.

— Visto isso o seu casamento foi um negócio de chorudo dote...

— Talvez.

— Não tem razão de se queixar de sua esposa.

E o médico, dizendo isto, ergueu-se para se dirigir à alcova da enferma.

Nuno olhava-o de revés, com certa desconfiança:

— Que diz o senhor?

— Desculpe, mas digo-lhe a verdade...

— A verdade?

— Sim. Vossa senhoria viu essa senhora, achou-a formosa, talvez rica e... Enfim, casou com ela à força, à violência. Não negue. Tenho muita prática do mundo. Foi ou não foi isto?

— Foi isso.

— Sua esposa, essa senhora, amava talvez outra pessoa...

— Amava um matador de homens.

— Fosse quem fosse: amava. Vossa mercê, ou a família dela, provàvelmente, violentaram-na a casar, não com aquele que o seu coração de amante elegera, mas com quem ela por certo odiava. Desculpe: mas vossa senhoria já confessou que ela o não amava.

— Não amava, nem ama. Deverei eu amar quem me não ama?

— Não o deveria ter tentado, sequer.

— Pois contudo... ainda a desejo... Enfim, vossa senhoria diz bem: não devo amá-la. Não a amarei.

— Interpretou mal: Não disse tal. Não devia ter casado com ela. Isso sim. Casou? deve amá-la, ainda que não seja amado.

— Pois não amo.

— Pobre senhora. Também poucas horas terá de vida.

— Paciência. Liberta-nos a ambos.

— Talvez, talvez! — disse profética e intencionalmente o médico — Talvez! talvez!...

E dirigiram-se ambos ao quarto da doente.

* * *

Os dois homens entraram. A doente nem ao menos abriu os olhos. O seu leito lembrava um ataúde. O corpo nele prostrado, dava ideia de um cadáver.

Nuno demorou-se um momento com um sorriso de desdém nos lábios. Depois, reparando na comoção de que o cirurgião estava possuído, bradou-lhe:

— Já vejo, que tem o coração muito perto dos olhos! Ânimo homem!...

Dinis não respondeu. Aproximou-se da doente, apalpou-lhe a testa, e, limpando furtivamente uma lágrima, murmurou:

— Tem a morte... aos pés da cama...

Aos pés da cama estava o odiado marido...

— Terá — respondeu Nuno com a mais singular indiferença.

Em seguida como viu que era ali indesejada a sua presença, retirou-se, dizendo:

— Está por sua conta.

* * *

Dinis Dias sentiu o morgado sair da sala e descer a escadaria do solar. Levantou-se, correu à porta e, certificando-se que estava só, aproximou-se nervosamente da doente.

Maria erguendo para o céu os olhos embaciados pelas lágrimas, murmurou:

— Ah!... meu Deus... porque me não levas para ti?... Que mal fiz eu, Senhor?... Porque nos castigas tanto?... Ah!... protege-o Senhor... Protege o inocente... e castiga o criminoso...

E fechou novamente os olhos, cansada, extenuada, semi-morta.

Dinis Dias estava como petrificado, com os olhos vidrados de lágrimas.

Um momento depois, continuava ela:

— Protege-o Senhor... Traze-me a morte... mas leva-lhe a vida... A vida? Quem sabe se ele quererá antes a morte? Ah! a morte...

E calou-se.

Sùbitamente, o cirurgião debruçou-se para o leito murmurando a medo:

— Maria! O teu Gabriel está a teu lado.

E depositou-lhe castamente um beijo nos cabelos.

Ao calor daquele beijo e ao som suave daquela voz amiga, Maria abriu desmesuradamente os olhos, fitando o médico.

— Maria — tornou ele tirando duma bolsa de prata um anel de ouro. Maria, conheces-me? conheces isto?

Cena dramática!

Um choque eléctrico não produziria maior efeito sobre os frouxos nervos da doente.

— Bom Deus! — exclamou ela alteando a voz — Quem tenho ante mim? És tu?

Depois fazendo um supremo esforço sentou-se no leito; e erguendo os braços, suplicou alucinada:

— Gabriel, Gabriel!... meu único amor!

. . . . . .

Ocasiões há, em que a alegria toma aspecto de tragédia quando, como sucedeu agora, se apresenta sob o aspecto duma alegria emoldurada de tristura.

Maria, sem forças como estava, parecia sentir-se rejuvenescer, esta tarde. A alegria produz muitas vezes a morte. O seu drama estava no fim.

. . . . . .

Gabriel—o Dinis Dias do vulgo, o célebre cirurgião *de fora*—cingiu em seus braços musculosos o corpo descarnado da mulher que tanto amor lhe inspirara.

Terrível foi a comoção que sentiu ao contemplar aquela que outrora fora tão gentil... tão graciosa, tão bela!

Não parecia a mesma.

Infeliz mulher! Infortunado mancebo! A maldade e o egoísmo dos homens perdeu-vos no alvorecer da vida.

. . . . . .

E os dois olhavam-se extasiados, sem proferirem um só monossílabo,... inconscientes talvez da vida e dos perigos inesperados.

* * *

Maria era uma dessas criaturas que perdem a noção do ser, quando em contacto imediato com desmedida alegria, ou profunda tristeza...

Viver ou morrer era-lhe indiferente. Por que não? Não é a vida com todo o seu cortejo de alegrias e tristezas um fardo pesado? Não é a morte o descanso, o porto da paz?

Quantas vezes não desejou ela a morte?
Quantas vezes desesperou de viver?

Mas agora queria vida... muito vida. Era muito tarde. Atropos — a filha de Erebo — tinha-se sentado à cabeceira do seu leito. Laquesis retirava-se.

No entanto o pensamento dos dois amantes transmitia-se por olhares afogueados, por gestos inconscientes, por monossílabos incompreensíveis...

Mas tudo isto teve uma duração efémera.

Nuno, efectivamente, havia saído para a quinta

Não sei por que arte, momentos depois entrava ele na sala contígua à alcova da esposa: e entrava exactamente na ocasião em que ela precipitando-se nos braços do mancebo, bradava com transportes de veemente ternura:

— Gabriel! Gabriel! Como te amo, querido!

Uma nuvem de cólera, uma tempestade de ciúme apoderou-se dele.

Que desaforo!

Quem tinha em sua casa? Dinis Dias ou Gabriel de Vermelhim? Um cirurgião ou um degredado?

E com este pensar a escaldar-lhe a mente, lançou mão à primeira arma, que encontrou, entrando furioso no quarto da esposa, de florete em riste e pronto a atacar.

Maria estava encostada a um almofadão, segurando uma das mãos de Gabriel.

Este estava de pé, voltado para a porta, esperando a sangue frio o aparecimento do morgado.

— Eis o assassino — disse ela com voz débil, apontando o marido. Protege-me Gabriel. Mata esse malvado esse monstro que matou o pobre velho. Mata...

— Infames!... — exclamou Nuno na voz tremenda dum ciumento alucinado. Vil malandro!... Assaz...

E cresceu sobre Gabriel.

Uma detonação rápida explodiu; e o morgado caiu por terra mortalmente, sem poder concluir a última palavra a estrebuchar nas vascas da agonia...

* * *

É que no momento em que Nuno ia atravessar o coração de Gabriel, este desfechou-lhe em pleno peito uma pistola que trazia, exclamando ao mesmo tempo:

— Assassino!... infame!... cobarde!... só tu... É por tua causa perjuro, que eu venho de sofrer os rigores dum degredo infernal. Morre cão... Carcereiro dum anjo... Bandido... Vil canalha... Assassino de Gil.

Gabriel, sentindo o alvoroço que ia por toda a casa, calou-se.

É que ao estrondo produzido pelo tiro, corria toda a criadagem.

Maria, para salvar o amante, inclinou-se para ele, bradando ao mesmo tempo em tom autoritário:

— Pelo nosso amor! entrega-me essa arma. Exijo-to.

O mancebo, ignorando o fim, entregou-lha quase inconscientemente.

Quando um serviçal entrou na alcova, inquirindo a causa de tal balbúrdia, ela apontou-lhe o cadáver do marido, dizendo:

— Matei-o... Foi ele quem matou o Gil.

— Mas... matar um homem...

— Matei-o, porque ele me queria matar... Matei o meu carcereiro.

Estas palavras austeramente pronunciadas produziram seu efeito.

O criado, auxiliado por outro, levantou o corpo exangue do morgado, deitando-o numa cama, numa alcova próxima.

No quarto ficaram os dois: Maria e Gabriel. O que se lá disse, o que eles combinaram, jamais ninguém o soube.

* * *

Tudo corria em desalinho na casa fidalga do morgadio de Alvre e Gragido.

A morte de Nuno fora quase instantânea.

Nesse mesmo dia a justiça do termo correu ao local, indagando e devassando.

Havia, no conceito dos criados, uma testemunha: era o cirurgião. Mas esse — talvez impressionado com a tremenda catástrofe que acabava de presenciar — desaparecera poucos momentos depois.

Era impossível descobri-lo.

. . . . . .

No dia seguinte, na velha igreja da paróquia, celebrava-se pomposamente o funeral de Nuno.

E ao mesmo tempo que um corpo descia à sepultura coberto de opróbios e ódios duma esposa que — no seu parecer — só justiça fizera, um espírito forte, o espírito dessa mulher singularmente infeliz, despedia-se deste mundo de ilusões, cercada já do meirinho das justiças, que a julgava uma criminosa, quando ela havia sido simplesmente uma mártir do amor!

VI

Epílogo

« Memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris. »

PALAVRAS SAGRADAS — Genesis

Desde que Gabriel saíra da casa paterna jamais lá entrara um raio de alegria.

Mãe e irmã desfaziam-se em lágrimas; choravam o sangue filial e fraternal.

O velho Afonso Dinis abalado também com aquele incidente, envelhecera por tal forma que parecia um centenário.

Arrependera-se por não ter concedido ao filho a sua protecção; chegara, até, a ir ao Porto conversar com um desembargador das suas relações. Era já tarde.

O desgosto que se apoderou daquela família redundou num luto pesado, como de morte bem sentida.

Para o senhor de Vilar, porém, a medalha, como todas, tinha duas faces. Numa via um filho sofrendo os rigores dum clima ardentíssimo, padecendo sob

o peso de árduos trabalhos, aturando homens sem coração, sem dó e sem complacência pelas dores alheias. Noutra via um homicida, um homem que deslustrava os pergaminhos duma família, a honra duma geração.

E para um homem destes não havia comiseração alguma na alma de Dinis de Vermelhim.

Era singular este homem.

Quem dirá hoje, visitando as ruinosas relíquias da Tapada da Mata, que ali vivera, em tempos remotos, um homem de tão excêntricas e singulares virtudes?

Ninguém por certo.

E todavia o facto deu-se.

Não há no meu *romance*—deixem-me assim chamar-lhe—não há nesta história sòmente ficção romanesca. Tudo que aqui venho narrando é baseado em factos reais, que a tradição oral transmitiu através de muitas dezenas de anos.

E a tradição é fonte segura e limpa, onde bebe a História.

Mas vamos ao final do quadro.

* * *

Decorrera um ano após a saída de Gabriel para o degredo.

O velho pai, carregado de desgostos, mortificado pela dor e apoquentado pelos remorsos, adoecera gravemente. Lembrava-se então do infeliz:

— Ah!... meu filho... meu filho... Se te visse a meu lado!... Perdoa-me, filho! perdoa-me! Fui um cruel... fui injusto... Que Deus me não peça contas disso...

Uma febre intensa, seguida dum reumatismo crónico, fizeram-lhe perder o uso da razão. Então, nesses momentos alucinantes, o pobre pai exclamava comovido:

— Gabriel... perdoas-me?...

Outras vezes chamava-o em altas vozes:

— Gabriel! Gabriel — tragam-me cá o Gabriel...

. . . . . .

Foi descer bastante. Mas o ponderoso fidalgo era pai, e um pai por mais irascível que seja, cedo ou tarde, desculpa sempre a falta de um filho. Era o que estava sucedendo. O velho Vermelhim, de espessas barbas cor de neve, delirava frequentes vezes. E era Gabriel o assunto de seus discursos.

. . . . . .

E naqueles momentos, longe, muito longe, por terras nunca vistas, Gabriel, o mártir resignado, o herói singular deste romance, sofria os horrores duma vida dolorosa pagando com seu sangue inocente o crime dum homem que na sociedade passava por um modelo de honradez!...

Que grande engano o de Afonso de Vermelhim! Que monstruosa injustiça!...

* * *

Passaram-se anos.

Ninguém sabia por onde parava o famoso cirurgião que residira na formosa vila do Lima. Uns faziam-no morto, outros vivo. Um afirmava tê-lo visto morrer às mãos duma malta de ladrões no Faro de Anha; outro asseverava tê-lo encontrado vivo, em terras mui distantes, curando os seus numerosos doentes, enquanto servia de enfermeiro a um rico fidalgo dessas paragens.

O próprio Amaro Pauzinho — o criado, nada sabia.

Vira-o sair naquela madrugada primaveral, como se fora para um combate. Ouvira-lhe aquelas palavras derradeiras, que fixou como se fossem frases do Padre Nosso:

— «Adeus até um dia... ou até à eternidade.»

Havia aqui de misterioso o que quer que fosse. Amaro — que era sem tirar nem pôr o *Lobo do Monte* — pensando no caso, chegou a esta conclusão bastante racional:

— Morreu!...

* * *

Entretanto os tempos iam correndo.

Retrocedamos um pouco.

Da lista dos vivos, como é sabido, desapareceram dois nomes: o do morgado de S. Pelágio e o de sua esposa, a bela Maria de Barbeitos.

Contava-se no povo que, tendo aquele ensejo de se libertar da esposa, tentara assassiná-la.

Tinha sido infeliz — dizia-se — pois que ela, doente como estava e conhecedora das tenções do marido, lhe desfechara um tiro no peito...

E o povo compassivo dava jus à boa Maria... e maldizia do algoz.

Tinha razão.

O inocente jamais se deve culpar. Quem sofreu mais que ela? Pobre mártir... Tão nova! Tão boa! tão bela!... Que infelicidade!...

A justiça, contudo, quis ainda proceder. É lei. E à hora final, poucos momentos depois do enterro de Nuno, o meirinho geral com dois esbirros guardava atentamente a alcova da *homicida*...

Julgava ver ali uma mulher extraordinária, e não se enganava o rude procurador das justiças... Mas não era uma criminosa o que ele via, não. Era uma mártir, talvez uma santa!

* * *

Entardecia.

A doente fora perdendo a fala. Aos pés da cama só o frade, seu confessor, velava.

De vez em vez, entrava uma criada com caldo, ou com uma tisana para a doente. Era tarde... muito tarde.

Os sinos davam ainda sinal. A sineta do solar dobrava a finados.

Parecia o dia de *fiéis defuntos*.

O sol ia-se perdendo por trás da Guia, frouxamente, por entre nuvens.

Uma paz serena e campezina, abrigava toda a natureza. As avezinhas tinham emudecido; a aragem parara; e o mar deixara de rugir na sua voz de fabordão.

Dir-se-ia a semana santa.

A natureza — essa grande mãe comum — acolhe todos os filhos bons com um sorriso maternal. E quando a morte os procura, se ele é bom filho, se é santo, ou se a infelicidade o persegue... ela, a boa mãe, entristece-se, perde os movimentos e o sorriso maternal, gela-se-lhe nos lábios tal qual o sorriso silencioso e frio duma estátua de granito.

Era o que estava sucedendo na agonia de Maria de Barbeitos.

* * *

Era já noite. Frei António saiu da alcova, limpando furtivamente uma lágrima piedosa; e, voltando-se para o meirinho, disse tristemente:

— Podeis retirar-vos. O Anjo da Guarda acaba de lhe levar ao céu a sua alma imaculada. Pobre menina! Sabei que não era criminosa!

O oficial das justiças entrou no quarto e viu então à luz mortiça dum candeeiro de latão as faces lívidas dum cadáver.

Frei António entrou de novo na alcova; e, inclinando-se sobre o ouvido do meirinho, disse:

— Vede-a. Infeliz criatura!... Fitai-a bem. É uma inocente que está com certeza no céu. Pensais acaso, que foi ela quem matou o marido? Oh! enganais-vos. Ela não é uma homicida,... é uma santa,... é uma mártir!... Crede-o.

* * *

No dia seguinte, pouco depois do funeral de Nuno, no adro da pequena igreja, havia aberta mais uma campa, ao lado da do morgado.

Depois um cortejo triste, um préstito muito simples, entrou o fojo e depositou o cadáver.

O cura leu os últimos responsos. E quando os padres acabaram de entoar lùgubremente o *De profundis*, um lençol de húmida terra escondeu a sete palmos de fundo o corpo dessa inditosa mulher que aos vinte e poucos anos morria alquebrada de desgostos.

. . . . . .

E na terra solta do adro do presbitério, sobre a campa da infeliz, traçou frei António este simbólico epitáfio:

R. I. P.

«Aqui jaz quem morreu de Amor»

* * *

São passados cinco anos. No mosteiro de Benedictinos, de Palme, está moribundo um frade.

É um homem ainda novo, mas um dos mais rigorosos da comunidade: — é o irmão Lourenço.

A cama do moribundo está cercada de homens que limpam, amiúde, as lágrimas, nos rostos luzidios e avermelhados.

São os companheiros: padres e leigos de S. Bento.

Todos têm pena, porque ele é bom e é santo.

Nunca provocara ninguém e era muito obediente. Nunca o viram alegre: mas também jamais o viram chorar.

Permanecia quase sempre silêncioso e abstraído; passeando pela Cerca e pelos montes.

Alguma coisa o mortificava... O quê... ignorava-se.

Lourenço estorcia-se na agonia; mas a sua face tinha a palidez duma imagem; e os seus olhos, já sem brilho, tinham a placidez dum lago!

A agonia crescia, mas era a agonia dum justo — a última hora dum santo...

Lourenço ergueu os olhos ao céu e, endireitando as mãos, murmurou piedosamente, cheio de unção religiosa:

— Deus!... Senhor!... perdoai-me. Fui um pecador... desobedeci-te... Hoje sigo-te com toda a minha fé... Perdão... perdão... Cometi um cri...me, um crime, Senhor. Vós, Senhor! amais a justiça...

E eu, meu bom Deus... fiz justiça... Per...doai-me... perdoai-me...

Um dos presentes ajoelhou. Os outros seguiram-lhe o exemplo. Frei João da Cruz, o mais velho, rezou a oração da agonia.

O moribundo cerrou as pálpebras e, traçando com a mão direita uma cruz no ar, murmurou com dificuldade:

— Irmãos! — Perdoai... Em nome de Deus... eu... vos... aben...çoo...

— Amém — responderam os circunstantes.

Frei Lourenço inclinou a cabeça e articulou, já a custo, já a custo, estas palavras:

— Meu pai!... perdo...o-vos.

No entanto chegou o D. Abade para lhe dar a absolvição.

Todos se retiraram. O benedictino aproximou-se do moribundo e perguntou-lhe se desejava reconciliar-se, ao que ele respondeu negativamente. Apenas lhe murmurou ao ouvido algumas poucas palavras que muito impressionaram o frade.

Depois inclinando novamente a cabeça murmurou a custo:

— Senhor! Rece... be a mi... nha al... ma...

E expirou.

* * *

Dom João de Arga ficou perplexo com a revelação de frei Lourenço.

— É quase impossível que ele seja quem diz ser. Pobre velho... infeliz pai!... E sobretudo infortunado mancebo!... como a velhice o procurou na mocidade.

. . . . . .

Mandou depois um correio avisar a família e tratou de lhe preparar o funeral.

— Pobre rapaz!... quão desgraçado tens sido!... Se seguisses os conselhos de teu pai!...

E o frade, limpando ainda uma lágrima de compaixão, entrou novamente na cela mortuária, onde alguns leigos preparavam já o corpo de frei Lourenço, para a viagem da eternidade.

* * *

No dia seguinte na igreja do mosteiro celebravam-se pomposamente os ofícios fúnebres por alma do falecido.

Sobre um catafalco, a meio do templo, estava um cadáver macilento e desfigurado.

Era o do irmão Lourenço!

A um canto da igreja, soluçando amargamente e cobertas de rigoroso luto, estão duas mulheres e um mancebo.

Uma das mulheres, — que por seus trajes se distinguiam bem não ser plebeia — era já de idade.

Eram mãe e irmãos do defunto.

. . . . . .

Os sinos dobravam a finados — Delão! delão! Delim! delão! e os padres cantavam as últimas antífo-

nas, ecoando lùgubremente pelas abóbadas do tempo os últimos versículos do *De profundis clamavit*.

. . . . . .

E sobre a essa funerária, prestes a baixar à terra, repousava o corpo hirto e frio do irmão Lourenço, que outrora, no mundo, se chamara Gabriel de Vilar e Vermelhim.

ÍNDICE

INDICE

ÍNDICE

Razão de ser desta 2.ª Edição 7

PRIMEIRA PARTE

I — O Solar da Mata e a residência de Barbeitos . . 15
II — Continuação do Solar da Mata e a residência de Barbeitos 27
III — Um dia de Páscoa na aldeia. 35
IV — Segredos duma carvalheira 47
V — A avantesma de Barbeitos 63
VI — Noite de amor 75
VII — Os frades de Palme. 93
VIII — Continuam os frades de Palme 111
IX — Casamento forçado 127
X — Os latins de «frei Tonel» 151

SEGUNDA PARTE

I — Ciúmes 181
II — O filho pródigo 203
III — O degredado 221
IV — Na volta à Pátria 241
V — Um drama teatral 259
VI — Epílogo 271

ÍNDICE

Razão de ser desta 2.ª Edição 7

PRIMEIRA PARTE

I — O Solar da Mata e a residência de Barbeitos . . . 15
II — Continuação do Solar da Mata e a residência de Barbeitos 27
III — Um dia de Páscoa na aldeia. 35
IV — Segredos duma carvalheira 47
V — A avaleima de Barbeitos 63
VI — Noite de amor 75
VII — Os frades de Palme 93
VIII — Continuam os frades de Palme 111
IX — Casamento forçado 127
X — Os laços de «frei Tonel» 151

SEGUNDA PARTE

I — Cismes 181
II — O filho pródigo 203
III — O degredado 221
IV — Na volta à Pátria 241
V — Um drama teatral 259
VI — Epílogo 271

Este livro acabou de se imprimir a 24 de
Setembro de 1960, dia da homenagem ao
autor pelo seu cinquentenário de vida literária.

O SANTO E A DUMO
S. Martinho de Dume, na lenda
e na tradição — 1950 (esgotado)

O SENHOR REI E A VELHA
Episódio da vida de D. Carlos
(fora do mercado)

NOVOS CONTOS DO MINHO
1953

LEITE DE VASCONCELOS
ANIMADOR DOS NOVOS — 1958

MARRUCHO MENTIDEIRO
(na Col. Mosaico — 1959)

NA PRAIA
Separata 1960

ZÉ DO TELHADO NO MINHO
Fastos das Maltas de Ladrões — 1960

O SOLAR DOS VERMELHOS
2.a Edição — 1960

CONTOS QUE O POVO CONTA

Para o Prelo:

CONTOS DO NATAL

TERRA-ALTA
Novela Histórica

VELHARIAS DUMA ALDEIA
Monografia



Edição da
Papelaria «LIZ» — Barcelos

biblioteca municipal barcelos
15079
O solar dos vermelhos